



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



FLAVIANNE DOS SANTOS VIEIRA

O AMOR COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA PROSA DE TENÓRIO TELLES

MANAUS

2026

FLAVIANNE DOS SANTOS VIEIRA

O AMOR COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA PROSA DE TENÓRIO TELLES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração de Estudos Literários, sob orientação do Prof. Dr. Saturnino José Valladares López.

MANAUS

2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V658a	Vieira, Flavianne dos Santos O amor como experiência estética na prosa de Tenório Telles / Flavianne dos Santos Vieira. - 2026. 99 f. : il., color. ; 31 cm. Orientador(a): Saturnino José Valladares López. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Manaus- Amazonas, 2026. 1. Amor. 2. Crônicas. 3. Tenório Telles. 4. Viver. 5. Renovação. I. López, Saturnino José Valladares. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título
-------	---

FLAVIANNE DOS SANTOS VIEIRA

O AMOR COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA PROSA DE TENÓRIO TELLES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração de Estudos Literários, sob orientação do Prof. Dr. Saturnino José Valladares López.

Aprovado em 25 de março de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Saturnino José Valladares López – Presidente/Orientador (PPGL/UFAM)

Profa. Dra. Samanta Barreto Matos de Souza – Membro (PUC/SP)

Prof. Dr. Cacio José Ferreira (PPGL/UFAM)

Dedico, com todo amor que há em mim,
A Deus, minha fortaleza.

Ao meu filho amado, Miguel Lameira.

À minha avó-mãe, Maria Freitas.

Ao meu companheiro, Silvio Junior.

À minha irmã, Gisele Pâmela.

À minha família (pai, mãe, irmãos,
sobrinhas, tias, tios, afilhadas e primos).

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo meu coração a Deus, pai de amor, por nunca me abandonar, por sempre estar cuidando de mim e dos meus, por todo seu amor grandioso. Obrigada, papai do céu, por me encorajar e me sustentar durante todos os desafios da vida.

Ao meu filho amado, razão da minha vida: Miguel Lameira, por entender a minha ausência nos momentos de estudo e por ser meu combustível, a pessoa mais importante da minha vida.

Ao meu companheiro de vida, meu marido, Silvio Junior, por sempre embarcar comigo nas minhas escolhas, dando todo o apoio necessário e por compartilhar de bons e maus momentos.

À minha avó-mãe, Maria Freitas, e ao meu pai-avô (in memoriam), José Eduardo, que me sustentaram desde pequena e mesmo sem estudos, sempre acreditaram no poder da educação e lutaram para que seus filhos e netos estudassem.

À minha irmã, minha parceira de vida, Gisele Pâmela, por sempre me encorajar e se orgulhar de mim.

À minha tia Elcilene Santos, à minha amiga Hellen Rubens, à minha gestora Simone Araújo, ao meu pedagogo Hildemar Farias, por tornarem possível eu cursar o mestrado, obrigada por todo apoio e incentivo.

À minha família: Luciene Santos, minha mãe; José Crispim, meu pai; Denis Vieira, meu irmão; minhas tias e tios maternos: Gracilene Santos, Maria do Carmo, Gracilene Santos, Graciete Santos, Gracineia Santos, Elcilan Santos, José Santos, Edinei Santos, vocês são minha base e parte de quem sou.

À minha amiga, Fabiana Sarges, pelo incentivo e apoio para que eu tentasse a seleção de mestrado. Obrigada de coração!

Ao meu maravilhoso orientador, Dr. Saturnino Valladares, por me guiar pelos caminhos da pesquisa de forma tão respeitosa e humana, por entender os momentos de dificuldades e sempre me encorajar. Obrigada por contribuir de maneira tão significativa na minha formação acadêmica. Agradeço de coração!

Às minhas colegas de mestrado, pelos momentos felizes e angustiantes que passamos nesse processo.

À professora Dra. Samanta Matos e ao professor Dr. Cacio Ferreira pelas grandes contribuições e orientações na Qualificação da dissertação. Obrigada por todo conhecimento compartilhado e por serem tão cuidadosos e respeitosos com a pesquisa e com as palavras.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/AM), por todo ensinamento e conhecimento compartilhado. Vocês foram essenciais!

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM, por meio do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/AM) por oportunizar o ensino e a pesquisa e por tornar possível a realização desta pesquisa tão sonhada.

A mim, por ter concluído essa etapa, por não ter desistido, por ter resistido a todas as dificuldades, principalmente por ter enfrentado a mim mesma.

Muito Obrigada!

O homem só é verdadeiramente livre quando é capaz de pensar por si mesmo: refletir sobre o mundo, sua condição e seu papel na vida social. O conhecimento é a condição essencial para uma existência consciente e cidadã. O homem que vive na ignorância, refém dos seus medos e preconceitos, está privado da luz que revela a beleza e os mistérios das coisas. Não é livre e, portanto, não pode viver a plenitude de sua cidadania.

(Tenório Telles, Renovação 2013)

RESUMO

Esta dissertação propõe-se analisar as representações do amor na prosa de Tenório Telles, tendo como corpus de pesquisa algumas crônicas das obras *Viver* (2011) e *Renovação* (2013), bem como os contos “A sétima lua cheia” e “Os peitos de mamãe” publicados na coletânea *Edifício Marquês de Sade* (2014). Dentro do conjunto das crônicas pertencentes às obras, foram selecionadas oito narrativas: “Ser mãe”, “Uma mãe e sua dor”, “Carta a um amigo imaginário”, “Carta a uma amiga distante”, “O cachorrinho”, “Em defesa de Deus”, “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué” da obra *Viver*, além de “Tardes de chuva” da obra *Renovação*. A escolha destes textos foi motivada pela premissa de que neles há uma predominância temática do amor e, ainda, no intuito de abranger suas múltiplas representações. Inicialmente, busca-se estabelecer o percurso histórico e conceitual do amor romântico, considerando suas transformações ao longo do tempo e suas novas configurações na contemporaneidade. Em seguida, apresentam-se os conceitos de crônica, sua transformação e trajetória no Brasil. Por fim, examinam-se os contos e as crônicas selecionadas, a fim de identificar as expressões do amor no cotidiano construído pelo autor e as possíveis articulações entre essas narrativas e os referenciais teóricos adotados. A fundamentação teórica apoia-se nas reflexões Octavio Paz, Denis de Rougemont, bell hooks, Erich Fromm e Zigmunt Bauman, autores que oferecem diferentes perspectivas históricas, filosóficas e socioculturais sobre o amor. E ainda, em Antonio Candido e Afrânio Coutinho, a respeito da crônica. Nas narrativas analisadas, constatam-se múltiplas representações do amor. Estas evidenciam que o amor, na prosa de Tenório Telles, não se limita à experiência da paixão romântica, mas se expande para abarcar diferentes vínculos afetivos que estruturam a vida humana. Neste sentido, a presente pesquisa abre caminhos para novas investigações.

Palavras-chave: Amor. Tenório Telles. Crônicas. Contos. *Viver*. *Renovação*.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze representations of love in the prose of Tenório Telles, taking as its research corpus some chronicles from the works *Viver* (2011) and *Renovação* (2013), as well as the short stories "The Seventh Full Moon" and "Mommy's Boobs" published in the collection *Edifício Marquês de Sade* (2014). Within the set of chronicles belonging to the works, eight narratives were selected: "Being a Mother," "A Mother and Her Pain," "Letter to an Imaginary Friend," "Letter to a Distant Friend," "The Little Dog," "In Defense of God," "My Grandfather's Radio and Mr. Josué's Chronicles" from the work *Viver*, in addition to "Rainy Afternoons" from the work *Renovação*. The choice of these texts was motivated by the premise that they predominantly deal with the theme of love and also with the intention of encompassing its multiple representations. Initially, the study seeks to establish the historical and conceptual trajectory of romantic love, considering its transformations over time and its new configurations in contemporary society. Next, the concepts of chronicle, its transformation, and trajectory in Brazil are presented. Finally, selected short stories and chronicles are examined in order to identify the expressions of love in everyday life as constructed by the author and the possible connections between these narratives and the theoretical references adopted. The theoretical foundation is based on the reflections of Octavio Paz, Denis de Rougemont, bell hooks, Erich Fromm, and Zigmunt Bauman, authors who offer different historical, philosophical, and sociocultural perspectives on love. Additionally, Antonio Candido and Afrânio Coutinho are referenced regarding the chronicle. In the analyzed narratives, multiple representations of love are found. These show that in Tenório Telles's prose, love is not limited to the experience of romantic passion but expands to encompass different affective bonds that structure human life. In this sense, the present research opens pathways for new investigations.

Keywords: Love. Tenório Telles. Chronicles. Short stories. Living. Renewal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: PERCURSOS CONCEITUAIS: AMOR E CRÔNICA	17
1.1 O que é o amor?	17
1.1.1 O amor para os clássicos	17
1.1.2 O amor na Bíblia	23
1.1.3 O amor cortês	25
1.1.4 O amor na contemporaneidade.....	31
1.2 O que é crônica?	36
1.2.1 A crônica no Brasil	37
CAPÍTULO 2: O AMOR NA PROSA DE TENÓRIO TELLES	43
2.1 Análises dos contos e das crônicas	43
2.1.1 O amor em “A sétima lua cheia”	43
2.1.2 O amor em “Os peitos de mamãe”	50
2.1.3 O amor como salvação: crônica “Carta a uma amiga distante”	56
2.1.4 O amor materno:	61
2.1.4.1 “Ser mãe”	64
2.1.4.2 “Uma mãe e sua dor”	68
2.1.5 O amor e as recordações infantis em “O rádio do meu avô e as crônicas do seu Josué” e em “Tardes de chuva”	70
2.1.6 Amor aos animais em “O cachorrinho”	77
2.1.7 Amor e amizade na crônica “Carta a um amigo imaginário”	81
2.1.8 Amor a Deus na crônica “Em defesa de Deus”	85
CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

Tenório Nunes Telles de Menezes é um escritor amazonense. Ele é natural do município de Anori, interior do Amazonas, sendo oriundo da comunidade São Tomé, situada às margens do Rio Purus. O autor é doutor em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC- SP, sua pesquisa teve como título: “A poesia e o sagrado: Hölderlin e Murilo Mendes e a lírica da modernidade”, é mestre em Literatura e Crítica Literária pela mesma universidade, é formado em Letras- Língua e Literatura Portuguesa e em Direito, ambas pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM. É membro da Academia Amazonense de Letras, desde 2001. Sua produção é diversificada e inclui, entre outras obras, *Viver* (2014), *Renovação* (2013), *Canção da Esperança & outros poemas* (2011). Seu último lançamento foi em 2022, *Prelúdio Coral*, obra de poemas.

Além de suas obras, o autor tem se dedicado na organização e publicação das obras de escritores regionais, desta forma, ele assegura que obras singulares não se percam no tempo e sejam acessadas por novas gerações. É de suma importância destacar o papel fundamental de Tenório Telles na valorização da literatura amazonense. Graças a seu trabalho e a sua preocupação em valorizar a cultura e literatura amazônica temos hoje, por exemplo, acesso às obras como: *Aparição do Clown* de Luiz Ruas (1998), *Simá? Romance do Alto Rio Amazonas* de Lourenço Amazonas (2003), *O tocador de charamela* de Erasmo Linhares (2005), *Visgo da Terra* de Astrid Cabral (2005), entre outras. Tenório Telles reconhece a grande riqueza literária produzida no Amazonas, portanto, ele atua como uma ponte entre leitor e autor.

Telles também se destaca na tradução de obras espanholas. Em 2024, foi homenageado em Santiago de Compostela por seu trabalho de tradução e propagação da literatura espanhola no Brasil. Há uma pedra com versos do autor no jardim do Parque da Poesia, na Universidade de Compostela. Os versos grafados são pertencentes à obra *Prelúdio Coral*: “O canto do poeta inscreve-se na manhã: Pássaros brancos esgrimam com o vento”.

Ademais, dentre suas produções literárias, destacam-se duas obras de crônicas: *Viver* e *Renovação* e na poesia: *Canção da esperança e outros poemas* e *Prelúdio Coral*. Na sua escrita são imperativos alguns temas que refletem sobre a existência. Para isso, o autor constrói sua voz literária com temas recorrentes: memória, resistência, amor, morte, vida, utopia, Deus. Alguns deles são bem explícitos, já outros podemos encontrar nas entrelinhas.

Apesar da crônica não ser muito valorizada por muitos estudiosos, Telles consegue através delas apresentar um grande valor literário ao estabelecer um diálogo com o leitor ao revelar seu posicionamento a respeito da vida e do amor, ele não impõe uma verdade, ele

convida o leitor a refletir e fazer suas escolhas. Nesse sentido, Eagleton afirma que “Descrever o banal com uma linguagem extraordinária permitiria prender a atenção do leitor sobre temas que, no modo automático em que estava, não perceberia. Nem todo desvio linguístico vai fazer literatura, mas toda leitura literária deve ser uma experiência do sublime e um ato de desvelamento”. (Eagleton apud Lopes, 2013, p.28)

Além disso, o autor caminha para outros âmbitos da literatura, como por exemplo, o erotismo presente nos contos “A sétima lua cheia” e “Os peitos de mamãe” pertencentes ao livro *Edifício Marquês de Sade*, publicado em 2014. Os dois contos abordam o tema do amor e erotismo. A obra reúne 27 contos de diversos autores que apresentam narrativas que mexem com a imaginação do leitor ao entrar no mundo do edifício. Na apresentação do livro, o leitor é convidado a entrar e se aventurar, pois “a ideia é amolecer, rir, sorrir e chegar junto. Com este edifício, o que se quer é reverberar”. (Telles, 2014, p.07). Tenório Telles é um dos organizadores do livro e também autor dos dois contos em análise neste trabalho.

No campo da crônica, destacam-se as obras *Viver*, com a primeira edição publicada no ano de 2011 e a última publicada em 2014, composta por 24 crônicas e *Renovação*, publicada em 2013, reúne 37 crônicas. Nelas, Telles apresenta algumas reflexões sobre os múltiplos sentidos da vida, inclusive, sobre nossa existência humana, elaboradas a partir de uma leitura crítica da sociedade contemporânea, sem perder de vista a experiência cotidiana e os valores culturais da região amazônica.

A crônica, enquanto gênero textual, caracteriza-se pela atenção ao cotidiano e pelo olhar sensível voltado a acontecimentos simples aparentemente banais. Ao explorar essas questões corriqueiras, o cronista revela aspectos frequentemente despercebidos do cotidiano, convidando o leitor à reflexão. Com linguagem acessível, tom informal e extensão breve, a crônica se configura como um gênero de leitura fluida e prazerosa, capaz de articular experiência pessoal, observação social e crítica social.

Em relação à crônica, na apresentação do livro *Viver*, o escritor amazonense Zemaria Pinto observa que “a crônica, enquanto gênero literário, sofre incompreensão crônica: ora confundida com o conto, ora mero registro de banalidades, poucos são os escritores que conseguem manter o interesse pelo que se publicam sobre este rótulo”. (Pinto apud Telles, 2014, p. 07). Ele destaca que Telles produziu crônicas de alto valor literário em suas obras.

Ao se falar sobre conto, pode-se afirmar que ele é um dos gêneros literários mais lidos na contemporaneidade. Apesar de não se chegar a uma conclusão acerca da sua definição, ele é um gênero presente e versa sobre diversos temas através da ficção. Assim como a crônica, ele também é um gênero breve o que facilita o acesso e a preferência pela leitura, seja de

forma individualizada, seja na sala de aula. Ademais, o conto, em sua grande maioria, apresenta profundidade e complexidade literária em suas narrativas. Bosi considera que o conto tem o poder de concentrar toda a capacidade da ficção: “Proteiforme, o conto não só consegue abraçar a temática do romance, como põe em jogo os princípios de composição que rege a escrita moderna em busca do texto sintético e do e do convívio de tons, gêneros e significados” (Bosi apud Scalia, 1997, p.07).

O amor é um dos temas centrais da literatura e talvez nunca deixe de ser. Sendo assim, ele apresenta uma aparição constante, o que não o deixa ser esquecido: “A existência de uma imensa literatura cujo tema central é o amor é uma prova final da universalidade do sentimento amoroso. Enfatizo: o sentimento, não a ideia”. (Paz, 1994, p.35)

Neste sentido, o amor pode ser considerado um dos temas mais importantes. Ele pode influenciar o percurso da vida social e econômica. Para alguns, o amor pode ser considerado apenas um sentimento, mas para outros, o amor pode ser uma prática transformadora. A presença ou ausência do amor na sociedade, para algumas concepções, pode influenciar a construção de uma sociedade mais igualitária ou mais desigual.

Assim, falar de amor pode parecer ser uma tarefa fácil para algumas pessoas, talvez por ele estar presente no cotidiano, mas isso requer muito cuidado, pois, é necessário entendermos como foi construída a nossa concepção de amor, ela se mantém até hoje ou houve transformações? Outro ponto a ser observado é o fato de algumas pessoas considerarem que não é necessário falar de amor, pelo fato de achar que o ser humano já sabe amar. Diante disso, é importante pensarmos: É considerado amor somente o amor-paixão? Há outros tipos de amor? Quando falamos de amor de mãe, amor ao trabalho, amor à literatura, amor de amigo, amor à natureza, amor a Deus pode ser considerado amor? Já nascemos sabendo amar ou é necessário aprendermos?

É nesse olhar crítico transfigurado em crônicas e em contos que se decidiu como foco de pesquisa o tema do amor, pois se acredita que ele é um tema essencial e está presente constantemente na sociedade. No prefácio à edição brasileira do livro *Tudo sobre amor: novas perspectivas*, bell hooks faz uma convocação para que se regresse ao amor e falar dele pode ser revolucionário, já que o desamor é a ordem do dia do mundo contemporâneo. (Engler apud Hooks, 2021, p. 10)

Em *Viver*, o amor é um dos elementos de combate aos diversos problemas que a sociedade vem enfrentando: “Resistir, sonhar e amar são antídotos para os males que acometem este tempo de sombras e medo, de indiferença e egoísmo” (Telles, 2011, p. 09) Nesse sentido, acredita-se que as crônicas e contos analisados revelam a visão do autor sobre

a sociedade contemporânea e apresenta um pouco das suas vivências. Sendo assim, é de suma importância verificar como o amor é representado nas obras pretendidas.

A investigação orienta-se pelas seguintes perguntas: como o amor é desenhado nas crônicas e nos contos analisados? Quais formas de amor se manifestam nas narrativas? De que modo tais representações dialogam com diferentes concepções históricas sobre o amor?

A metodologia desta pesquisa é de caráter bibliográfico e analítico- interpretativo, buscando desvelar as representações do amor presentes na obra de Tenório Telles, a partir de uma leitura sensível e interpretativa dos textos literários (os contos e as crônica) enquanto expressões da experiência humana, tendo como base o pensamento de que o amor nos textos analisados se manifesta como princípio humanizador, antídoto à desumanização e linguagem de esperança no cotidiano para Telles. O corpus da pesquisa é composto por dois contos: “A sétima lua cheia” e “Os peitos de mamãe” publicados pelo autor na obra *Edifício Marquês de Sade*, e dentro do conjunto das crônicas pertencentes às obras *Viver* e *Renovação*, foram selecionadas oito narrativas: “Ser mãe”, “Uma mãe e sua dor”, “Carta a um amigo imaginário”, “Carta a uma amiga distante”, “O cachorrinho”, “Em defesa de Deus”, “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué” da obra *Viver* e “Tardes de chuva” da obra *Renovação*. A escolha destes textos foi motivada pela premissa de que neles há uma predominância temática do amor. E ainda, no intuito de abranger suas múltiplas representações. Como aporte teórico, serão utilizados: *A dupla chama: amor e erotismo*, de Octavio Paz; *Tudo sobre amor: novas perspectivas*, de bell hooks; *Arte de amar*, de Erich Fromm; *História do Amor no Ocidente*, de Denis Rougemont.

Portanto, a dissertação está estruturada em dois capítulos:

O capítulo 1 revisa, de forma sucinta, as concepções do amor paixão que surgiram ao longo do tempo e assim, aborda as transformações ocorridas sobre o que é o amor e como ele é entendido na contemporaneidade. A importância de se falar sobre amor é necessária, pois, para algumas pessoas, há a falsa ideia de que falar de amor é algo romântico, e para elas, pessoas que versam sobre esse tema são sonhadoras e fragilizadas. Mas na realidade, o amor pode estar entrelaçado em vários segmentos da vida, talvez seja o mais essencial.

Ainda o capítulo 01 versa sobre os conceitos de crônica. É necessário compreender o surgimento da crônica no Brasil, assim como, verificar suas transformações e sua função na sociedade contemporânea, como gênero literário. Esse capítulo é importante para a compreensão da crônica e ainda, para destacar o valor literário que ela possui, pois muitas vezes é desprezada por muitos leitores e autores.

Já o capítulo 02 apresenta as análises dos contos e das crônicas selecionadas. Na

análise dos contos “A sétima lua cheia” e “Os peitos de mamãe” buscou-se a manifestação do amor paixão atrelado ao erotismo. Nas crônicas, procurou-se localizar os tipos de amor e como eles são representados. Nas obras de Telles, é possível perceber a versatilidade de temas abordados e como eles estão ligados aos tipos de amor, por exemplo, a memória é responsável por nos apresentar o cotidiano construído pelo autor. E para finalizar, serão apresentadas as considerações e as referências desta pesquisa.

1. PERCURSOS CONCEITUAIS: AMOR E CRÔNICA

Este capítulo tem a finalidade de apresentar alguns conceitos de amor e de crônica que fundamentam esta pesquisa. Eles são essenciais para uma melhor compreensão do corpus analisado. Apresentar a complexidade do amor e compreender sua construção ao longo do tempo é fundamental para entender que ele vai além do sentimento e atravessa dimensões éticas, sociais e existenciais que são representadas nas obras de Tenório Telles.

Do mesmo modo, apresentar o conceito de crônica também é essencial para destacar a importância que ela representa na literatura. Sendo assim, este capítulo contribui para uma leitura crítica das representações do amor nas narrativas analisadas no capítulo 02.

1.1 O que é o amor?

A definição do amor é algo complexo. Ele está constantemente presente no nosso cotidiano e parece ser para algumas pessoas o centro da vida. Apesar da maioria das pessoas acharem que sabem o que ele é e defini-lo apenas a um sentimento, não conseguimos muitas vezes colocar sua totalidade em palavras. O amor permeia nossa existência, ele nos move de alguma forma. Mas o entendimento sobre sua definição não é o mesmo de sempre, ora ele apresenta marcas do passado, ora ele é totalmente oposto a ele. Durante o passar do tempo, ele ganha novos olhares e concepções que são marcados pela criticidade da forma como aprendemos sobre o amor. Nesse sentido, delimitamos abordar sobre o amor em quatro perspectivas: o amor para os clássicos, o amor no cristianismo, o amor cortês e o amor na contemporaneidade, este último trataremos do amor na visão de Hooks, Fromm e Bauman atrelados às obras de Telles.

1.1.1 O amor para os clássicos

Falar dos clássicos greco-latinos é essencial para nossa compreensão dos aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos que permeiam nossa sociedade, pois há uma enorme influência deles na filosofia, na política, na arte, na literatura.

A filosofia do amor surgiu na Grécia e Platão é considerado o primeiro filósofo do amor. “Sua influência ainda dura, sobretudo por sua ideia da alma; sem ela não existiria nossa filosofia do amor, ou então esta teria tido uma formulação muito diferente e difícil de

imaginar” (Paz, 1994, p.40). Para Platão o amor não é uma relação: é uma aventura solitária. Portanto, na concepção platônica o amor não está relacionado a duas pessoas, mas é uma travessia individual que busca na alma a beleza e a verdade. Paz considera que para encontrar as prefigurações e premonições do que seria o amor entre nós é necessário ir à Alexandria e à Roma, pois o amor nasce nas grandes cidades.

O primeiro grande poema de amor foi escrito por Teócrito no primeiro quartel do século III a.C: “A feiticeira”. e até hoje, apesar de ser lido em traduções que embora boas não deixam de ser traduções, conserva intacta sua carga passional. (Paz, 1994, p.51) A obra apresenta a história de Simeta que fora abandonada por seu amante Délfis. O abandono provoca em Simeta um conjunto de sentimentos: amor, ódio, rancor, desejo e despeito. Ela é incapaz de viver sem a presença do amado, porém não aceita a rejeição. Teócrito não somente traz o amor como tema do poema, mas também nos dá uma ideia da condição feminina da época. Contudo, o poema é tão presente na contemporaneidade, pois podemos encontrar muitas Simetas, seja na literatura, seja na realidade, de acordo com Paz.

Dois autores que merecem destaque no que diz respeito ao amor são: Safo e Catulo. Para Paz “A poesia de Catulo tem um lugar único na história do amor pela concisa e afiada economia com que expressa o mais complexo: a presença simultânea na própria consciência do ódio e do amor, do desejo e do desprezo.” Já em Safo, temos o homoerotismo feminino. (Paz, 1994, p.56). Eles contribuem de forma significativa para a construção do amor ocidental.

O conto de Eros e Psiquê é considerado uma das primeiras aparições do amor. Ele foi escrito por Apuleio e se encontra no livro *Metamorfoses (O asno de ouro)*. Eros, filho de Afrodite e de Ares, apaixona-se por uma jovem mortal: Psiquê que é a personificação a alma. De acordo com Pierre Grimal o conto foi inspirado em *Fredo* de Platão que aborda sobre o amor e a alma. De acordo com Paz:

Eros ama Psiquê e esta a Eros; por isso, muito prosaicamente, terminam por se casar. São inúmeras as histórias de deuses apaixonados por mortais, mas em nenhum desses amores, invariavelmente sensuais, figura a atração pela alma da pessoa amada. O conto de Apuleio anuncia uma visão do amor destinada a mudar mil anos depois, a história espiritual do ocidente. (Paz, 1994, p.32)

O amor de Eros e Psiquê ultrapassa os limites do corpo, é um amor correspondido. Psiquê enfrenta todo castigo que lhe é imposto, morre, mas retorna a vida e se torna imortal. Eros incumbido de executar os planos de vingança da mãe acaba por se apaixonar pela linda

jovem e resolve interceder à Zeus pela vida de sua amada. Podemos perceber que a trajetória de Psiquê é marcada pelo castigo, pela transgressão e pela redenção. Para Octavio Paz esses são elementos constitutivos da concepção ocidental do amor. Eles também estão presentes em Goethe na segunda parte do *Fausto*, em Wagner em *Tristão e Isolda* e o de *Aurélio*, de Nerval. (Paz, 1994, p.32)

Em *História do Amor no Ocidente*, Denis de Rougemont apresenta a formação da nossa concepção de amor. Para explicar nosso entendimento sobre o amor, ele analisa o mito de *Tristão e Isolda*. Diante dos pensamentos de Rougemont sobre o amor, Paz afirma que durante muito tempo o seguiu na ideia de que este sentimento era exclusivo da nossa civilização e que nascera em um lugar e período determinado: Provença, entre os séculos XI e XII. Para Paz

é preciso distinguir entre sentimento amoroso e a ideia do amor adotada por uma sociedade e uma época. O primeiro pertence a todos os tempos e lugares; em sua forma mais simples e imediata não é senão a atração passional que sentimos por uma pessoa entre muitas.. (Paz, 1994, p.35)

Sendo assim, o sentimento amoroso não pertence apenas ao Ocidente, ele está presente em todas as civilizações, ou seja, o amor é um sentimento universal. Para Paz “não há povo nem civilização que não possua poemas, canções, lendas ou contos nos quais a anedota ou argumento- o mito no sentido original da palavra- não seja o encontro de duas pessoas, sua mútua atração e os esforços e dificuldades que devem enfrentar para se unirem”. (Paz, 1994, p.34) O pensamento do amor no Ocidente se dá através da escolha:

No ocidente o amor é um destino livremente escolhido, quero dizer, por mais poderosa que seja a influencia da predestinação- o exemplo mais conhecido é a porção mágica que bebem Tristão e Isolda-, para que o destino se cumpra é necessária a cumplicidade dos amantes. O amor é um nó no qual se amarram, indissolúvelmente, destino e liberdade. (Paz, 1994, p.39)

Nesse sentido, podemos inferir que a liberdade de escolha faz parte do pensamento ocidental sobre o amor, apesar dos amantes estarem predestinados um ao outro, se não escolha e aceitação, não há amor.

É importante ressaltar que no ocidente o amor desabrochou frente a religião, fora dela e até mesmo contra ela. O amor ocidental é o filho da filosofia e do sentimento poético que transfigura em imagem tudo que toca. Por isso, para nós, o amor tem sido um *culto*. (Paz, 1994, p.40)

Uma das obras que nos revelam vários pensamentos sobre o amor é *O banquete*. Nela, são apresentados alguns discursos sobre o amor. Durante o encontro, o tema do amor surge quando Fredo questiona o fato de não se ter elogios ou discursos sobre o deus Amor e propõe que seja o tema do encontro:

- Não é estranho, Erixímaco, que para outros deuses haja hinos e peãs, feitos pelos poetas, enquanto que ao Amor todavia, um deus tão venerável e tão grande, jamais um só dos poetas que tanto se engrandeceram fez sequer um encômio? Se queres, observa também os bons sofistas: a Hércules e a outros eles compõem louvores em prosa, como o excelente Pródico — e isso é menos de admirar, que eu já me deparei com o livro de um sábio em que o sal recebe um admirável elogio, por sua utilidade; e outras coisas desse tipo em grande número poderiam ser elogiadas; assim portanto, enquanto em tais ninharias despendem tanto esforço, ao Amor nenhum homem até o dia de hoje teve a coragem de celebrá-lo condignamente, a tal ponto é negligenciado um tão grande deus! (Platão, 2003, p.08)

É importante ressaltar que Fredo traz a natureza do amor e o coloca como principal fonte de virtude e felicidade, ou seja, revela seus benefícios para os homens. “Assim, pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.” (Platão, 2003, p. 11). Esse pensamento dialoga com a representação do amor na obra *Viver*, na crônica “Carta a uma amiga distante”, o narrador afirma que o amor é um dos antídotos para os males que acometem a sociedade (Telles, 2014, p. 29). Nota-se a grande preocupação do autor ao representar nas suas narrativas a importância do amor como uma prática de vida e transformação da existência. Como se o amor fosse o emissor, propagador e intensificador de ações e virtudes na construção de uma sociedade justa.

Outras perspectivas acerca do amor apresentados em *O banquete*, aparecem nos discursos de Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão, Sócrates e Alcibíades. Podemos ressaltar o discurso de Aristófanes, nele o amor é explicado através do mito do Andrógino:

Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. (Platão, 2003, p.20)

Ao serem partidos ao meio por Zeus, eles desejam, incessantemente, buscar sua metade. “Cada um de nós portanto é uma tábua complementar de um homem, porque

cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento”.(Platão, 2003, p.22). Nesse contexto, pode-se explicar o mistério da atração universal:

o mito do andrógino não só é profundo como despertou em nós outras ressonâncias também profundas: somos seres incompletos e o desejo amoroso perpétua sede de completude. Sem o outro ou a outra não serei eu mesmo. Este mito e o de Eva, que nasce da costela de Adão, são metáforas poéticas, que, sem explicar realmente nada, dizem tudo o que há pra dizer sobre o amor. Mas não são uma filosofia e respondem ao mistério do amor com outro amor. (Paz, 1994, p.41)

Na obra *Renovação*, especificamente na crônica “Encontro”, há essa busca incessante e o desejo de completude. Na crônica, temos o encontro de dois jovens inquietos e esperançosos: Ulisses e Oceano:

Percorreram caminhos paralelos, viveram afastados e, por fim, encontraram-se. Ulisses, depois de muitas viagens pelos os caminhos do mundo, encontrou Oceano, mulher comprometida com a vida e cheia de aspirações. Enamorados – suas vozes se teceram em querer e sentimento. (Telles, 2013, p.24)

Fica evidente que o mito do andrógino ainda é muito presente em muitas obras contemporâneas. Tenório Telles também utiliza da representação desse mito nessa crônica, assim como, no conto “A sétima lua cheia” que será abordado com mais afinco no capítulo 02. Observa-se, ainda: “na contracorrente do tempo, as águas reuniram o destino de Ulisses e Oceano. O desejo de encontrar-se no outro se impõe sobre o medo e o sem sentido das coisas. No outro é que nos encontramos” (Telles, 2013, p. 27). O narrador parece descrever a representação do mito do andrógino: Ulisses e Oceano eram incompletos, viveram boa parte de suas vidas separados, mas faltava algo que os completassem. O encontro os une como se fossem um, a metade que faltava, completando o sentido da vida de ambos.

Nesse sentido, a atração que sentimos por um ser específico e a nossa busca incessante por uma outra pessoa que nos complete casa bem com a visão que temos sobre o amor, inclusive com os pensamentos de Octavio Paz quando ele se refere à atração como uma das características fundamentais do amor.

Outro discurso interessante que surge em *O banquete* é o de Diotima da Mantinéia, que fala sobre o amor numa sociedade onde a mulher era privada de participar da vida pública e intelectual, traz o discurso do pensamento socrático sobre o amor:

O amor não é simples. É uma mistura composta por vários elementos, unidos e animados pelo desejo. Seu objeto tampouco é simples e muda sem parar. O amor é algo mais que a atração pela beleza humana, sujeita ao tempo, à morte, à corrupção. Diotima continua: todos os homens desejam o melhor, começando pelo o que não têm. (Paz, 1994, p.43)

A complexidade do amor é posta por Diotima que traz como elemento principal o desejo, mas o amor vai além da atração, ele é resistente ao tempo, à morte, não seria essa concepção do amor que foi construída no ocidente? Para Paz, O discurso de Diotima não fala de amor e sim de erotismo, isso é o que Paz tenta distinguir do amor propriamente dito:

A ideia ou filosofia do amor é histórica e brota onde existem circunstâncias sociais, intelectuais e morais. Platão sem dúvida teria se escandalizado diante do que chamamos de amor. Algumas de suas lhe seriam repugnantes, como a idealização do adultério, o suicídio e a morte, outras o teriam assombrado, como o culto à mulher. E os amores sublimes, como o de Dante por Beatriz ou de Petrarca por Laura, pareceriam a ele doenças da alma. (Paz, 1994, p.45)

Nossa concepção contemporânea de amor distancia-se significativamente da filosofia de Platão. No discurso de Diotima, em *O banquete*, o amor é apresentado como uma ascese, uma escada que conduz da beleza sensível à busca da beleza em si, incorpórea e eterna, configurando-se como um caminho para imortalidade. Não se trata, portanto, do amor como o concebemos hoje, vinculado à experiência afetiva e subjetiva, mas de um movimento de elevação espiritual. Para Paz, esse amor não foi conhecido pela Grécia antiga nem como ideia e nem como mito (Paz, 1994, p.45). Ele ganhará essa nova roupagem a partir da Provença medieval. Ainda para Paz, “o amor de Platão não é o nosso. Podemos até dizer que sua filosofia não é uma filosofia do amor- é antes uma forma sublimada (e sublime) de erotismo”. (Paz, 1994, p.41)

Assim, nos clássicos, o amor aparece mais ligado a uma realidade existente do que uma experiência que surge entre os indivíduos, ou seja, como um princípio metafísico, uma força de elevação e contemplação do Belo. Posteriormente, o amor surge com outra dimensão ética e pessoal mais acentuada. Nesse contexto, torna-se necessário examinar como o amor é compreendido na Bíblia, na qual ele deixa de ser uma ascensão ao Belo para torna-se também mandamento, cuidado e relação com o outro.

1.1.2 O amor na Bíblia

O cristianismo tem seus ensinamentos pautados na *Bíblia* e tem como umas das principais figuras Jesus Cristo. Ele é marcado na crença de um deus único. Para algumas religiões monoteístas, e vamos nos delimitar ao Cristianismo, a escrita da palavra deus com a inicial maiúscula representa um nome próprio e simboliza um deus onipresente, onisciente e onipotente, criador de todas as coisas. Nesse sentido, podemos inferir pelo contexto apresentados nas crônicas analisadas que o deus citado refere-se ao cristianismo, também pelo fato de ser a religião mais imperativa no Brasil. E como as crônicas retratam o cotidiano, essa representação da realidade nos induz a isso.

Acredita-se que a *Bíblia Sagrada* estabelece forte influência não só na vida religiosa, mas também na vida social e até mesmo política das pessoas cristãs, como um manual de vida, portanto é imprescindível que falemos do amor na *Bíblia*, pois um dos seus principais ensinamentos é o amor de maneira geral. Nesse sentido, percebe-se que as crônicas de *Viver* se aproximam bastante da doutrina religiosa cristã. Na crônica “Coragem e fé”, por exemplo, inicia-se com uma súplica: “Meus Deus, é preciso coragem para viver. Coragem para continuar vivo, sonhando e acreditando na utopia”. (Telles, 2014, p.65) É um pedido implícito para que não se perca a coragem para enfrentar os desafios impostos pela vida. Ainda no segundo parágrafo, pode-se perceber uma lamentação e ao mesmo tempo um desabafo: “Ai, meu Deus, é preciso força para não ceder ao medo e à insegurança”. (ibidem). O narrador lamenta a complexidade da vida e admite que é necessário força para enfrentar as intempéries que surgem ao longo do percurso. Ao mesmo tempo, pode-se deduzir que há uma crença na resiliência humana ao viver com tantas ameaças e obstáculos, mas ela é alcançada através de Deus, pois é a ele quem o narrador recorre.

A partir disso, comparamos trechos de alguns livros da Bíblia que se assemelham com as ideias apresentadas nas obras de Telles sobre o amor. A começar pelo livro de Gênesis que significa origem, nascimento, mostra que o criador fez o homem e a mulher à imagem e semelhança dele, sendo assim, pode-se inferir que a origem do mundo e da humanidade é o primeiro ato de amor para o cristianismo. Mas diante da complexidade da criação, vamos nos ater a criação da humanidade: “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele criou; e os criou homem e mulher” (Bíblia [...], 1990, Gn, 1, 7, p.15).

Nesse sentido, o amor dos homens por Deus também é importante para que haja uma relação entre Criador e Criatura, como se pode perceber no primeiro mandamento: “mas quando me amam e guardam os meus mandamentos, eu os trato com amor por mil gerações”

(Bíblia [...], 1990, Ex, 20, 6, p. 92).

Sendo assim, o amor entre os homens, no cristianismo, surge com Adão e Eva que geraram a primeira família. A família é a base para a formação do homem para que ele siga o caminho correto. É lugar de abrigo, amor, companheirismo, etc. “O homem se uniu a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim. E disse: ‘Adquiri um homem com a ajuda de Javé’. Depois ela também deu à luz Abel, irmão de Caim [...]” (Bíblia [...], 1990, Gn, 4, 1-2, p.17). Na crônica “Famílias que fazem a diferença”, Telles aborda sobre o papel fundamental da família para que o ser humano tenha um esteio e reconhece que sem a família não suportaríamos tanta dor e sofrimento: “A família foi um dos sustentáculos da civilização ao longo dos tempos. Sem seu aconchego e proteção o ser humano não teria sobrevivido à barbárie, às guerras e tragédias que acometeram a sociedade humana”. (Telles, 2014, p. 83). Pode-se afirmar que para o narrador muitas pessoas encontram na família o amor necessário para viver feliz e para superar as adversidades da vida. Aqui, ele afirma a importância do amor familiar para a construção de uma sociedade equitativa e ética.

Por conseguinte, tem-se no Novo Testamento o nascimento de Jesus Cristo que novamente representa o amor de Deus pela humanidade. Jesus Cristo traz um novo mandamento que está diretamente ligado ao amor ao próximo: “Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros”. (Bíblia [...], 1990, Jo, 13, 34, p.1376).

As atitudes humanas negativas, causadas pela falta de amor, vão à contramão do ensinamento deixado por Jesus Cristo que, por sua vez, representa a salvação do mundo. O filho de Deus que deu sua vida para que a humanidade não morresse. Essa atitude é considerada um dos mais belos atos de amor para os cristãos: “Ele tomou o vinagre e disse: ‘Tudo está realizado’. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito”. (Bíblia [...], 1990, Jo, 19, 30, p. 1384).

Através das crônicas de *Viver* e *Renovação*, podemos perceber que há muito dos pensamentos sagrados. Na crônica intitulada “Viver”, por exemplo, temos a ideia de que o homem deve ser bom: “Viver é ter coragem de ser bom, num mundo dominado pela injustiça e pela ambição”. (Telles, 2014, p. 12). Em outro trecho, temos a afirmação de que somos todos irmãos:

Viver é compreender que não estamos sozinhos no mundo. Que fazemos parte de uma grande família que se chama vida. Viver significa que devemos exercitar a nossa cidadania, participar da luta pela construção de um mundo novo, fundado no respeito a todos os seres, na tolerância e na fraternidade.

Afinal, o que somos? Independentemente da cor de nossa pele e de nossos olhos, somos todos irmãos. (Telles, 2014, p. 12)

Todos esses quesitos são persistentes na composição das crônicas. O amor fraterno aparece nas passagens bíblicas e é imperativo nas páginas de *Viver e Renovação*. Fica claro que o autor demonstra uma preocupação imensa com a existência humana e acredita que ela se transforma ao longo do tempo, o que aumenta a esperança em dias melhores.

Sendo assim, também na crônica intitulada “Louvação” de *Renovação*, o narrador apresenta uma definição do amor de uma forma mais geral, pautado num trecho bíblico:

O apóstolo Paulo, numa das passagens mais celebradas do livro sagrado, expressou a força transformadora do amor: “Ainda que tivesse toda a fé, / a ponto de transportar montanhas, / se eu não tivesse o amor, / eu nada seria”. Mais do que uma palavra, “amar” é uma atitude diante da vida e dos seus semelhantes. Um molde de ser fundado no respeito e no cuidado com o próximo e com o mundo. (Telles, 2013, p.95)

Aqui se há a confirmação de que a construção do conceito de amor na obra literária analisada é uma atitude, uma prática, uma das bases principais para a humanidade. O amor para o narrador vai além do poder, do ter, ou seja, ele é imprescindível na vida do ser humano, como se o ser da humanidade precisasse ser construído através do amor.

Portanto, a Bíblia traz em suas narrativas diferentes tipos de amor que norteiam o ser humano cristão a viver em harmonia e para que pratique o bem. E ainda, para que a humanidade lute contra tudo aquilo que a leva ao pecado ou perdição da alma, ou seja, ela está entre o bem e o mal e precisa do amor como base para manter sua aliança com Deus e para que o mundo não pereça. Algumas crônicas de Telles parecem caminhar nesse sentido.

Contrapondo esse pensamento, vale lembrar que, apesar de toda transformação que hoje o cristianismo traz sobre o amor, ele surge com uma concepção de amor diferente, com a finalidade em si mesmo, no qual há uma negação do ser humano para alcançar a salvação. O casamento surge como peça fundamental para a constituição da família que tudo deve suportar para se manter íntegra. Após, surge o amor cortês que vai à contramão do que é imposto pela igreja. Ele é um elemento fundamental para a construção da nossa concepção de amor no ocidente.

1.1.3 O amor cortês

O amor cortês possui uma força histórica e simbólica que atravessa o tempo no qual

fora criado. Alguns dos seus fundamentos ainda persistem na contemporaneidade. Assim, é fundamental relembrar seu surgimento e suas características.

Sendo assim, o surgimento do amor cortês não foi fruto da religião, diferentemente do Oriente, “no ocidente, ao contrário, desde o princípio a filosofia do amor foi concebida e pensada fora da religião oficial e, às vezes, frente a ela” (Paz, 1994, p.38). Ainda de acordo com Paz:

o amor aparece século XII, na França, não como um delírio individual, uma exceção ou extravio, mas como um ideal de vida superior. Ressalta ainda que o surgimento do amor cortês tem algo de milagroso, pois não está ligado a uma pregação religiosa ou a uma doutrina filosófica, ele foi criado por um grupo de poetas no meio de uma sociedade reduzida: a nobreza feudal do sul da antiga Gália. (Paz, 1994, p. 70)

Afastado das doutrinas religiosas, o amor refinado ou amor cortês traz uma representação simbólica do sistema feudal (senhor e vassalo). Nesse modelo, a mulher ocupa um lugar central: trata-se de uma dama nobre, socialmente superior ao amante, muitas vezes casada. Já o amante, assume a posição de servo, prestando sua fidelidade e submissão. A mulher se torna uma idealização. O tema é sempre o amor, um amor hétero. Diferentemente do eros platônico que excluía a mulher.

Uma das características principais do amor cortês é o aparecimento da mulher como superior, soberana, por isso “O aparecimento do amor cortês seria inexplicável sem a evolução da condição feminina”. (Paz, 1994, p.74). A poesia trovadoresca que tematiza esse amor desenvolve-se em língua vulgar, e não em latim, sinalizando uma ruptura com a igreja e afirmando o surgimento de um novo código de amor.

Quanto à denominação amor cortês:

O termo ‘amor cortês’ reflete a diferença medieval entre corte e villa. Não o amor villano- copulação e procriação – mas sim um sentimento elevado próprio das cortes senhoriais. Os poetas não o denominaram amor cortês; usaram a expressão *fin’ amors*, que quer dizer, amor purificado, refinado. Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução. Uma ascética e uma estética. (Paz, 1994, p. 70)

Ainda de acordo com Paz, o século XII foi o século de nascimento da Europa; é nele que surgem grandes criações de nossa civilização, entre elas duas das mais notáveis: a poesia lírica e a ideia do amor como filosofia de vida. (Paz, 1994, p.70)

Os poetas criaram um código de amor que ainda hoje é vigente na nossa sociedade, e

foram responsáveis pelas formas básicas da lírica no Ocidente. Muitos fatores históricos contribuíram para o surgimento do amor cortês, como por exemplo, os senhorios feudais, as cruzadas que propiciaram o contato com o mundo oriental. (Paz, 1994, p. 71)

Para o escritor mexicano Octavio Paz:

A história do ‘amor cortês’, suas mudanças e metamorfoses, não é só a de nossa arte e literatura: é a história de nossa sensibilidade e dos mitos que incendiaram muitas imaginações desde o século XII até nossos dias. A história da civilização do ocidente. (Paz, 1994, p. 91)

Nesse sentido, o amor cortês nos deixou heranças que contribuíram para nossa imagem do amor, através dele, surge uma nova concepção do amor e também da mulher. Ela passa a ocupar um lugar central na experiência amorosa, é venerada e é fonte de transformação moral do seu amante. É importante ressaltar que há a idealização da mulher e esse olhar é masculino.

Algumas características do amor cortês deixam marcas no mundo moderno. “No curso destes oito séculos, teria mudado o arquétipo que nos legaram os poetas provençais?” é uma pergunta que Paz faz ao leitor, em sequência responde: “Nenhuma dessas mudanças alterou, em sua essência, o arquétipo criado no século XII”. Para ele:

Há notas ou traços distintivos do amor cortês- não mais de Linco [...] que estarão presentes em todas as histórias de Amor de nossa literatura e que além disso, têm sido a base de diferentes ideias e imagens que sempre tivemos sobre esse sentimento desde a idade média. Algumas ideias e convenções desapareceram, como a de ser casada a dama e pertencer à nobreza ou serem de sexo distinto os apaixonados. O resto permanece, em conjunto de condições e qualidades antitéticas que distinguem o amor das outras paixões: atração/escolha, liberdade/submissão, fidelidade/traição, alma/corpo. Assim, o verdadeiramente assombro é a continuidade da nossa ideia do amor, não suas mudanças e variações. (Paz, 1994, p.94)

No capítulo “Um sistema solar”, ele afirma que o amor é o tema central de homens e mulheres ocidentais, pois a maioria das obras literárias representavam suas paixões amorosas (Paz, 1994, p. 93). Para o autor, mesmo diante do tempo que nos separa do amor cortês e as mudanças ocorridas durante esse período, não foram capazes de alterar a essência do arquétipo do amor criado no século XII.

De fato, essas características do amor cortês se fazem presente, a exclusividade, a elevação do amor, a fidelidade absoluta ainda são elementos exigidos para que se considere como amor. E ainda, esses ideais ecoam na literatura, no cinema e são evidentes no cotidiano.

Em seu ensaio *A dupla chama: amor e erotismo*, Octavio Paz apresenta um panorama da história do amor e o define como:

[...] atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo- sem forma visível que entra pelos sentidos- não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira. (Paz, 1994, p. 34)

Diante das variações que o amor se manifesta, Paz utiliza um método mais próximo da geografia para desenhar os limites entre o amor e as outras paixões como um esboço do contorno de uma ilha no arquipélago. (Paz, 1994, p. 96). Em seu ensaio, ele apresenta as diferenças entre amor e outros afetos, como: amizade, família, religião. Logo em seguida, ele determina os elementos constitutivos da nossa imagem do amor, sendo eles: exclusividade; obstáculo e transgressão; domínio e submissão; fatalidade e liberdade; corpo e alma. Eles podem ser reduzidos para três: “a exclusividade, que é amor a uma só pessoa; a atração que é fatalidade livremente assumida; e a pessoa, que é corpo e alma” (Paz, 1994, p. 117). Esses elementos serão analisados também no conto “A sétima lua cheia”, no capítulo 2.

Sendo assim, a crônica “Encontro” apresenta traços do amor cortês. A narrativa fala de recomeço e para exemplificar seus pensamentos, o narrador lembra-se de uma história que conhecia sobre o encontro de dois jovens apaixonados chamados de Ulisses e Oceano que seguiam caminhos diferentes, até então. Em forma de diálogo direto, temos a voz das personagens externando seus motivos de distanciamento e seus sentimentos.

Uma das características presente do amor cortês é a idealização da mulher, Ulisses nos dá a entender que sua amada é um porto seguro, um lugar de acolhimento. Oceano se configura não apenas como uma personagem concreta, mas também como princípio redentor:

Ulisses: “Querida oceano, perdoe-me pelo silêncio. Temi as consequências afetivas de nosso encontro. Embora tenha me sentido bem ao seu lado, o receio de que os sentimentos, que pulsavam em mim, afluíssem me deixou inquieto e com muitas dúvidas. Debati-me entre o querer e o não querer, entre ancorar no teu porto ou seguir minha viagem, minha história... Fiz da minha vida um combate: persegui sonhos e miragens... Nesta luta sofri derrotas, fui ferido, mas estou vivo e o coração ainda pulsa. Hoje, cansado de tantos embates, sinto falta de um porto seguro, de aconchego e ternura... Errei tantas vezes, tive medo de ser feliz e por isso, fui abandonado pela ventura. Tua sinceridade me encorajou a desder no teu ancoradouro... Trago alegrias, esperanças e lições para compartilhar...” (Telles, 2013, p.24)

O sofrimento também é um dos elementos para legitimação do amor. Ulisses passa por

muitas provações até reencontrar Oceano. Sua vida de viajante oferece muitos combates, medos, derrotas, abandono. Ele reconhece que é errante e também luta contra seu próprio desejo que parece só aumentar com a distância e o tempo.

No entanto, o amor aparece não apenas como um sentimento, mas também como uma transformação existencial. Oceano parece representar uma referência moral e afetiva:

Oceano: “Ulisses, esperei tanto por ti. Sabia que um dia chegarias ao porto para me ensinar os segredos e lições do grande mundo”. Estou “sentada à mesa e observo o vapor que foge da caneca de café. Olho tua imagem: aquela que fizeste aparecer, como que por um toque de mágica, em meus pertences: uma fotografia em que teu olhar contemplativo mira o infinito e, em teus lábios, figura o esboço suave de um sorriso. Estava em paz, meu querido! Essa mesma paz que me envolve agora com suas mãos macias e generosas” (Telles, 2013, p. 25)

Além disso, podemos destacar três elementos constitutivos do amor abordados por Octavio Paz: a exclusividade, pois o amor é direcionado a uma única pessoa: “Interessa-me, cada vez mais, saber viver e navegar contigo por essas águas o mais longe que seja possível” e ainda em: “Ulisses descobriu-se em Oceano e teceram juntos novas rotas neste marvida que nos conduz” O obstáculo aparece como um conflito interior que impediu por muito tempo esse reencontro, principalmente o medo. Já o elemento pessoa (corpo e alma) pode ser identificado não somente no olhar contemplativo, no sorriso, nas mãos macias, mas também no coração que pulsa, na simbologia do porto seguro, corpo e alma parecem se tornar um: “no outro é que nos encontramos”. (Telles, 2013, p.27)

Em *História do Amor no Ocidente*, no prefácio à edição de 1956, Rougemont afirma que o objetivo central da obra é descrever o conflito necessário da paixão e do casamento no Ocidente. (2003, p.20). O autor faz uma observação entre cátaros e trovadores e contrasta Éros e Ágape de uma maneira demasiado irremediável que não dá margens às formas de passagem sem as quais não poderíamos viver. Para o autor, a história do amor cortês está profundamente associada ao movimento cátaro, uma vez que ambos se desenvolveram no mesmo contexto histórico. Além da coincidência temporal, há uma proximidade conceitual entre os dois, especialmente no que diz respeito à visão dualista presente na doutrina cátara — que reconhece a coexistência do bem e do mal e, os ideais do amor cortês, que frequentemente incorporam essa tensão entre pureza e desejo.

Rougemont considera a obra *Tristão e Isolda* um mito, pois ela é marca a literatura no ocidente e até hoje inspira nossa concepção de amor. Diante disso, percebe-se a força de *Tristão* em influenciar e simbolizar nossa ideia de amor:

Ora, eu me proponho a considerar Tristão não uma obra literária, mas um tipo de relação entre homem e mulher num determinado grupo histórico: a elite social, a sociedade cortês e impregnada de cavalaria dos séculos XII e XIII. Esse grupo, na verdade, desapareceu há muito tempo. Entretanto, suas leis são ainda as nossas, de uma forma oculta e difusa. Profanadas e renegadas por nosso código oficiais, essas leis tornaram-se ainda mais incômodas, pois somente exercem poder sobre nossos sonhos. (Rougemont, 2004, p.29-30)

Diante desses pensamentos sobre o amor, podemos inferir que nosso conceito de amor romântico carrega traços do amor cortês e ainda, é construído cotidianamente, através de discursos que são propagados, ou seja, acreditamos que o amor é algo instintivo, natural do ser humano, mas na verdade é uma escolha:

A história da paixão de amor, em todas as grandes literaturas, desde o século XIII até nossos dias, é a história da decadência do mito cortês na vida “profanada”. É a narrativa das tentativas cada vez mais desesperadas de Eros para substituir a transcendência mística por uma intensidade comovida. Mas, grandiloquentes ou lamuriosas, as figuras do discurso apaixonado, as “cores” da sua retórica, nunca serão mais do que exaltações de um crepúsculo, promessa de glória jamais cumpridas... (Rougemont, 2004, p.236-237)

A essência do amor cortês é enfraquecida, ou seja, o amor cortês entrou em decadência, sua forma de amor idealizado é corrompida e se distancia da sua originalidade, do amor idealizado, puro. O cotidiano se mistura a esse amor que não consegue mais transcender, o que se apresenta agora é essa intensidade comovida.

Para Rougemont, o caráter mais profundo do mito é poder exercer sobre nós, geralmente alguma revelia. Ele considera que o Tristão não é uma obra literária, mas um tipo de relação entre o homem e uma mulher, num determinado grupo histórico: a elite social, a sociedade cortês e impregnada de cavalaria dos séculos XII e XIII. Esse grupo, na verdade, desapareceu há muito tempo. Entretanto, suas leis ainda são ainda as nossas, de uma forma oculta ou difusa. Profanadas e negadas por nossos códigos oficiais, essas leis tornaram-se ainda mais incômodas, pois somente exercem poder sobre nossos sonhos.

Portanto, é importante reconhecer que o amor cortês moldou profundamente nossa concepção de amor e ele ainda continua operando em muitos segmentos, assim como no cotidiano. Mas é crucial ressaltar que a contemporaneidade nos traz um novo cenário, marcado pela quebra do tradicionalismo, trazendo, assim, novas perspectivas. Nesse contexto, é essencial verificar como amor se configura na contemporaneidade. Quais características

persistem e o que se transformou.

1.1.4 O amor na contemporaneidade

Reconhecer que o amor apresenta uma pluralidade de manifestações na sociedade, na literatura, na arte, é importante para sua reflexão na contemporaneidade. Na literatura, ele deixa de ser apenas voltado para o romantismo, o amor idealizado e apresenta outras formas, construídas por relações de amizade, de amor materno, de amor-próprio, de amor aos animais, de amor a Deus, entre outros. Essas relações nos permitem ter uma visão plural do amor. É nesse contexto, que as obras de Tenório Telles analisadas se inserem, elas trazem uma representação das experiências humanas encontradas no cotidiano.

Nesse sentido, o amor aparece como um gesto concreto, um exemplo disso seria o amor ao ensino, ao conhecimento, como podemos perceber na crônica “Carta a uma amiga distante”: “Pedi a Deus que me protegesse daquilo, que não me permitisse que minha paixão pelo saber e pela vida arrefecesse. Sobretudo, o meu amor pelos livros”. (Telles, 2014, p. 27) e também, na crônica “Uma professora e sua escola”: “Professora Tereza plantou no coração e na consciência as sementes do amor ao conhecimento e da perseverança” (Telles, 2014, p. 61).

Diante disso, podemos encontrar um dos pensamentos sobre o amor na atualidade: o da autora Bell Hooks que defende a ideia de que precisamos entender o amor como ética de vida, sendo necessário abandonar a ideia de que o amor é apenas um sentimento.

Em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, Hooks acredita que o amor pode ser transformador e libertador. Ela não se refere somente ao amor paixão, e sim a todas as suas formas. Suas reflexões sobre o amor, nessa obra, configuram-se como uma das novas concepções de amor presentes na contemporaneidade. Para a autora, falar de amor na contemporaneidade é revolucionário, já que o desamor é mais praticado na sociedade.

A representação do amor nas obras de Telles conversa com essa ideia apresentada por Hooks. Ele sugere em suas obras o pensamento de que o amor deve ser uma prática cotidiana e contribui para a humanização da sociedade. Nesse sentido, pode-se afirmar que para o autor, o amor na contemporaneidade, além de ser um elemento pertencente à experiência humana, é uma das principais ferramentas de transformação da sociedade, na busca de reafirmar os valores morais e éticos para a construção de um mundo melhor.

Para a autora, o cinismo é um dos sentimentos que mais prejudica a prática do amor: “A cultura jovem de hoje é cínica em relação ao amor. E esse cinismo vem do sentimento

dominante de que o amor não pode ser encontrado. [...] No fim das contas, o cinismo é uma grande máscara para um coração decepcionado e traído” (Hooks, 2021, p.32/33). Podemos perceber, na crônica “Em defesa de Deus”, que o cinismo também é percebido como um empecilho para prática do amor, no entanto, ele vai além da cultura jovem, pois o narrador se refere à sociedade: “Sinto-me constrangido com toda essa insanidade e esse cinismo”. (Telles, 2014, p. 96).

Outro ponto levantado pela autora é o fato de encontrarmos tutorias para todas as dimensões da sexualidade, até para a masturbação, mas não encontramos escolas de amor. Não há manual, não há instruções. A autora deixa claro que as pessoas tem receio de falar de amor, muitas ficam nervosas ou assustadas quando se falam no assunto. Sobre um dos motivos Hooks afirma:

Todo mundo supõe que saberemos, instintivamente, como amar. Apesar das esmagadoras evidências contrárias, ainda aceitamos que a família é a escola primordial do amor. Daqueles de nós que não aprendemos como amar em família, espera-se que experimentem o amor em relações românticas. Contudo, esse amor geralmente nos escapa. E passamos a vida inteira desfazendo os danos causados pela crueldade, pela negligência e por todas as formas de desamor que vivenciamos em nossa família de origem e em relacionamentos nos quais simplesmente não sabíamos o que fazer. (Hooks, 2021, p.42)

A autora defende que “somente o amor pode curar as feridas do passado”, no caso, seria o amor como ética de vida, como ação. No entanto, para ela, “a intensidade de nossos ferimentos frequentemente nos leva a fechar nosso coração, tornando impossível retribuirmos ou recebermos o amor que nos é dado”. Como caminho para que nosso coração se abra para o poder e a graça do amor, a autora afirma que devemos ousar reconhecer que sabemos pouco sobre o amor, tanto na teoria quanto na prática. E ainda, devemos encarar a confusão e a decepção em relação ao fato de que muito de nós foi ensinado a respeito da natureza do amor não faz sentido quando aplicado à vida cotidiana. (Hooks, 2021, p.42,43)

Ela explana ainda, a dificuldade de se definir a palavra amor. Para ela, “se a nossa sociedade tivesse um entendimento estabelecido quanto ao significado do amor, o ato de amar não seria tão confuso” (Hooks, 2021, p. 45). Ela critica o fato das definições de amor dos dicionários enfatizarem o amor romântico, mas a afeição profunda não é descrita de forma adequada ao significado do amor. (ibidem)

Talvez a autora tenha exemplificado as definições do dicionário por serem livros mais acessíveis o que nos leva a pensar que a grande maioria das pessoas recorre ao uso do

dicionário em busca de significados. Entretanto, essas definições não são suficientes e acabam por delimitar ou até mesmo generalizar o significado da palavra amor.

Ela também questiona sobre a definição do amor, na grande maioria dos livros, não apresentar uma definição clara. Para ela isso contribui para que as pessoas considerem difícil definir a palavra amor. Portanto, para Hooks:

Imagine quão mais fácil seria aprender como amar se começássemos com uma definição partilhada. A palavra “amor” é um substantivo, mas a maioria dos mais perspicazes teóricos dedicados ao tema reconhece que todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma ação. (Hooks, 2021, p.47)

Ao procurar por anos uma definição significativa da palavra amor, Hooks afirma ter encontrado num clássico de autoajuda do psiquiatra M. Scott Peck, *A trilha menos percorrida*: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual, publicado em 1978. Ele define o amor reverberando o trabalho de Erich Fromm:

A vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa. O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade-isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar. (Peck apud Hooks, 2021, p. 47)

Nesse sentido, o amor pode configurar-se como uma vontade escolhida, a crônica “Viver” aborda sobre a escolha: “Viver é saber que na existência temos que fazer escolhas- e que as escolhas erradas podem nos trazer muitos dissabores” (Telles, 2014, p.11). Escolher é inevitável, a todo o momento estamos escolhendo algo, isso implica muito no ser que nos tornamos.

Em relação ao amor, muitas pessoas acreditam que ele não é complexo, portanto não precisariam aprender sobre ele, ou até mesmo falar, debater. Sobre isso, Erich Fromm, em *A arte de amar*, no capítulo O amor é uma arte? aponta três premissas que levam muitas pessoas a acharem que não precisam aprender sobre o amor:

Não que as pessoas achem que o amor não é importante. Elas estão sedentas de amor; assistem a um sem-número de filmes sobre histórias de amor felizes e infelizes, ouvem centenas de canções de quinta categoria sobre o amor – e, no entanto, quase ninguém acha que tenha o que aprender em relação ao amor. (Fromm, 2015, p.01)

A primeira premissa é de que a maioria das pessoas acha que o problema do amor é de “ser amado” e não o de “amar”. É como se o ser humano pensasse: para ser amado, querido, aprovado, eu preciso ser poderoso, só assim eu garanto minha felicidade:

Para elas, o problema é como ser amado, como ser digno desse amor. Para alcançar tal objetivo, seguem vários caminhos. Um especialmente trilhado pelos homens, é ser bem-sucedido, ser tão poderoso e rico quanto permite a margem social de sua condição. Outro, especialmente percorrido pelas mulheres, é ser atraente, cultivando o corpo, a elegância, etc. (Fromm, 2015, p. 02)

Encontramos esse pensamento em várias crônicas de *Viver*, há uma crítica ao poder e ao desejo aguçado de ter esse poder que acaba levando o ser humano para o caminho da individualidade e da indiferença diante das injustiças que o mundo possui. Na crônica “Juventude transviada”, por exemplo, temos: “Por vivermos numa sociedade permissiva e consumista, perdeu-se o sentido da própria vida e os valores se inverteram: o ter triunfou sobre a nobreza. Neste mundo de virtualidades, ser feliz é ter dinheiro, poder e, principalmente, ostentar”. (Telles, 2014, p. 36). Na crônica “Carta a uma aluna” há um alerta: “Tome cuidado com o poder. É um mostro insidioso que se apossa das almas de suas vítimas”. Ambos os autores, Fromm e Telles, veem o poder como um grande empecilho para busca do desenvolvimento do amor. Fromm de maneira mais direta e Telles de forma bem incisiva.

Hooks afirma que “uma vez que a escolha deve ser feita para alimentar o crescimento, essa definição se opõe à hipótese mais amplamente aceita de que amamos instintivamente”. A autora concorda com o pensamento de Peck que o amor é uma escolha e defende que amar não é algo instintivo. Diante desse pensamento, Hooks afirma que

A afeição é apenas um dos ingredientes do amor. Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes- cuidado, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como a honestidade e comunicação aberta. (Hooks, 2021, p.47)

As narrativas de Telles parecem concordar com Hooks sobre os ingredientes citados por ela. Esses ingredientes aparecem nas crônicas como valores humanos. Nelas, é enfatizada a importância de não se perder esses valores e como eles são essenciais para a construção de um mundo novo. E o caminho para a construção desse mundo tem como um dos ingredientes principais o amor, além da poesia e da resistência. Na crônica “Cultivar as virtudes”, pertencente ao livro *Renovação*, temos:

Os valores sociais são criados para nortear o comportamento dos indivíduos, para orientá-los nos seus atos e convívio com os outros. Nesse sentido, a família, a igreja e a escola têm um papel determinante na conservação e transmissão dessas regras de conduta. Nasceram como uma necessidade da civilização: um antídoto para a ambição, para a intolerância e para a violência que imperava nas sociedades primitivas que fazem parte de natureza humana. A partir do estabelecimento dessas regras de conduta, a vida social tornou-se possível. O cultivo das virtudes é imprescindível na formação dos indivíduos. (Telles, 2013, p.116)

Outro pensamento sobre o amor é do sociólogo Zygmunt Bauman, no texto da quarta capa da sua obra *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), afirma que “A modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos — um amor líquido”. O autor aborda sobre as diversas relações e as compara com a liquidez, pois há uma constante mudança e flexibilização nos laços afetivos, o que torna as relações passageiras e não duradouras. Em *Viver*, podemos encontrar na crônica intitulada “Viver” um pouco do pensamento do cronista ao falar das relações humanas:

Viver é ter coragem de ser bom, num mundo dominado pela injustiça e pela ambição. É ser capaz de atitudes de delicadeza e bondade. De acreditar nos valores humanos e na liberdade. É crer que o mundo tem jeito- e fazer-se um operário de mudança e na construção de uma sociedade onde o ser humano será considerado e respeitado não pelo poder ou dinheiro, mas pelo exemplo e pela grandeza do seu coração. Viver é acreditar na força da esperança e da justiça. Viver é crer na força libertadora da claridade, da poesia e da bondade. (Telles, 2014, p.12)

O narrador mostra toda sua oposição aos efeitos que o capitalismo provoca na sociedade. Ele deixa evidente que o homem deve resistir às seduições que visam à dominação e alienação da sociedade. Os valores humanos tidos como princípios de uma sociedade ética se corrompem pelo desejo do ter, ou seja, pelo consumismo. Na crônica “Carta a uma amiga distante” Telles afirma que “os valores foram profanados, inclusive o amor que se vulgarizou e foi enquadrado pelos padrões da religião e ajustados às demandas do mercado”. É notório que os pensamentos de Telles em relação ao amor são de que o amor perdeu sua verdadeira essência e passou a ser mercadoria do capitalismo, ou seja, uma ferramenta para gerar lucro.

Há vários autores que versam sobre o tema do amor, mas nos detivemos aos pensamentos de Hooks, Fromm e Bauman, pois acreditamos que suas perspectivas se aproximam da visão de amor representadas nas narrativas de Telles, uma vez que elas também apresentam o amor como uma prática e um bem para existência.

1.2 O que é crônica?

A palavra crônica pode nos remeter a diversos significados dependendo da área e do tempo em que ela é empregada. Em seu primeiro sentido, a palavra crônica está ligada a ordem cronológica dos fatos. Etimologicamente a palavra crônica origina-se da palavra grega Khronos, que significa tempo. Segundo Coutinho, “é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica”. (Coutinho, 2004, p. 120).

A origem da palavra crônica também estar relacionada à mitologia grega, de acordo com o *Dicionário de símbolos*:

Cronos, o mais jovem dos titãs, filho de Urano, encerra a primeira geração dos deuses cortando fora os testículos do pai. Para não ser destronado por causa da progenitura, segundo a predição de seus pais, devora os próprios filhos logo que nascem. Reia, sua irmã e esposa, foge para Creta a fim de dar à luz Zeus. E em lugar do menino, dá a Cronos, para comer, uma pedra. Adulto, Zeus ministra a Cronos (Saturno) uma droga que o faz vomitar todos os filhos que engolira. Com auxílio deles, Zeus acorrenta Cronos, mutila-o, e abre a segunda geração dos deuses. (O’Connell, 2016, p. 364)

Ainda de acordo com o *Dicionário de símbolos*, Cronos é muitas vezes confundido com o tempo (Chronos), do qual se tornou a personificação para os intérpretes antigos da mitologia. Como tantas vezes acontece, tais interpretações, se bem que fundadas num jogo de palavras, exprimem assim mesmo uma parte de verdade. Cronos mesmo que não seja identificado a Chronos, tem o mesmo papel do tempo: devora, tanto quanto engendra; destrói suas próprias criações, estanca as fontes da vida, mutilando Urano, e se faz fonte devoradora da vida, o desejo insaciável. Muito mais que isso: com ele começa o sentimento de duração e, mais especificamente, “o sentimento de uma duração que se esgota, i.e., que extravasa e passa entre a excitação e a satisfação” (Dies apud O’Connell, 2016, p.115)

Sobre isso, Hanciau (2024) afirma que Cronos é a personificação do tempo. E, de acordo com uma das abordagens teóricas dos mitos clássicos, sua lenda pode ser lida como uma alegoria, um modo de expressão ou interpretação usado no âmbito artístico e intelectual, trazendo a idéia de que o tempo, em sua passagem fatal, engole tudo o que é criado e tudo o que é criatura:

A palavra chegou em nossa língua depois de passar pelo latim e hoje encontra-se como radical de muitos termos etimologicamente ligados ao sentido original. O dicionário Houaiss dirá que cronografia é a biografia de um soberano; sabemos que crônico/a em medicina é aquele paciente ou

aquela doença que dura muito tempo; cronônimo é um designativo de divisões do tempo; cronograma, um gráfico que prevê prazos para a execução de um trabalho; obedecer à ordem cronológica é dispor fatos na ordem temporal em que aconteceram. O crôniqueiro, por sua vez, é o redator incumbido de crônica, cronista (seria um cronista inferior em acepção pejorativa,). Portanto, mesmo que se encontrem em dicionários outras variantes do étimo de crônica, nenhuma delas deixa de radicar-se ao sentido original de cronos (tempo). (Hanciau apud O’Connell, 2024, p.71)

Nesse sentido, podemos perceber que a origem da palavra crônica e suas variações estão fortemente relacionadas ao tempo. Ele é fundamental para compreendermos o contexto histórico, social, político e cultural de qualquer sociedade, inclusive, o amor que o atravessa com suas primeiras concepções, suas fixações e suas transformações ao longo dos anos.

1.2.1. A crônica literária no Brasil

Para melhor compreensão da crônica e sua evolução no Brasil, faz-se necessário compreender a que lugar ela pertence dentro dos gêneros literários. Na obra *A literatura no Brasil*, no capítulo 57 – “Ensaio e Crônica”, Coutinho estabelece, de acordo com a concepção do fenômeno literário adotada como princípio diretor da obra, a divisão dos gêneros literários:

Os gêneros literários dividem-se em dois grupos: aqueles em que os autores usam um método direto de se dirigir ao leitor, e aqueles em que os autores o fazem indiretamente, usando artifícios intermediários. Ao primeiro grupo, em que há uma explanação direta dos pontos de vista do autor, dirigindo-se em seu próprio nome ao leitor ou ouvinte, pertencem: o ensaio, a crônica, o discurso, a carta, o apólogo, a máxima, o diálogo, as memórias. (Coutinho, 2004, p. 117)

Ainda de acordo com Coutinho, a crônica, em um primeiro momento, tinha um caráter de relato histórico, ou seja, era um gênero histórico. Esse sentido prevalece até hoje em algumas línguas como no inglês, no francês, no espanhol, no italiano, mas não no português:

Todavia, a partir de certa época, a palavra foi ganhando roupagem semântica diferente. “Crônica” e “cronista” passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo. Ao que parece, a transformação operou-se no século XIX, não havendo certeza se em Portugal ou no Brasil. Publicavam então os jornais de uma seção, via de regra semanal (daí Machado de Assis ter adotado o pseudônimo de “Dr. Semana” para as crônicas de *A Semana*), de comentários de assuntos marcantes (ou que marcaram o espírito do artista) da semana. (Coutinho, 2004, p. 121)

A crônica, portanto, pertencia ao jornalismo, ela era publicada em seção de jornais sobre assuntos que marcavam a semana. Porém, sua definição, com o passar do tempo, começa a ganhar outro significado:

O uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou-se por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia. Assim, “crônica” passou a significar outra coisa: um gênero literário em prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. “Crônicas” são pequenas produções em prosas, com essas características, aparecidas em jornais e revistas. A princípio, no século XIX, chamavam-se as crônicas “folhetins”, estampados em geral em rodapés dos jornais (*feuilletons*- folhetins). (Coutinho, 2004, p. 121)

Na crônica “O folhetinista” de Machado de Assis de 30 de outubro de 1859, o autor além de definir folhetim e folhetinista, ele apresenta características das crônicas que são entendidas até hoje:

...O folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Esses dois elementos, arredados por pólos, heterogêneos como água e fogo, casaram-se perfeitamente na organização do novo animal.

Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à levandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio.

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; solta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo mundo lhe pertence; até mesmo a política. (apud Coutinho, 2004, p.121-122)

Coutinho chama atenção para o valor menor dado à crônica, uma vez que há uma insistência na relação da crônica e do jornalismo e o isolamento de gênero literário. O autor ressalta que a crônica evoluiu e apresenta bom gosto literário, pois o cronista é revelado nela. “Tão característica é a intimidade do gênero com seu veículo natural que muitos críticos se recusam a ver na crônica, a despeito da voga de que desfruta, algo durável e permanente, considerando-a uma arte menor”. (Coutinho, 2004, p.123) Para embasar seu pensamento, Coutinho cita Tristão de Athayde: “uma crônica num livro é como um passarinho afogado”. Coutinho ressalta que de qualquer modo, é certo que a crônica somente será considerada

gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e individualidade do autor. (Coutinho, 2004, p.123)

Quanto ao valor dado à crônica, Antonio Candido, em “A vida ao rés-do-chão”, afirma que:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imaginaria a literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem pensaria em atribuir o prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, - seria o caso de dizer, porque assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura, como dizem os quatro cronistas deste livro na linda introdução ao primeiro volume da série. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente, porque ela elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza, e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado a um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

(Candido, 1992, p.13)

Sendo assim, Candido apresenta um paradoxo, ao revelar que a crônica é um gênero menor, ele não se refere ao fato dela ser sem importância, mas sim ressalta o poder que ela possui. Ao mesmo tempo em que a crônica capta a vida cotidiana, ela também humaniza. O autor destaca que na sua simplicidade e despreensão, esse gênero revela uma profundidade de significado, e ainda, com uma linguagem acessível, o que alcança muitas pessoas. Nesse sentido, o autor reconhece o alto valor literário que a crônica possui:

a crônica sempre está ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga de verdade da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, — sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

(Candido, 2003, p.89)

É possível visualizar que as crônicas de Tenório Telles apresentam essa simplicidade, essa despreensão, além da brevidade. Contudo, elas carregam uma grandeza de significados, de representações que merecem ser exploradas. O autor consegue abarcar vários temas presentes no dia a dia, provocando reflexões acerca da nossa existência. Uma simples partida de futebol, a lembrança de uma professora, um atendimento bancário, entre outros,

conseguem envolver o leitor, levando-o a pensar criticamente através de situações que muitas vezes não visualizamos no cotidiano.

Ainda de acordo com Candido, a crônica “consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava” (Candido, 1992, p. 14-15). Ele atribui essa particularidade da crônica, justamente, ao fato dela não ter a pretensão de durabilidade, por ela não ter sido feita, originalmente, para o livro e sua perspectiva ser do simples rés-do-chão, ou seja, folhetins.

O autor considera ainda que a crônica poderia ser considerada um gênero literário brasileiro, pois “no Brasil ela tem boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que se desenvolveu” (Candido, 1992, p.15). Ele explica que a crônica foi antes folhetim, ou seja, “um artigo de rodapé sobre as questões do dia- políticas, sociais, artísticas, literárias” (ibidem). De acordo com Coutinho:

A crônica, ligada à idéia da grande imprensa, como ficou dito, só vem a aparecer no Brasil com a feição que lhe é reconhecida hoje, nos meados do século XIX, quando os jornais evoluem para um tipo de *sui generis* de empresa industrial. As crônicas de Machado de Assis já indicam a presença de cronistas categorizados que imitam o exemplo da imprensa inglesa. Mas a crônica vem a incorporar-se aos hábitos da nossa imprensa, quando se deu o desenvolvimento da imprensa com a sua modernização, ao serem adotadas as ilustrações a pena e os clichês fotográficos, quando se aumenta o número das edições. Dispondo de maior espaço o jornal se enriquece de atrativos e, com o noticiário, o grave artigo de fundo e das seções ordinárias, transforma a crônica em matéria cotidiana, com recreio do espírito, amável, brilhante cintilação da inteligência. Multiplicam-se por sua vez as revistas ilustradas e essas publicações semanais tendem a valorizar dois gêneros que só então adquirem expressão definitiva no território da imprensa brasileira: a caricatura e a crônica. (Coutinho, 2004, p. 123)

Ainda segundo o autor, o fato do jornal ter surgido e crescido no Brasil sob a atmosfera do Romantismo contribuiu para que nas crônicas predominasse, desde suas primeiras manifestações, o acento lírico. Ele chama nossa atenção para observarmos os jornais da época e verificarmos que a crônica tinha o papel de entreter. Ela abordava assuntos da semana ou do mês de maneira leve, e assim conseguia uma boa assimilação dos leitores. Os assuntos giravam mais em torno do mundo feminino e moldavam as atitudes e os comportamentos da vida social brasileira. (Coutinho, 2004, p. 123)

Muitos cronistas foram os primeiros romancistas, “uma vez que o romance urbano ou

de costumes era por assim dizer um desenvolvimento natural da crônica”. Coutinho destaca a obra pitoresca *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Ele ressalta que

A crônica brasileira propriamente dita começou com Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) em folhetim no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (2 de dezembro 1852). Também no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro assinou ele um folhetim semanal até 1854. É o advento dos românticos. (Coutinho, 2004, p. 124)

Para Coutinho, foi José de Alencar que elevou a crônica a mais alta categoria intelectual, pois Alencar substituiu Francisco Otaviano no folhetim do *Correio Mercantil* (1854) e suas crônicas eram publicadas alternadas com a de Manuel Antônio de Almeida numa seção chamada “Páginas menores”, logo pelo título podemos verificar o valor menor que é dado às crônicas. Entretanto, a crônica abriu caminho para os romancistas, afeiçoando os leitores contemporâneos às suas fantasias de um lirismo transbordante.

Alencar apresentava uma doçura, uma beleza e encantamento nas suas crônicas, mas, às vezes, deixava suas inquietações e apontamentos sobre os acontecimentos. Isso não agradou muitas pessoas e o autor acabou se desligando do *Correio Mercantil*. Coutinho afirma que esse fato ocorrido com Alencar revela que “a crônica pode torna-se um poderoso agente de correção dos costumes, ainda quando tenha ares de um passatempo frívolo” (Coutinho, 2004, p.125).

É notório na literatura brasileira que há uma manipulação pela preferência dos seus leitores, não somente a crônica traz esse aspecto de moldar os costumes, outros gêneros também são responsáveis por isso. Muitos autores são frutos de influências de jornais, editoras, pessoas influentes que ditam quem é ou quem não é importante e o que deve ser lido.

A crônica brasileira trazia em seu bojo a mistura de realidade e fantasia. Essa influência veio de autores estrangeiros:

[...] um cronista do século passado enveredava à vontade pelo mundo da fantasia com enorme deleite para os seus leitores. As sugestões vinham de cronistas estrangeiros, mas principalmente de Almeida Garret, cuja obra por ele mesmo havia sido classificada como inclassificável — *Viagens na minha terra* — influiu de um novo espírito o folhetim, no Brasil. (Coutinho, 2004, p.125)

No Brasil, tivemos vários autores conhecidos que foram cronistas: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, entre

outros. Há autores que são conhecidos por serem cronistas: Rubem Braga, por exemplo.

Algumas crônicas parecem ser mais leves por se tratar de algo corriqueiro, banal ou despercebido, mas na verdade carregam uma forte crítica ao tema apresentado, sobre isso Candido afirma que “por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia”. (Candido, 2003, p.89)

Assim, podemos afirmar que a crônica tem um papel fundamental na literatura. Através dela, o leitor consegue experienciar narrativas de forma prazerosa, atrativa e ao mesmo tempo com abordagens sérias, não deixando de despertar estranhamento, inconformismo:

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que, conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (Candido, 2003, p.90)

Neste sentido, podemos inferir que a crônica é um gênero literário na qual o autor apresenta ao leitor o seu olhar para o cotidiano, emitindo suas impressões e reflexões sobre os fatos observados. Desta maneira, ela tem como objetivo, levar o leitor à reflexão sobre a temática abordada. Essa reflexão acontece através da perspectiva do cronista, posteriormente, com as nossas, isso nos ajuda a olhar o cotidiano de forma mais aguçada e valorizar aquilo que parece não ter importância, mas que nos revelam um mundo de indagações sobre temas que precisam ser abordados.

Nas obras *Viver e Renovação*, de Tenório Telles, percebe-se que o autor constrói uma literatura que perpassa, em muitos momentos, pela memória do cronista. As narrativas representam o cotidiano marcado pelas experiências e observações do cronista, através das suas lembranças. Nesse sentido, infere-se que a memória é um das principais ferramentas para a construção das crônicas analisadas, e estas contribuem para a eternização dessas memórias.

Este capítulo teve por finalidade apresentar algumas concepções de amor ao longo do tempo e ainda, abordar de forma sucinta sobre o surgimento da crônica e seu valor literário. Contribuindo de maneira significativa para a construção do segundo capítulo que trará as análises das narrativas escolhidas, no intuito de identificar os tipos de amor diluídos no cotidiano apresentado por elas.

2. O AMOR NA PROSA DE TENÓRIO TELLES

Este capítulo tem a finalidade de identificar a representação do amor nos contos e nas crônicas de Tenório Telles. Dentro do universo de suas obras, foram escolhidos dois contos: “A sétima lua cheia”, “Os peitos de mamãe” e oito crônicas: “Carta a uma amiga distante”, “Uma mãe e sua dor”, “Ser mãe” “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué” juntamente com “Tardes de chuva”, “Carta a um amigo imaginário”, “O cachorrinho” e “Em defesa de Deus”. Essas narrativas foram escolhidas, pois se acredita que elas abordam sobre o amor, algumas as tendo-o como tema principal e outras de forma secundária.

2.1 Análises dos contos e das crônicas

Os contos “A sétima lua cheia” e “Os peitos de mamãe” analisados neste capítulo fazem parte do livro *Edifício Marques de Sade* publicado no ano de 2014. Tenório Telles é um dos organizadores do livro. Os contos tratam do tema do amor e do erotismo. As análises foram feitas, principalmente, a partir dos pensamentos do autor mexicano Octavio Paz em seu ensaio *A dupla chama: amor e erotismo*.

Na análise das crônicas encontram-se outros tipos de amor: amor materno, amor aos animais, amor a Deus, amor aos amigos, amor nas recordações infantis, o amor como salvação da humanidade. É importante ressaltar que os temas estão interligados e as crônicas refletem uma única finalidade: nossa existência.

2.1.1 O amor em “A sétima lua cheia”

O conto “A sétima lua cheia” foi publicado na obra *Edifício Marquês de Sade* em 2014, a narrativa tem como principais temas o amor e o erotismo. O conto possui duas personagens: o narrador-personagem, que não é possível saber seu nome, e Morgana, sua amante. O enredo gira em torno do primeiro encontro sexual do casal e das exigências de Morgana para que isso aconteça. Ela é apresentada pelo seu amante como uma mulher que acredita na força da lua, no poder dos números, nos cristais. Sendo assim, exige que o primeiro encontro seja na sétima lua cheia.

Neste contexto, podemos identificar no conto os cinco elementos constitutivos do amor estabelecidos por Octavio Paz em *A dupla chama: amor e erotismo*:

O primeiro elemento é a exclusividade. “A exclusividade é a exigência ideal e sem ela não há amor”. (Paz, 1994, p.107) Um aspecto fundamental da exclusividade apontado por Paz é a reciprocidade. “O amor é individual ou, mais exatamente, interpessoal: queremos unicamente uma pessoa e pedimos a ela que nos queira com o mesmo afeto exclusivo” (Paz, 1994, p.106) Esse elemento traz o amor único, amamos uma única pessoa e espera-se dessa pessoa reciprocidade. “O amor único, embora poucas vezes se realize integralmente, é a condição do amor”, sem a exclusividade não há amor. (Paz, 1994, p.108). Portanto, a exclusividade, como amor único, está presente no conto “A sétima lua cheia”. Morgana e seu amante aparentam ter um relacionamento que é recíproco de sentimentos, já convivem há algum tempo, apesar de ainda não terem consumado o ato erótico. Mas é notório que ambos nutrem amor um pelo outro, há reciprocidade e exclusividade. Ela considera que seu amante seja um dos milagres da vida: “Até gosto quando diz que sou um milagre na sua existência.” (Telles, 2014, p.81).

O segundo elemento é o obstáculo e a transgressão. Os amantes enfrentam obstáculos de ordem geográfica, social, espiritual, econômica: “o amor tem sido contínua e simultaneamente interdição e infração, impedimento e contravenção”. (Paz, 1994, p.109). Ainda sobre esse elemento, Paz destaca a força subversiva da paixão amorosa ao se revelar no amor cortês, que é uma dupla violação do código feudal, uma vez que a dama deve ser casada e o apaixonado deve ser de uma categoria inferior.

No conto “A sétima lua cheia”, a dificuldade de achar o espaço exigido por sua amada pode ser um empecilho para que o amor do casal se desenvolva, já que é um dos desafios enfrentados pelo amante: “Onde vou encontrar um jardim disponível? As cidades comeram suas florestas. O lençol de linho egípcio e as pétalas, tudo bem. Mas o jardim!” (Telles, 2014, p.81), o que nos leva ao segundo elemento: obstáculo e a transgressão. O desejo de Morgana na escolha do espaço também se configura uma transgressão, uma vez que ultrapassa um interdito.

O terceiro elemento é o domínio e a submissão: “o apaixonado escolhe, voluntariamente, sua senhora e, ao escolhê-la, escolhe também sua servidão [...] a dama de alta linhagem esquece, voluntariamente, sua categoria e cede sua soberania”. Aqui, temos a autonegação de si para aceitação do outro. (Paz, 1994, p.112)

De acordo com Paz, o obstáculo e a transgressão estão intimamente associados a outro elemento também duplo: o domínio e a submissão.

O amor tem sido e é a grande subversão do Ocidente. Como no erotismo, o

agente da transformação é a imaginação. Mas no caso do amor, a mudança se dá em relação contrária: não nega o outro nem o reduz a sombra, mas é a negação da própria soberania. Essa autonegação tem uma contrapartida: a aceitação do outro. Ao contrário do que acontece no domínio da libertinagem, as imagens permanecem: o outro, a outra, não são uma sombra, mas uma realidade carnal e espiritual. Posso tocá-la mas também falar com ela. E posso ouvi-la- e mais: beber suas palavras. Outra vez a transubstanciação: o corpo se torna voz, sentido; a alma é corporal. Todo amor é eucaristia. (Paz, 1994, p.113)

No conto “A sétima lua cheia”, o amante não nega os pedidos da amada, mas há uma negação da soberania dele, ou seja, seus desejos são apaziguados para que os desejos dela se realizem. Há também a aceitação do outro, ele aceita Morgana com suas crenças, suas convicções, seus pensamentos, que não são os mesmos dele e, por isso, não pede para que ela mude em razão de si próprio.

O quarto elemento é a fatalidade e liberdade. “o amor é atração involuntária em relação a uma pessoa e voluntária aceitação dessa atração” (Paz, 1994, p.114). Para Paz o amor é uma fatalidade, pois ao nos apaixonarmos escolhemos nossa fatalidade, mas ela se manifesta só com e por meio da cumplicidade de nossa liberdade. No conto “A sétima lua cheia”, de Tenório Telles, pode-se perceber a atração entre o casal: Morgana e seu amante. Assim como se vê no mito do andrógino a busca pela completude, os dois amantes se amam e buscam se completar através do amor que declaram um pelo outro através do desejo e de todo erotismo que permeia o conto. Essa atração fica clara para o leitor, pois o casal revela uma atração mútua e há também aceitação de ambos. O esforço do amante em realizar os desejos de sua amada é movido por essa atração. “A fatalidade se manifesta só com e por meio da cumplicidade da nossa liberdade”. Ao se apaixonarem o casal escolheu sua fatalidade.

O quinto elemento é o corpo e a alma. “o amor exige como condição prévia a noção de pessoa e esta de uma alma encarnada num corpo”. Não podemos dizer que amamos só o corpo, quando amamos o corpo alcançamos a alma: “amamos simultaneamente um corpo mortal, sujeito ao tempo e seus acidentes, e uma alma imortal”. (Paz, 1994, p.115)

Em relação à pessoa, que é o corpo e a alma, Paz afirma que:

Para o amante o corpo desejado é alma; por isso lhe fala com uma linguagem para além da linguagem, mas que é perfeitamente compreensível, não com a razão, mas sim com o corpo, com a pele. Por sua vez a alma é papável: podemos tocá-la e seu sopro refresca nossas pálpebras ou aquece nossa nuca. Todos os apaixonados sentem essa transposição do corporal ao espiritual e vice-versa. (Paz, 1994, p. 116)

O corpo e a alma podem estar relacionados ao seguinte trecho do conto de Telles: “Sol e Lua gravitavam no firmamento.” (Telles, 2014, p.82) Temos aqui o ápice do ato erótico, mas também o amor pela alma através do corpo desejado. Morgana e seu amante, na representação do Sol e da Lua, gravitam no firmamento. Esse gravitar pode corresponder à transposição do corporal ao espiritual, ao tocarem seus corpos, tocam também suas almas, essa sensação os leva a flutuar.

Paz afirma que “o amor é composto de contrários que não podem se separar. É como se fossem os planetas do estranho sistema solar das paixões, giram em torno de um único sol que é duplo: o casal” (Paz, 1994, p. 117). Assim como Paz explica o amor através do sistema solar, podemos inferir que Morgana e seu amante representam o amor e consequentemente o erotismo como o Sol e da Lua.

Outro aspecto fortemente encontrado no conto é o erotismo. Em *A dupla chama: amor e erotismo*, Octavio Paz afirma que:

O erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens. A primeira coisa que diferencia o erotismo da sexualidade é a infinita variedade de formas em que se manifesta, em todas as épocas e em todas as terras. O erotismo é invenção, variação incessante, o sexo é sempre o mesmo. (Paz, 1994, p.16)

Essa afirmação transparece que o erotismo não tem como finalidade a procriação, não é apenas instinto animal. Ele está associado à imaginação, à vontade, às fantasias, tudo é próprio do ser humano. Morgana possui a sua fantasia baseada na força dos astros e espera realizá-la no momento escolhido e, talvez, por isso, ela brincasse tanto com essas coisas, como se pode verificar no trecho: “Morgana via sinais em todo lugar. Gostava dos jogos de carícias que inventava. Morgana sabia brincar com essas coisas”. (Telles, 2014, p. 81)

De acordo com Paz, “A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético” (Paz, 1994, p.12). “A sétima lua cheia” apresenta uma mulher que usa da sua sensualidade, das suas artimanhas para elevar o desejo do seu parceiro com a finalidade de realizar sua fantasia, que está atrelada a sua crença na influência do universo e, satisfazer seu desejo. Ainda de acordo com Paz, “Em todo encontro erótico há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação, o desejo”. (Paz, 1994, p.16).

Por outro lado, o narrador revela que não tem muita paciência e, através de uma metáfora, explica que gostaria de possuí-la, segundo sua vontade, o ato erótico já teria acontecido: “Gostava dos jogos de carícias que inventava, mas confesso que não tenho muita paciência com suas esquivas. Não resisto à sede. Se tem água, bebo logo”.

Essa impaciência revelada pelo amante pode deixar uma dúvida em relação ao sexo e ao erotismo. Portanto, é importante esclarecer a relação entre sexo e erotismo. Paz afirma que “Embora as maneiras de relacionar-se sejam muitas. O ato sexual significa a mesma coisa: reprodução. O erotismo é sexo em ação mas, seja por desviá-la ou por negá-la, suspende a finalidade da função sexual”. (Paz, 1994, p.12). Portanto, ele afirma que o sexo faz parte do erotismo, mas com outra finalidade que não é a reprodução:

O sexo é subversivo: ignora as classes e hierarquias, as artes e as ciências, o dia e a noite; dorme e só acorda para fornicar e volta a dormir. [...] o homem é o único ser vivo que não dispõe de uma regulação fisiológica e automática de sua sexualidade. (Paz, 1994, p.17)

A espera é um problema para o narrador do conto que afirma que “já pensou, sete luas. São sete meses. Vou endoidar”. (Telles, 2014, p.81). A vontade dele de realizar o encontro erótico é tão grande que, durante a narrativa, ele traz esse discurso que reforça a sua grande espera: “[...] Ando numa segura danada. Não me incomodo que seja na dureza. Na mesa da cozinha ou no sofá velho lá de casa. Mas encasquetou que tem que ser na sétima lua cheia”. (Telles, 2014, p.82). Essa afirmação dialoga com a ideia de que o sexo é subversivo e justifica essa vontade desenfreada que o narrador possui de fornicar. É por isso que a sociedade criou os tabus para que haja um controle sobre essa vontade constante do ser humano.

No almanaque ilustrado *Símbolos*, O’Connell explica a origem da palavra tabu, como os tabus podem surgir e serem utilizados:

A palavra “tabu” vem do polinésio *tabu*, que é um sistema de proibir ações ou uso de objetos porque são considerados sagrados ou perigosos, impuros ou amaldiçoados. Os tabus podem surgir de uma consciência moral e motivar a consciência moral individual e coletiva; porém, também podem ser utilizados para manter as hierarquias sociais em ordem. Dentro da sociedade contemporânea, a palavra tabu tem menos significado espiritual e geralmente se refere a coisas que não são permitidas ou feitas na sociedade por várias razões. (O’Connell, 2016, p. 66)

Em relação com isso, Paz afirma que “em todas as sociedades há um conjunto de proibições e tabus - também de estímulos e incentivos – destinados a regular e controlar o instinto sexual” (Paz, 1994, p.18). De acordo com ele, a instituição da família seria destruída se caso não tivessem criados os tabus.

Um dos pontos importantes a se observar na narrativa é a diferença apresentada pelo casal a respeito de suas preferências sexuais. Para ele, o ato sexual já teria acontecido. Já

Morgana planejou o primeiro ato sexual do casal, ela tem suas fantasias e deseja que seja ao ar livre, na sétima lua cheia, com um lençol branco egípcio virgem, com pétalas de rosas. Nesse contexto, surge a seguinte questão: o erotismo é diferente para mulheres e homens:

Bataille (2013) contempla a distinção entre dois tipos de erotismo: o masculino e o feminino. O primeiro, segundo o autor, relaciona-se à descontinuidade, isto é, está voltado apenas para o prazer sexual imediato, e acontece, preferencialmente, nos homens, visto que estes, em sua maioria, não associam obrigatoriamente a relação sexual aos sentimentos. Já no erotismo feminino, a continuidade erótica, ou seja, a tentativa de união entre o ato sexual e os sentimentos, é aguçada. E esse tipo de erotismo se manifesta, primordialmente, nas mulheres, que tendem a buscar uma relação duradoura. (Bataille apud Cani, 2020, p.172)

No primeiro momento da narrativa, o amante demonstra o desejo pelo prazer sexual imediato, mas no decorrer do enredo faz de tudo para satisfazer as vontades de sua amada, inclusive, chega a afirmar que se tornou adepto da lua: “Entrei na fantasia de Morgana”. (Telles, 2014, p.82)

O erotismo se faz fortemente presente no conto, é possível encontrá-lo nas informações dadas pelo narrador-personagem:

E não é que fez uma noite linda, embora a moça da previsão do tempo tenha dito que haveria pancadas de chuva. A lua estava imensa - rinoceronte nadando na escuridão. Um cheiro de desejo contaminava as flores e as pedras. Não se deve duvidar desses mistérios. Pelo sim, pelo não, é melhor acreditar.

Arrumei tudo. Estendi o lençol de linho egípcio branco. Virgem. Espalhei as pétalas de rosas. Que lindo tapete salpicado de estrelas avermelhadas. Preparei-me como o príncipe da Cinderela. Ansioso para encontrar o sapatinho de cristal. Estava todo de branco. (Telles, 2014, p.82)

Percebe-se que todo o ambiente é preparado como se fosse uma cerimônia. O desejo é tão intenso que chega a contaminar as flores e as pedras, todos os elementos do espaço contribuem para o grande momento. Inclusive, o amante de Morgana está todo de branco o que poderia representar um novo ciclo, uma nova fase.

No discurso direto de Morgana: “Cheguei, senhor de mim. A lua me trouxe para ti para que explores minhas restingas e bebas minhas águas. Sou tua”. (Telles, 2014, p. 82) Ela coloca-se como serva e seu amante como seu senhor e ainda se dispõe por inteira para que ele possa possuí-la, como se fosse um presente por todo sacrifício feito por ele para que aquele momento acontecesse: “Morgana estava nua. Puxou-me pelas mãos e despiu-me. Deitamos sobre o tapete de rosas. A lua empalmou nossos corpos e navegamos suas águas prateadas. O

fluxo da maré se agitava e se avolumava- transbordamos”. (Telles, 2014, p.82) Aqui temos o próprio ato erótico descrito pelo narrador. O erotismo é imperativo, pois há uma busca de ambos por algo além do contato físico que é manifestado e alcançado por eles, e descrito pelo amante da seguinte maneira: “Sol e Lua gravitavam no firmamento”. (Telles, 2014, p. 83)

O conto “A sétima lua cheia” traz um narrador-personagem que não é identificado. Ele nos apresenta uma personagem chamada Morgana, nome que chama atenção do leitor e pode estar ligada a fada/feiticeira Morgana da lenda do Rei Arthur. Porém, esse nome pode remeter a muitos significados:

Atribuem-se diversos títulos a Morgana, tais como: Rainha das Bruxas, Curadora, Sacerdotisa, Deusa Mãe, Professora, Rainha do Além, Guerreira, Rainha Corvo, Rainha dos Fantasmagoras, Feiticeira e Sedutora, entre outros. Podemos compará-la a outras representantes importantes do universo mágico feminino como Isis, Circe, Lilith e Medeia – todas representam, segundo Câmara (2016), o medo e a relação ambivalente de atração e repulsa que o elemento masculino sente pelo elemento feminino em determinados momentos, independentemente da cultura e do tempo ao qual os atores sociais pertençam. (Câmara, 2016, p.85)

Nesse sentido, o nome apresenta uma força simbólica dentro da narrativa, apresentando elementos como o poder, mistério, transformação. O nome acaba por mexer com o imaginário do leitor e desperta a imaginação, principalmente pelo fato dessa mulher possuir uma presença tão marcante.

No conto, Morgana é descrita como uma mulher que acredita nas interferências dos astros: “Ela acredita nessas forças do além. A cômoda é cheia de cristais. É adepta dos desígnios dos astros e vive obcecada pelo que chama de pequenos milagres da vida.” (Telles, 2014, p. 81) e planeja ter a primeira relação sexual com o seu amante em um lugar que seja ao ar livre:

Agora inventou que vai me dar na sétima lua cheia. Anda envolvida com a magia dos números. 07, então, virou uma fissura. “É um número perfeito. Místico”. Já pensou, sete luas. São sete meses. Vou endoidar. E tem mais: será num jardim, sobre um lençol egípcio branco, virgem e todo coberto de pétalas de rosa. (Telles, 2014, p.81)

Morgana apresenta todo um simbolismo referente à lua voltado para a figura feminina: “Diz que a lua simboliza a fertilidade. É tão forte que altera o regime dos mares. Lembrei das marés. Fui pesquisar. Não é que Morgana tem razão. Espero, porém, que a maré me seja favorável”. (Telles, 2014, p.82). De uma maneira geral, O’Connell explica sobre a

representação da lua:

O simbolismo atribuído à lua é na maioria das vezes (mas não exclusivamente) associado ao feminino. A lua está conectada à imaginação, intuição, poderes psíquicos e ao sonho, e está particularmente associado às mulheres, à fertilidade e ao nascimento. As civilizações antigas realizavam rituais de fertilidade e celebravam a lua em festivais anuais dedicados à deusa para tentar ajudá-la na concepção. Acreditava-se que na época da ovulação para as mulheres ocorria durante a lua cheia e que durante a menstruação os poderes de percepção de uma mulher eram intensificados.[...] A lua, quando está cheia, representa a plenitude da energia feminina e reflete o simbolismo do círculo que significa totalidade (O'Connell, 2016, p. 120)

A personagem tem uma tendência a acreditar no sobrenatural. De acordo com ela: “Ao ar livre, para os corpos serem banhados pelo luar, assim deixará os corpos mais desejosos”. (Telles, 2014 p.81). Além de todo o simbolismo apresentado no conto, há também um romantismo que é afirmado pelo próprio narrador: “Até gosto quando diz que sou um milagre na sua existência. Não deixa de ter um certo romantismo tudo isso.” (Telles, 2014, p.81)

O lençol branco e as pétalas de rosa trazem uma simbologia empregada pela sociedade como romântica. Além da própria declaração de Morgana sobre seu sentimento em relação ao seu amante, afirmado por ele num discurso indireto.

É possível perceber que o amor e o erotismo estão fortemente presentes na narrativa. O narrador apresenta ao leitor as preferências sexuais de Morgana e seu amante. O conto respinga amor e erotismo e eles estão intimamente ligados entre si.

As fantasias de Morgana atreladas a suas crenças nas forças do além, dos astros, na numerologia parecem contribuir para intensificar ou atizar o ato erótico que é apresentado com uma força, uma intensidade e um desejo aguçado, sentidos por ambos. Isso fica evidente quando o amante concorda com Morgana no final do conto.

Pode-se perceber a diferença no erotismo masculino e feminino. Morgana planejou o primeiro encontro sexual do casal, ou seja, há uma idealização do momento esperado por ela. Já seu amante, mostra-se impaciente e cheio de vontade de realizar o ato sexual, não se importando como e onde seria. Temos, então, uma diferença no que diz respeito às preferências sexuais entre homens e mulheres, na maioria das vezes.

2.1.2 O amor em “Os peitos de mamãe”

O conto “Os peitos de mamãe” apresenta um menino que narra sua vontade de mamar

nos peitos de sua mãe. Acredito que Telles tenha sido muito perspicaz na escolha do título, pois ele nos traz uma ambiguidade no sentido e na interpretação. Primeiro, a se pensar no peito materno como fonte de alimento, de conexão entre mãe e filho e o segundo, por apresentar um erotismo velado através dos seios da mãe: “Lembro tanto dos peitos de mamãe. Volumosos, branquinhos como pele de bebê. Os bicos dos peitos de mamãe são grandes e avermelhados. Parecem duas castanhas de caju. Por isso gosto tanto dos peitos de mamãe”. (Telles, 2014, p.84). Diante disso, a análise do conto é baseada nessas duas perspectivas.

Logo no início da narrativa, o menino revela uma grande dependência que ele possui em relação a sua mãe: “Não sei viver sem mamãe. Nasci de seu corpo. Estou aqui”. (Telles, 2014, p.84). Naturalmente, na fase de transição da infância para a adolescência, a centralidade materna, sua representação e sua significação são mais intensas do que qualquer outra fase da vida. A figura materna é o centro familiar, o esteio, o caminho a ser seguido. Ao mesmo tempo, ao reconhecer que sua vida só possível porque nasceu do corpo da mãe, o narrador demonstra uma enorme gratidão pela existência de ambos, com isso, a mãe é o suporte de elevação para a vida do menino, através dela o filho aprende a amar a vida, ter vontade de viver e acreditar que viver é bom. Isso dialoga com o pensamento de Fromm:

O amor materno é uma afirmação incondicional da vida e das necessidades da criança. Mas é preciso fazer aqui um acréscimo importante a essa descrição. A afirmação de que a vida da criança tem dois aspectos. Um é o cuidado e a responsabilidade absolutamente necessários para a preservação da vida da criança e de seu desenvolvimento; o outro vai além da mera preservação, é a atitude que incute na criança o amor à vida, que lhe dá a sensação de que é bom estar vivo, de que é bom ser um menino ou uma menina, de que é bom estar aqui na Terra! (Fromm, 2015, p.61)

Em seguida, o conto dá um salto e vai diretamente para o que o título nos traz: os peitos da mãe. Os seios trazem um significado riquíssimo para compor toda a estrutura de pensamento do leitor. De acordo com o Dicionário de Símbolos:

o seio é símbolo de proteção e de medida. Ele também tem relação com o princípio feminino, ele é sobretudo símbolo de maternidade, de suavidade, de segurança, de recursos. Ligado a fecundidade e ao leite, o primeiro alimento, é associado à imagens de intimidade, de oferenda, de dádiva e de refúgio. Qual taça inclinada, dele, como do Céu, flui vida. Mas também receptáculo, como todo símbolo maternal, e promessa regenerescência. A volta ao seio da terra marca, como toda morte, o prelúdio de um novo nascimento. (Chevalier e Jean, 2024, p.887)

Essa visão amplia a figura materna. O seio não cumpre apenas seu papel de alimentar,

mas representa uma fonte de abrigo e de vida. E mais, reforça a ideia de que o amor materno é entrega, doação. A mãe se torna, então, figura de força, proteção e sustentação do filho.

Sendo assim, a figura materna acaba por influenciar os gostos dos filhos. Percebe-se que o menino nutre um sentimento que apresenta uma mistura de lealdade e ciúme por sua mãe, ele confessa com ingenuidade que não entende a atitude do pai ao trocar sua mãe que possui características tão belas por outra mulher que é o oposto dela: “Nunca entendo porque papai a deixou. Imagine, trocou mamãe por uma de peito murcho e perna seca. Coisa de homem com espírito de cachorro, afeito a osso. Ainda mais que a bicha tem a pele esturricada”. (Telles, 2014, p.84). A perspectiva do menino ressalta as qualidades da sua mãe e acaba por rebaixar as características da outra mulher. Ao comparar o pai com o cachorro porque gosta de osso, ele parece ter a intenção de desdenhar do gosto do pai, pois para o menino sua mãe é sempre mais bonita, mais cheia de atributos: “Tão bonita mamãe. Seus peitos são tão lindos. Fartos. O mocotó de mamãe é grosso. Também suas pernas. Mulher forte, mamãe”. (Telles, 2014, p.84). Aqui, o menino exalta a beleza de sua mãe e destaca o que ela tem de mais belo no ponto de vista dele.

A comparação estabelecida pelo menino entre as duas mulheres parece ter a intenção não de desmerecer a outra mulher, acredito que o objetivo é realçar que há uma prevalência de um gosto estético do narrador baseado nas características de quem sempre esteve ao seu lado e de quem sempre o amou e o cuidou. Nesse sentido, ele defende sua mãe como forma de lealdade, o que nos leva a perceber uma forma de amor e ao mesmo tempo um ressentimento pela separação dos pais. Sendo assim, a comparação entre as duas mulheres nos leva a inferir que o menino constrói seu desejo, sua atração por outras mulheres a partir das características físicas da mãe, ou seja, a mãe se torna um parâmetro para sua escolha amorosa do filho.

Outro ponto relevante é a relação dos pais, ela é pouco descrita pelo narrador, mas há uma revelação de que o pai deixou sua mãe por outra mulher. Essa atitude é mais comum do que imaginamos, há inúmeros filhos de pais separados, porém nos acendem algumas questões: havia amor verdadeiro entre o casal? O amor pode apresentar fragilidades e chegar na sua finitude? Sobre isso, Hooks defende:

O mito do amor verdadeiro— aquela visão de contos de fadas em que duas almas se encontram, se juntam e vivem felizes depois disso— é coisa de fantasias infantis. Entretanto, muito de nós, mulheres e homens, carregam essas fantasias para a vida adulta e são incapazes de lidar com a realidade do que significa ter uma conexão intensa, que altera a nossa vida, as que não levará a um relacionamento duradouro ou sequer a um relacionamento. O amor verdadeiro nem sempre nos leva ao ‘viveram felizes para sempre’ e,

mesmo quando leva, sustentar o amor dá trabalho. (Hooks, 2021, p. 210-211)

A partir do pensamento estabelecido pela autora, podemos inferir que talvez os pais do menino não estivessem preparados para sustentar o amor que existiu entre eles, uma vez que ao estabelecer uma relação amorosa, ela enfrentará dificuldades, ou seja, encontrará sabores e dissabores e isso faz parte do processo. Para Hooks a essência do amor verdadeiro é reconhecimento mútuo, dois indivíduos que veem um ao outro como realmente são. Diante disso, a decepção chega e abala as estruturas da relação.

Posteriormente, o menino externa a vontade de mamar nos peitos de sua mãe, o que é recusado por ela. Naturalmente, essa dependência do menino em relação à mãe se dá pelos laços firmados desde o seu nascimento. É uma trajetória construída que deverá tomar outro rumo: o da independência:

Até hoje sinto vontade de mamar os peitos de mamãe. Peço: “Mãe, me dá uma bitoquinha”. “Menino atrevido. Se dê respeito. Burrelão e querendo mamar. Não tô dizendo. Nem mais leite eu tenho”, diz se negando. “Só um pouquinho, mãezinha, tão bom”. “Tamanho curumim e querendo minhas mamas. Dou não. Vai mamar na vaca Maravilha”. (Telles, 2014, p.84)

Erich Fromm ressalta no livro *A arte de Amar* que a criança precisa crescer, sair do ventre e do seio de sua mãe e se tornar um ser humano totalmente à parte. Para ele a própria essência do amor materno é cuidar do crescimento da criança e isso significa que a mãe deseja que o filho se separe dela. (Fromm, 2015, p.64). Nesse sentido, a mãe do menino impõe limites ao desejo do filho, sendo assim, podemos visualizar o amor da mãe para com o filho, através do cuidado e da responsabilidade de educá-lo para uma nova fase da sua vida.

Outro aspecto importante do conto está na simbologia da vaca:

A vaca Maravilha era uma novilha que vovó Chicuta, velha azeda que nem arará-boi, me deu para ter leite todo dia em casa. “Meu netinho, beba muito leite para crescer e fortalecer os ossos”, dizia. Gostava, não. Não perdi o costume do leite de mamãe. Tão bom mamar nas bitocas macias de mamãe. Mas ela não deixa mais. (Telles, 2014, p.84)

De um modo geral, a vaca, produtora de leite, é o símbolo da Terra nutriz, de acordo com o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Nesse sentido, a vaca é comparada a terra como uma mãe que nutre e sustenta seus filhos.

Telles brinca com as palavras. O nome da vaca não foi escolhido aleatoriamente.

Maravilha pode ser um nome dado a muitas vacas no interior do Amazonas, mas também pode representar uma das fontes de alimento da família, daí o porquê do nome Maravilha. Podemos pensar também no aspecto positivo que o nome pode estabelecer para uma fase de transição difícil que o menino está passando. O alimento que antes era vinculado à mãe de forma individual, agora é provido pela vaca Maravilha, ou seja, é bom, é maravilhoso, mas é coletivo: “Fui desmamado à força por mãe. Agora só leite da Vaca Maravilha”. (Telles, 2014, p.84)

É importante destacar a especificidade de algumas palavras apresentadas no conto, há o predomínio de uma linguagem regional que para muitos leitores podem não ser compreendida, como por exemplo, burrelão: menino grandão; curumim: menino; araçá-boi: fruto cítrico típico da região amazônica. Desta forma, Telles reafirma o amor pela sua terra e sua origem, pois é uma forma de apresentar um pouco sobre a cultura amazônica através do cotidiano representado no conto.

Por outro lado, assim como no conto “A sétima lua cheia”, podemos identificar em “Os peitos de mamãe” o amor atrelado ao erotismo, como defende Octavio Paz. Para o autor, não existe amor sem erotismo, assim como não há erotismo sem sexualidade. (Paz, 1994, P.97). Sendo assim, é possível identificar no conto dois dos cinco elementos constitutivos do amor: a exclusividade e a transgressão.

Quanto à exclusividade, o fato de o menino só preferir os peitos da mãe revela sua preferência por um dos pais. Essa preferência materna é uma das características mais marcantes da narrativa. Ela é tão evidente que o menino ao comparar sua mãe à outra mulher, ele deixa claro que há uma influência baseada na mãe para seu modelo feminino: aspecto físico e até psicológico. Portanto, há exclusividade.

Já a transgressão está presente no tipo de relação que o menino quer estabelecer: entre mãe e filho, ou seja, uma relação incestuosa. Algo que não é aceito e é considerado um dos grandes tabus da nossa sociedade, ou seja, é uma das regras para se viver em sociedade. De acordo com Paz, na literatura não aparece o incesto entre pais e filhos como uma paixão livremente aceita: Édipo não sabe que é filho de Jocasta. No entanto, o autor chama defende que por mais que essa relação aconteça, ela precisa de aceitação e escolha, o que a diferencia do afeto familiar, pois nele não há opção de escolha, não se escolhe os familiares, mas se escolhe os amantes.

Nesse sentido, o conto apresenta o que Freud vai chamar de Complexo de Édipo. Ele toma como base o mito Édipo Rei para explicar sua teoria, daí o nome. No mito, Édipo ainda pequeno é afastado de sua família, pois seu pai Laio o manda matar após saber da profecia:

ele seria morto por seu filho que se casaria com Jocasta, sua mãe. Porém, o destino é inevitável e a profecia acaba se cumprindo. Diante disso, Freud utiliza o mito para explicar sua teoria: o desejo pela mãe e a repulsa pelo pai:

a criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. Em geral o incitamento vem dos próprios pais, cuja ternura possui o mais nítido caráter da atividade sexual, embora inibido em suas finalidades. O pai em regra tem preferência pela filha, a mãe pelo filho: a criança reage desejando o lugar do pai se é menino, o da mãe se se trata da filha. Os sentimentos nascidos destas relações entre pais e filhos e entre um irmão e outros, não são somente de natureza positiva, de ternura, mas também negativos, de hostilidade. O complexo assim formado é destinado a pronta repressão, porém continua agir do inconsciente com intensidade e persistência [...] O mito do Rei Édipo que, tendo matado o pai, tomou a mãe por mulher, é uma manifestação pouco modificada do desejo infantil, contra qual se levantam mais tarde, como repulsa, as barreiras do incesto. (Freud, 1910, p. 59)

Sendo assim, no conto “Os peitos de mamãe”, é nítida a preferência do menino pela sua mãe, o garoto inconscientemente tem vontade de tomar sua mãe e revela isso através da vontade de mamar nos peitos dela. O desejo infantil é intenso e persistente, pois ele a admira e exalta suas qualidades e insiste em querer mamar, mas é negado por ela. A negação impede que o incesto ocorra, porém não se pode negar que o desejo é latente por parte do filho que não esquece os peitos de sua mãe.

Ainda sobre o complexo de Édipo, Paz afirma:

se a tendência edípica não se transforma, aparece a neurose e, às vezes o incesto. Se o incesto se dá sem consentimento de um dos participantes, é claro que é estupro, violação, engano, qualquer coisa, mas não amor. É diferente se há atração mútua e livre aceitação dessa atração; mas então o afeto familiar desaparece: já não existe nem pais nem filhos. (Paz, 1994, p. 98)

Ao se levar em consideração os pensamentos de Paz, não podemos negar que há amor por parte do menino, mas não um amor filial e sim, um amor atrelado ao desejo, à atração. Se acaso tivéssemos a aceitação da mãe nessa relação, teríamos o quarto elemento: fatalidade liberdade que diz respeito à atração mútua, entretanto a relação mãe e filho já não existiria, o incesto seria consumado, mas o incesto não seria levado em consideração já que para Paz o amor prevaleceria não importando a ligação familiar.

O conto “Os peitos de mamãe” é extremamente curto, mas apresenta muitas camadas a serem exploradas. O amor maternal e os seios como símbolo de união entre mãe e filho são

evidentes, mas ao mesmo tempo o amor paixão atrelado ao erotismo é revelado de forma sutil, logo de início o que enxergamos é a inocência e o apego filial pela mãe, no entanto, o conto brinca com a imaginação do leitor e o leva para outros pensamentos. Ainda que se pense que há uma visão distorcida, o fato de o conto compor a obra que tem como título *Edifício Marquês de Sade*, composta por contos que apresentam o erotismo como tema principal, nos leva por este viés.

2.1.3 O amor como salvação: crônica “Carta a uma amiga distante”

A crônica “Carta a uma amiga distante” trata-se de uma carta em resposta à outra carta recebida pelo narrador. Apresentam-se como personagens: o narrador que não é identificado e, sua amiga, que também não tem seu nome revelado. O teor da carta revela as inquietações do narrador a respeito da vida e responde a indagação feita pela amiga, na carta anterior, sobre o amor.

De forma epistolar, “Carta a uma amiga distante” nos dá a impressão que há um contato frequente entre o narrador e sua amiga intitulada por ele apenas como “boa companheira”. Para iniciar seu texto, ele explica como está sua vida e seu estado através de uma metáfora: “O mar está inquieto e os ventos sopram. Estou comigo e sigo, apesar dos temores e das dúvidas. É imperativo seguir, embora o corpo fraqueje e o coração hesite” (Telles, 2014, p.27).

O narrador prossegue com outra metáfora: “Lá fora a chuva molha o tempo e a terra. Molha também meu ser, amenizando minha ânsia. Apesar da inquietação, mantenho-me sereno, resistindo a tudo. Sem deixar o desespero tomar conta do meu ânimo” (ibidem). Esses dois trechos em que ele externa para sua amiga a sua luta diária para vencer esse mar inquieto e os ventos fortes podem simbolizar os problemas, as dificuldades, os desafios, que surgem na vida, o que pode provocar o medo, a fraqueza, a hesitação, colocando o ser humano constantemente num combate. A representação do mar inquieto e o vento forte como os desafios que a vida nos lança aparece de maneira recorrente em outras crônicas, por exemplo, em “Juventude transviada”: “Todos os dias somos postos à prova: enfrentar incompreensões e a hipocrisia de uma sociedade que virou as costas para o cultivo dos valores e esvaziou de sentido o espaço sagrado” (Telles, 2014, p. 35), o que transparece um dos marcadores do discurso literário de Telles.

A morte é apresentada como se fosse um urubu a procura da carniça, ou como uma cobra prestes a dar um bote: “a morte ronda tudo: os sonhos, a política e o convívio social”.

Quando o narrador se refere à morte não é apenas no sentido literal, mas também no sentido de morrer para algumas coisas boas da vida, deixar de acreditar nos sonhos, na vida, ou seja, a morte é caminhar sem direção. Para exemplificar essa concepção, ele relata: “encontrei num sebo um professor universitário: confidenciou-me estar aposentado; estava vendendo seus livros. Como se para justificar, disse-me logo: ‘estou cansado, criei meus filhos... estou entregando os pontos’”. (Telles, 2014, p. 27) A atitude do professor parece ultrapassar a condição da aposentadoria e simboliza uma espécie de rendição existencial.

Assim, a morte, no plano simbólico, associa-se à desistência do ser humano diante da luta por uma sociedade mais justa, igualitária e principalmente na desistência da construção de caminhos que levem à mudança social, como por exemplo, a educação:

Aquelas palavras me inquietaram. Fui tomado por uma sensação estranha... Fiquei atordoado com esse sentimento de desistência que está contaminando tanta gente que nos ensinava o caminho do sonho e da mudança. Pedi a Deus que me protegesse daquilo, que não me permitisse que minha paixão pelo saber e pela vida arrefecesse. Sobre tudo, o meu amor pelos livros. (Telles, 2014, p.27)

Sendo assim, o impacto desse encontro é evidente na reação do narrador. O medo que surge é de permitir que a desistência contamine sua paixão pelo saber e pelos livros, isso nos leva a inferir que ele vê na educação um poder transformador. Além disso, o ato de se desfazer dos livros, não significa apenas desapegar de objetos, mas também sugere que o professor abdicou de toda sua trajetória intelectual e de sua função transformadora. É como se a atitude do professor fosse uma morte simbólica que pode representar a perda do desejo, do compromisso e até mesmo do amor pelo conhecimento.

Nesse sentido, vida e morte aparecem interligadas como dimensões existenciais e recorrentes na literatura. Sobre isso:

Não se pode pensar a morte sem seu oposto, a vida. Na posição para esses dois substantivos, a morte ganha sobre a vida uma imagem sombria e foi representada das maneiras mais terríveis. Encontramos, ao longo do tempo, representações para a morte tanto nas artes plásticas quanto na literatura. (Jankelevitch apud Albuquerque, 2002, p.94)

Há sempre uma representação negativa da morte que nos leva ao medo, ao pavor. Tememos o desconhecido e ela é uma verdadeira incógnita.

No livro intitulado *Tudo sobre amor: novas perspectivas*, bell hooks também traz como tema a morte: “Ao contrário do amor, a morte toca a todos nós em algum momento”. A

autora coloca a morte como sendo um empecilho para se viver plenamente, pois constantemente pensamos mais na morte do que na vida. Para Hooks “esse medo só pode ser abordado a partir do amor pela vida” (Hooks, 2021, p.226)

É notório que a narrativa traz a resistência como desejo de mudança social e a utopia como possibilidade de amor, ou seja, muitas vezes morrem os sonhos, os valores, as vontades, a esperança no mundo melhor, a beleza da vida vai desaparecendo e, principalmente o amor. É necessário resistir através do amor para que se trilhe um caminho transformador da realidade atual.

Diante de todo esse sentimento de frustração que toma conta da sua alma, o narrador revela estar feliz por sua amiga estar caminhando, enfrentando a montanha que conduz à revelação: do mundo e dela. Ele afirma que quando se chega ao topo da montanha se chega ao próprio ser. Portanto: “[...] é importante, além de vencer os penhascos da caminhada, escalar tua montanha interior. Só assim chegarás. Lembre-se que há sempre o risco de chegar sem chegar...”. O narrador indica que além de enfrentarmos todos os obstáculos que surgem ao longo da vida, temos que fortalecer nosso espírito para alcançarmos nossos objetivos, pois estamos sempre rodeados pela morte, que é representada pela desistência, que nos leva a fracassar, desistir.

Em “Carta a uma amiga distante”, o narrador externa seu pensamento sobre o amor no mundo contemporâneo através de uma observação feita por sua correspondente: “Perguntaste-me sobre o amor; gostei muito da observação: ‘decadência do amor cortês e vida ‘profanada’. Tenho pensado sobre essas coisas”. Pode-se afirmar que o tema do amor é uma preocupação latente para o narrador que alega:

O fato é que a vida, ao ser despojada de seu conteúdo mágico e de sua força metafórica, sucumbiu à superficialidade e ao esvaziamento de seu simbolismo. Os valores foram profanados, inclusive o amor que se vulgarizou e foi enquadrado pelos padrões da religião e ajustados às demandas do mercado. O conteúdo poético e a pureza, típicos da vida cortês, sucumbiram ante a exacerbação dos instintos do comércio do amor. tudo virou negocio, afinal, em nossos dias, o que escapa à profanação do capital? (Telles, 2014, P.28)

Nesse contexto, o narrador leva o leitor a olhar através da sua perspectiva sobre o amor. O amor se tornou um produto lucrativo para o capitalismo. Essa transformação pode levar a perda de valores, de encantos e belezas da vida. As relações não são mais sólidas, são rasas e superficiais.

Na análise das relações na modernidade, Bauman aborda sobre o amor líquido que é

marcado pela fragilidade das relações e pela rapidez com que as relações amorosas se constituem e se desfazem. Os laços humanos passam a ser descartáveis. O que era para ser duradouro e fonte de amadurecimento acabam ameaçando a liberdade individual:

[...] nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos e deveres aos vínculos e liames, espaciais e temporais. Vínculos e liames tornam "impuras" as relações humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instância obsolescência do objeto consumido. (Bauman apud Pretto, 2004, p.65)

Essa leitura dialoga com bell hooks que compreende que o amor foi afetado pelas demandas do mercado. Para a autora, o amor é uma prática ética. No entanto, no mundo moderno, as pessoas passaram a se isolar e ser mais individualistas, o que prejudica o desenvolvimento do amor:

Isolamento e solidão alimentam uma cultura em que as coisas recebem mais importância que as pessoas. O materialismo cria um mundo de narcisismo, no qual o foco da vida é apenas comprar e consumir. Em uma cultura narcisista, o amor não pode desabrochar. A ganância e a exploração se tornam a norma quando uma ética de dominação prevalece. Elas trazem consigo alienação e falta de amor. (Hooks, 2021, p. 139-140)

Essa alienação não é apenas social, ela também está ligada a formação do ser, a sua existência. Acarretando o afastamento de si mesmo, dos seus valores, da sua essência. Para Hegel:

A alienação consiste no sentimento de estarmos ausentes de nós mesmos; outros poderes (outros fantasmas?) nos desalojam, usurpam nosso verdadeiro ser e nos fazem viver uma vida vicária, alheia. Não ser o que se é, estar fora de si, ser um outro sem rosto, anônimo, uma ausência: isso é alienação. (Hegel apud PAZ, 1994, p. 127)

Ainda de acordo com Hooks “em um mundo sem amor, o desejo de conexão pode ser substituído pelo desejo de possuir”. (2021, p. 139). O desejo de consumir toma conta da sociedade que está cada vez mais alienada, assim, perde sua liberdade, senso de justiça, os quais são elementos fundamentais para a democracia.

A autora ainda chama atenção para outro elemento: a mentira. Para ela, a cultura do consumo, em particular, encoraja a mentira. A publicidade é um dos meios culturais que mais a sanciona. Manter as pessoas num estado constante de falta, em desejo perpétuo, fortalece a

economia de mercado. O desamor é uma benção para o consumismo. (Hooks, 2021, p. 89).

Contrapondo os objetivos do capitalismo, o narrador defende a importância da literatura para o restabelecimento do amor. Para o narrador as grandes narrativas sobre o amor, como “Tristão e Isolda”, fazem parte desse esforço dos autores, via literatura (território do imaginário, onde o capital não impõe suas demandas). Aqui ele reafirma que o amor está decadente em função da alienação imposta pelo capitalismo e para resolver esta problemática, ele acredita no poder que a literatura pode dar ao ser humano.

Uma das características da decadência do amor pode estar atrelada ao desaparecimento de um dos elementos constitutivos da nossa imagem do amor, a pessoa. De acordo com Paz: “o confisco do erotismo e do amor pelos poderes do dinheiro é apenas um do ocaso do amor; o outro é a evaporação de seu elemento constitutivo: a pessoa” (Paz, 1994, p. 149)

Para restabelecer o amor como expressão de uma felicidade possível, de uma experiência capaz de redimir e libertar aqueles que são tocados por essa força: que a única capaz de romper a sedução da barbárie, iluminar o ser dos homens e impulsioná-los para a liberdade, afirma o narrador.

Para o narrador, a literatura retrata a questão como algo utópico, como parte de tudo aquilo que perdemos no percurso: é como se fosse um dos atributos do paraíso perdido. “Isso tudo é tão belo, e estou certo de que só o amor e a beleza salvarão” (Telles, 2014, p. 28). Esses pensamentos nos dão pistas a se pensar que o amor é um dos elementos para que se tenha uma sociedade justa.

Além disso, o narrador reforça sua crença na poesia e encerra com uma citação do escritor mexicano Octavio Paz: ‘A poesia é uma forma de dizer não a esses poderes que não contentes em dominar nossos corpos, querem dominar nossas mentes’.

Para que o ser humano vença os obstáculos, os percalços que a vida o impõe, para que assim ele viva plenamente e seja capaz de transformar-se, o narrador afirma que “resistir, sonhar e amar são os antídotos para os males que acometem este tempo de sombras e medo, de indiferença e egoísmo”. (Telles, 2014, p.29)

A morte como símbolo de desistência é imperativa na sociedade. É notório que muitas pessoas estão desistindo do sentido da vida. Essa desistência está ligada ao fato de tudo ser passageiro, de não construir significado, de não estabelecer elos, e principalmente da alienação que o capitalismo e algumas religiões causam. Não me refiro às pessoas que lutam e resistem pela sua existência, sua origem e sua ancestralidade, e sim àquelas que são vítimas desse sistema e acabam reféns do consumismo, provocando um adoecimento social.

“Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que

extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”. (Deleuze, 2004, p. 11) Acredita-se que Telles consegue trazer em “Carta a uma amiga distante”, o seu desejo de mudança na sociedade através do amor e da literatura. Ele indica que o homem pode transformar suas atitudes, seus hábitos, seus valores, pode se reinventar, pode se questionar, pode se libertar. O narrador demonstra seu amor pela poesia, pelos livros e está certo que a literatura é uma ferramenta fundamental para transformação da realidade e para o restabelecimento do amor. Portanto, o amor parece ser um dos elementos que contribuem para a salvação da humanidade.

2.1.4 O amor materno:

O amor materno pode ser considerado uma prática cotidiana que vai além do instinto materno. Ele é marcado pela proteção, pelo cuidado, pelo afeto, pela doação materna, se tornando fundamental para muitos seres humanos, pois carrega em seu bojo os valores, as tradições. Nesse contexto, analisamos as crônicas “Uma mãe e sua dor” e “Ser mãe” que referenciam esses pensamentos.

2.1.4.1 “Uma mãe e sua dor”

A crônica “Uma mãe e sua dor” apresenta a história de Thaydêmia Santana Sampaio, jovem de dezoito anos assassinada no bairro Mutirão, periferia de Manaus. A crônica gira em torno da dor de sua mãe, dona Tereza que sofre pela morte de sua filha e clama por justiça. O narrador compartilha uma memória individual que se constitui como uma memória coletiva.

De acordo com Halbwachs, “as lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas por outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (Halbwachs, 1990, p. 26)

O autor inicia a crônica com uma reflexão sobre o valor da vida e ressalta que somos constantemente cercados pela insegurança, violência, medo:

A vida não vale nada. Meu Deus, o tráfico e o crime reinam absolutos nos bairros da cidade, tragando vidas inocentes: jovens, trabalhadores, cidadãos. Vivemos sob o império da morte e ninguém está imune a essa situação. Os homens de bem e as famílias vivem ameaçados, reféns desse estado de insegurança. Os bandidos estão soltos impondo sua lei. Matam e emparedam

a sociedade. Protegem-se sob o manto da impunidade e condescendência dos órgãos que deveriam combater o crime e proteger os indivíduos. (Telles, 2014, p. 47)

Nesse sentido, podemos afirmar que o tráfico de drogas é um dos grandes problemas que assolam a sociedade. Muitos dos assassinatos, das violências, dos direitos violados partem do comando de grupos que tentam dominar os espaços em busca de poder e dinheiro. Consequentemente, essa busca pela dominação acaba desencadeando a cultura do medo, da exploração e da insegurança, da violação dos direitos. E isso tudo parece estar se naturalizando. De acordo com Minayo e Souza (1999):

[..]o crescimento do crime organizado, nos grandes centros urbanos, sobretudo em torno do narcotráfico (e outras formas de violência geral e difusa), do contrabando de armas de fogo, do desemprego, da impunidade e da ausência de um projeto social que integre o conjunto dos estratos sociais. No nível sociodemográfico, na grande maioria, as vítimas são adolescentes e adultos jovens, do sexo masculino, com características típicas das camadas menos favorecidas da população: residentes em áreas pobres e, às vezes, periféricas das grandes metrópoles, de cor negra ou descendente dessa etnia; com baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional. (Minayo apud Souza, 2011, p.365-366)

Infelizmente, essa é a realidade do nosso país, muitos jovens que vivem a pobreza acabam sendo vítimas tanto do crime quanto do próprio estado, quem deveria fazer cumprir os direitos básicos. São muitos direitos violados, preconceitos intensificados.

Adiante, o narrador aponta para quem deve garantir a segurança e bem estar da sociedade, ele tece críticas à política e a quem a constitui:

Os gestores públicos e os políticos deveriam se preocupar com essa trágica realidade e agir: são eleitos para cuidar da sociedade e promover o bem comum. Infelizmente não têm tempo. Vivem atarefados, cuidando dos seus interesses particulares e das articulações para a próxima eleição. Não aprenderam uma lição simples: que são servidores da sociedade. Acreditam equivocadamente que a sociedade existe para servi-los, embora dependam do dinheiro dos contribuintes. A verdade é que a política, com raras exceções, virou vício e um negócio neste país. Negócio de espertalhões, demagogos e gente mal-intencionada. (Telles, 2014, p. 47)

Nesse contexto, o narrador nos leva a pensar sobre os papéis dos políticos. Na realidade, o que vemos é exatamente este cenário, a maioria dos nossos representantes não estão preocupados na construção de uma sociedade igualitária, digna, segura, pelo contrário, há cada vez mais aumento da desigualdade social, da violência, desemprego, invalidação de

direitos. De acordo com Mynaio:

Violência não é um problema médico típico, é, fundamentalmente, um problema social que acompanha toda a história e as transformações da humanidade. No entanto, a violência afeta muito a saúde: ela provoca morte, lesões e traumas físicos e um sem-número de agravos mentais, emocionais e espirituais. (Mynaio, 2005, p.22)

Thaydêmia sofreu uma grande violência, foi tirado dela o direito de viver. E mais, a sua mãe sofre uma violência psicológica, pois há um desrespeito sofrido por ela perante a quem deveria proteger e garantir direitos. Para exemplificar o descaso com a população, a violência e as injustiças sociais sofridas pelos cidadãos, o narrador lembra da morte de uma jovem:

Fruto dessa situação, uma jovem de 18 anos foi morta covardemente esta semana. Um crime desumano: Thaydêmia Santana Sampaio foi morta no Mutirão por dois homens que estavam numa motocicleta. Com requintes de crueldade obrigaram a moça a se ajoelhar, colocar as mãos na cabeça e atiraram contra a sua nuca. Num país que assassina seus jovens, mais uma vida foi descartada. Filha de família pobre, Thaydêmia não teve a oportunidade e as condições materiais necessárias para florescer plenamente para o milagre da vida. De ter uma existência saudável, protegida, sobretudo uma boa formação intelectual. (Telles, 2014, p. 47-48)

Thaydêmia representa inúmeros jovens que perdem suas vidas diariamente. Jovens pobres, silenciados, sem oportunidades, vítimas da sociedade capitalista. Seu corpo torna-se um corpo que fala, portador de uma memória que não deve ser esquecida. O corpo sem vida lançado na rua carrega uma história de dezoito anos, um corpo de sonhos interrompidos, que expressa a injustiça e a falta de políticas públicas eficazes. Mesmo após a remoção desse corpo, sua memória persiste. Quantas Thaydêmias são assassinadas cotidianamente e, apagadas da memória social? Sobre o corpo como memória:

[...] a memória deste corpo ainda reside fortemente nas sociedades do presente. O próprio corpo dessubjetivado, açoitado, espancado e que se encontra descoberto por políticas de segurança, de moradia e habitação é o corpo vivo, memória viva daquele corpo outrora retirado à força de sua casa, de sua cultura, de sua gente. (Rodrigues, 2020, p.73)

Outro aspecto a ser observado é memória do espaço. O bairro Mutirão configura-se como um lugar carregado de lembranças e histórias da jovem e sua família. A narrativa nos leva a acreditar que esse lugar seria o bairro de morada de Thaydêmia. Sendo assim, é um

lugar que carrega lembranças e histórias da jovem e sua família. De acordo com Assmann:

Quem fala da memória dos locais serve-se de uma formulação que é tão confortável quanto sugestiva. A expressão é confortável porque deixa em aberto tratar-se ou de um *genetivus objectivus*, uma memória que se recorda dos locais, ou de um *genetivus subjectivus*, isto é, uma memória que está por si só situada nos locais. E a expressão é sugestiva porque aponta para a possibilidade de que os locais possam torna-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos. (Assmann, 2011, p.317)

O local do crime pode transforma-se em um espaço de dor permanente. Ao acessá-lo, dona Tereza revive o assassinato da filha. Assmann afirma que “o local traumático preserva a virulência de um acontecimento que permanece, como um passado que não se esvai, que não logra guardar distância” (Assmann, 2011, p.350)

“Uma mãe e sua dor” transmite uma experiência e contribui para o não apagamento das pessoas marginalizadas, injustiçadas. O narrador, ao tomar conhecimento do assassinato, reconhece a gravidade social do acontecimento e assume um compromisso ético ao registrá-lo: “Desde que soube da morte dessa moça, pus-me a pensar no seu destino atroz” (Telles, 2014, p. 48). E ainda, respeita a complexidade da vida e da história de dona Tereza e Thaydêmia: “Dona Tereza, solidário com o seu sofrimento, consagro-lhe estas palavras, em memória de sua filha”. (Telles, 2014, p. 49).

A morte de Thaydêmia converte-se, assim, em uma memória coletiva, pois inúmeras mães vivenciam tragédias semelhantes. O trauma individual testemunhado transforma-se em um trauma coletivo. O olhar do narrador se volta para dona Tereza:

Chamou-me atenção a foto de mãe, que ilustra a notícia publicada na imprensa: Dona Tereza Santana Sampaio é uma mulher trabalhadora, residente na zona leste, pobre, desprotegida. Impressionou-me o seu rosto sofrido, a dor que paralisa os gestos e escurece seu olhar triste e vazio. Percebe-se, em sua face, as marcas do sofrimento e as lágrimas que afogam seus olhos.” (Telles, 2014, p. 48)

A memória do narrador foi construída por uma notícia jornalística, o que indica que ele não conhecia dona Tereza nem sua filha. Ainda assim, o acontecimento o mobiliza ética e afetivamente, despertando um senso de responsabilidade cidadã diante da violência que atinge sujeitos historicamente marginalizados, que carregam história, luta e resistência: “Dona Tereza é uma mulher simples, sem sobrenome importante, sem recursos para pagar um advogado e sem influência para pressionar a polícia a encontrar os assassinos de sua filha”

(Telles, 2014, p. 48).

Contrário ao posicionamento do narrador, os meios de comunicação massificam e transformam mortes trágicas em notícias, e de modo quase simultâneo, destacam a coisificação da morte. Deste modo, a morte se torna pública, impessoal, perdendo o seu caráter existencial, como a mais irremissível de todas as possibilidades (Heidegger, apud Alarcão, 2008, p.344).

Nesse contexto, o jornal poder ser compreendido como um importante armazenador de memórias. Conforme Assmann, o arquivo é um armazenador coletivo de conhecimentos que desempenha diversas funções, dentre elas três são fundamentais: a conservação, a seleção e a acessibilidade. (2011, p. 368).

O olhar triste e vazio de dona Tereza ressalta as marcas do sofrimento em sua face, que são marcadas pelas lágrimas em seus olhos. Percebe-se que a morte da filha causou um trauma em sua mãe. Ele é aparente, reflete na sua fisionomia. A forma cruel como perdeu a filha parece intensificar a dor. Talvez, ela tenha presenciado a morte da filha: “Suas palavras expressam desconsolo e sofrimento: ‘Minha filha implorou para que não a matassem, mas eles não tiveram pena dela’” (Telles, 2014, p.48). De acordo com Platão:

[...] bloco de cera em nossas almas – de diferentes qualidades, de acordo com os indivíduos – e isso é ‘o dom da Memória, a mãe das Musas’. Quando vemos, ouvimos ou pensamos em algo, submetemos essa cera às percepções e aos pensamentos, e os imprimimos nela, assim como imprimimos com sinetes (Platão apud Yates, 2007, p. 57).

Nesse sentido, metaforicamente, é como se alma do ser humano possuísse uma tábua de cera e nela fossem marcadas suas impressões, mas o que se tem são rastros e a qualidade deles vai depender da qualidade da impressão ou do tipo de cera. Quando essas impressões são intensas, fortes acaba ocasionando o que Freud vai chamar de trauma. Dona Tereza sofreu um impacto muito forte ao perder da filha de forma cruel. A dor de uma mãe ao perder um filho é um evento traumático. De acordo com os fatos narrados, ela pode ter presenciado a morte da filha: “Suas palavras expressam desconsolo e sofrimento: ‘Minha filha implorou para que não a matassem, mas eles não tiveram pena dela’”. (Telles, 2014, p.48)

Além da reflexão sobre a morte da jovem, há também o pós-morte. O que acontece com os casos da maioria dos jovens assassinados, desaparecidos que são vítimas da negligência do Estado? Em relação a isso, o narrador enfatiza:

O fato é que Thaydêmia vai se reduzir a um número nas estatísticas sobre

jovens assassinados no Brasil. Os criminosos vão ficar impunes e vão continuar matando. Afinal, quem se importa com o fim trágico de uma moça pobre da periferia? Além do mais, a mãe de Thaydêmia é uma mulher sozinha, sem marido, sem recursos e sem voz numa sociedade em que só tem direito quem tem dinheiro. O que fica de tudo é a dor de uma mãe impotente diante do dragão da violência e da injustiça social, e inconformada com a perda de um pedaço de si mesma: “Não queria que ela tivesse esse fim”. (Telles, 2014, p.48/49)

A partir dessa representação da realidade, podemos afirmar que é muito difícil a justiça ser realizada no Brasil, isso dificulta ainda mais para quem é pobre. É natural e esperado que uma mãe ao perder seu filho busque por justiça para que se possa amenizar a dor da perda, talvez buscar explicações para os fatos:

Os sentimentos vivenciados pelas mães que perderam seus filhos por homicídio alimentam a busca de justiça e punição dos culpados, a ânsia de compreender o que aconteceu e a necessidade de expressar a dor e falar sobre a tragédia vivenciada, o que pode caracterizar possível fator de risco para o desenvolvimento de um luto complicado. (Parkes, apud Alarcão, 2008, p.342)

A busca por justiça é fazer resistência. É denunciar que assassinatos, desaparecimentos, torturas, explorações ocorrem frequentemente. É exigir respostas, direitos. É enfatizar que a vida de qualquer ser humano importa independentemente da condição social, da cor da pele, da orientação sexual, das condições físicas ou geográficas.

Além de todos esses aspectos abordados, há um aspecto implícito que rege toda a narrativa: o amor em várias faces: o amor de mãe, o amor ao próximo, o amor como resistência.

Primeiramente, temos o amor de mãe, esse amor que não é dito, mas que é sentido ao se ler a crônica “Uma mãe e sua dor”. Dona Tereza ama incondicionalmente sua filha e clama por justiça. O olhar triste e vazio de Dona Tereza revela o amor que foi arrancado de sua vida, porém não é apagado. Sobre o amor materno, Erich Fromm afirma: “é por seu caráter altruístico e generoso que o amor materno foi considerado o mais elevado tipo de amor e o mais sagrado de todos os vínculos emocionais” (Fromm, 2015, p.62). Já para Octavio Paz: “o amor filiar, paternal, e maternal não são amor: são piedade, no sentido mais antigo e religioso dessa palavra”. (Paz, 1994, p. 99) Paz atribui esse pensamento ao fato de todos os casos possuírem o elemento erótico, a atração por um corpo. “Amamos uma pessoa e não uma abstração”. (Paz, 1994, p. 97).

O amor de Dona Tereza por sua filha transforma a dor da morte em luta. Falar de

Thaydêmia é não deixa apagar sua história, querer justiça por sua filha é resistir através do amor. De acordo com Hooks:

O amor nos convida a sofrer pelos mortos como um ritual de perda e como celebração. Conforme abrimos nosso coração e falamos sobre o luto, compartilhamos o conhecimento íntimo de nossos mortos, de quem eles eram e como viveram. Nós honramos sua presença nomeando os legados que nos deixaram. Não precisamos conter o luto quando o usamos como meio de intensificar nosso amor pelos que estão morrendo, pelos nossos mortos ou pelo que ainda estão vivos. (Hooks, 2021, p.231)

O amor ao próximo apresentado implicitamente na crônica é fundamental para a mudança social, uma vez que a falta desse amor se revele como causadora dos fatos trágicos, portanto, o amor é tido como uma resistência para enfrentar as transformações causadas pelo egoísmo, pelo poder, pelo dinheiro, pela ganância. Para Hooks:

Quando o consumo ganancioso é a ordem do dia, a desumanização se torna aceitável. Assim, tratar as pessoas como objetos não é um comportamento plausível, mas necessário. É a cultura da troca, a tirania dos valores do mercado. Esses valores orientam as atitudes em relação ao amor. (Hooks, 2021, p.149)

A referência de tratar as pessoas como objeto dialoga com o fato de Thaydêmia ter a vida ceifada por um motivo que aparentemente ligado ao desejo de consumo e ao dinheiro fácil que o tráfico de drogas oferece, mas infelizmente a vida não tem valor quando os negócios não andam conforme o esperado: o lucro. E assim, milhares de jovens perdem suas vidas.

A notícia da morte de Thaydêmia e a dor de dona Tereza são fatos que ficaram na memória do narrador, mas também se configuram como elementos essenciais para formação de uma memória coletiva.

O tema da memória se desenvolve de diversas maneiras na crônica “Uma mãe e sua dor”, podemos verificar a memória individual e coletiva, a memória do corpo e do espaço, bem como verificar a questão do trauma e o jornal como armazenador da memória, atrelados a busca por justiça e verdade.

Telles, através da crônica “Uma mãe e sua dor”, dá visibilidade a essa questão social causada pelo capitalismo e enfatiza quem deveria zelar e garantir os direitos de milhares de jovens. Além disso, ele traz a memória como uma fonte de resistência e justiça para que as histórias de jovens que são assassinados diariamente na sociedade não sejam esquecidas ou

apagadas. Que não se crie um discurso de que morreu porque era bandido ou porque mereceu.

2.1.4.2 “Ser mãe”

Por muito tempo a maternidade foi um dos principais objetivos de muitas mulheres. Para Telles a maternidade já faz parte da natureza feminina. E ainda, muitas mulheres sofrem por não conseguirem gerar um filho: “O sentido da maternidade é inerente à condição feminina. Não conceber, para grande parte das mulheres, é uma das maiores frustrações”. Fica claro que o autor se refere apenas às mulheres que possuem o desejo de ser mãe, respeitando aquelas que não possuem o mesmo desejo.

A crônica “Ser mãe” aborda a importância da mãe na vida do filho. Ela exalta a figura materna e ao mesmo tempo nos diz que o amor de mãe é essencial na vida do filho. O narrador define o que seria gerar uma vida:

A verdade é que gerar um filho é um milagre e uma experiência definitiva na vida das mães. Elas carregam em si o mistério da criação, representação simbólica da fonte originária da existência. O que justifica dizer que toda mulher tem uma parte deusa e uma parte humana. Algumas, entretanto, são a encarnação da própria santidade. (Telles, 2014, p.17)

O narrador reafirma que as mães possuem um papel fundamental para a existência humana, através da criação, dos cuidados, do amor que elas impõem aos filhos contribuem de forma positiva na sociedade. Elas possuem a fórmula da formação humana. Uma mãe possui a função de fazer com que o ser humano crie um sentido para a existência dele. Além disso, o ser humano sente-se amado, sente-se importante e constrói valores a partir da criação. Acredito que ao dizer que a mulher é uma parte deusa e uma parte humana é para destacar que as ações maternas são dotadas de poderes, os quais são gerados pelo amor.

Ao fazer referência a Santa Mônica que está ligada ao Cristianismo, o narrador nos mostra sua religiosidade. Além disso, ele a toma como exemplo para definir o que é ser mãe:

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, é uma metáfora da dedicação e do cuidado que as mães devem consagrar aos seus frutos. Perseverante, venceu, com seu exemplo e amor, a resistência do filho, plantando-lhe no coração as sementes do bem e da fé. O fato é que Santa Mônica salvou Agostinho das ilusões e descaminhos do mundo. Sem ela, o cristianismo e a própria humanidade poderiam ter outro destino. (Telles, 2014, p.17)

O amor de Santa Mônica é incondicional. Erich Fromm afirma que “essa experiência

de ser amado pela mãe é uma experiência passiva. Não há nada que eu precise fazer para ser amado –o amor materno é incondicional. Tudo que preciso é ser –ser seu filho”. (Fromm, 2015, p.49). Mas o autor deixa claro que esse amor apesar de não precisar ser adquirido e nem merecido, porém se ele não existir é como se a vida perdesse toda a beleza e não há nada que possa criá-la. Sendo assim, percebemos o quanto a mãe é fundamental para a vida. Nesta perspectiva, Fromm afirma que “o amor da mãe pela vida é tão contaminador quanto a ansiedade. Ambas têm um efeito profundo sobre a personalidade da criança”. (Fromm, 2015, p.62) um amor gratuito, puro e que é sustentação para muitos indivíduos. :

A história de Santa Mônica é uma evidência de quanto uma mãe é importante na criação dos filhos. Pela proximidade que estabelecem suas crias, ao gerá-los, amamentá-los e cuidá-los têm uma presença constante em suas vidas. Estou certo de que a ausência da figura materna na vida de um ser humano é uma perda irreversível e uma das maiores dores. Ficamos incompletos sem nossas mães. Afinal, como viver sem seus carinhos, sem seus conselhos, sem o aconchego e as comidinhas que fazem para nos agradar. (Telles, 2014, p.17-18)

O sofrimento pela perda da mãe citado pelo narrador talvez se aconteça porque “a mãe é nosso lugar de origem, ela é natureza, é solo, é oceano”, como afirma Fromm. Essa incompletude se dá justamente porque perdemos um pouco o que somos e ao mesmo tempo a raiz que alimenta nosso corpo e nossa alma:

Nossas mães nos ajudam a ser. A própria família existe em função delas, como se fossem uma grande árvore. Quando partem, é como se perdêssemos a própria raiz e ficássemos órfãos. Mas tudo muda: em nossos dias o sentido da maternidade assume caráter fortuito e até comercial. E todo simbolismo desse milagre que é ser mãe vai sendo pouco a pouco despojado pelo consumismo, transformando-se numa festa vazia. O sentimento de devoção filial e de reconhecimento pela figura materna perde-se em meio a comilanças e bebedeiras. (Telles, 2014, p.18)

Sendo assim, o amor materno pode ser encontrado nessa crônica como um dos antídotos para os males que acometem a sociedade, pois na visão do autor as mães são fontes de perseverança, cuidado, resistência e procuram encaminhar seus filhos para o caminho do bem, da honestidade, da ética:

Os filhos são mais que rebentos... São de alguma maneira a materialização das próprias mães, herdado delas qualidades e atributos que marcam-lhes o ser. Mães generosas e cuidadosas contribuem com o fortalecimento da personalidade de seus filhos, ajudando-os a crescer seguros. Ser mãe,

portanto, é ser presente e saber que o futuro de seus rebentos depende dos valores e conceitos que serão semeados na alma de seus filhos. E o dia das mães não é um dia particular. Todos os dias são dias de celebrar e honrar as mães. (Telles, 2014, p.18)

O narrador também tece uma crítica ao afirmar que o dia das mães não é um dia particular, pois há muitos filhos que se esquecem das suas genitoras durante o ano inteiro e só se lembram na data celebrada, segundo domingo de maio no Brasil. Ele traz a questão do abandono afetivo que muitas mães sofrem pelos filhos e realça que a mãe é um dos bens mais preciosos, portanto requer atenção, cuidado, valorização e principalmente amor.

A figura da mãe parece ter uma grande importância na vida do autor, pois além do conto “Os peitos de mamãe” que mostra a importância da mãe para o filho, da crônica “Uma mãe e sua dor” que apresenta a dor de uma mãe pela perda de uma filha, “Ser mãe” nos traz de forma bem clara o papel de ser mãe e a importância que ela carrega.

2.1.5 Amor e as recordações infantis em “O rádio do meu avô e as crônicas do seu Josué” e em “Tardes de chuva”

As crônicas “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué” e “Tardes de chuva” abordam sobre as recordações da infância. Essas lembranças são contadas com alegria e entusiasmo por um narrador- personagem, ele relata sobre alguns momentos do seu tempo de criança vividos no interior. Podemos inferir que este lugar seja o interior do Amazonas, pelas características apresentadas nas narrativas e também pelo fato de ser local de nascimento do autor.

Em “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué”, o narrador afirma que “Era menino, lá no interior. O único canal de comunicação com o mundo era o rádio do meu avô”. Aqui, nos é apresentado o retrato das comunidades pertencentes ao interior do Amazonas que ficavam isoladas e tinham apenas como comunicação o rádio, objeto que não era acessível a todos os moradores.

As recordações do narrador sobre a infância constroem toda a narrativa: a memória dos momentos vividos no interior do Amazonas com seu avô, com a comunidade e ao falar das crônicas e dos sentimentos que elas o despertavam. Para Jan Assmann a “Memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. A identidade, por sua vez, é relacionada ao tempo”. (Jan Assmann, 2008, p. 116). Em “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué”, o narrador explana sobre a

infância e dialoga com ideia de que o passado é muito importante para construção da nossa identidade, é através dele que encontramos respostas para o presente e para o futuro:

A infância é o porto para onde sempre voltamos. E lá, envolvidos pelas obras do tempo, que estão os enigmas que nos revelam e nos explicam. Não é no futuro que nos encontramos- é no passado que estamos: onde são tecidos os fios com que se fazem as malhas do presente e do porvir. O escritor francês Marcel Proust expressou esse fato da condição humana com rara beleza e sensibilidade: ‘Os verdadeiros paraísos que se perderam’’. (Telles, 2014, p.39)

Sobre as memórias da infância, Halbwachs afirma que:

A vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entre em contato com um passado mais ou menos distante, e é como se o quadro dentro do qual são guardadas as lembranças mais pessoais. É sobre esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá apoiar-se sua memória. (Halbwachs, 1990, p. 71)

O narrador aponta uma travessia da velhice para a infância. É como se o ser humano fosse constantemente atravessado pelo passado e este responsável para a formação da subjetividade do sujeito. Ademais, pode-se perceber que o sentido da existência não é fixo, há sempre uma mudança, pois o ser humano vai adquirindo novas experiências, o que o leva a se transformar e obter novas concepções, novas atitudes:

A caminhada para o desenlace da vida é na verdade um retorno ao começo. Talvez por isso, na medida em que envelhecemos, vamos nos reencontrando com as lembranças da estação primeira de nossa existência. E, assim, tudo o que parecia perdido para sempre, subitamente ressurgiu dos escaninhos da memória. (Telles, 2013, p. 38)

Ainda de acordo com Assmann “A memória nos capacita a viver em grupos e comunidades e viver em grupos e comunidades nos capacita a construir uma memória”. (p.117). As crônicas em análise apresentam memórias que foram construídas a partir da vivência em grupos ou comunidade e nos mostra o quanto a memória é uma ferramenta essencial de resistência:

Vovô Chico conquistou status na vizinhança: nos horários em que ligava o rádio (de manhã cedo, ao meio-dia e à noite) a casa se enchia de ouvintes. Das programações, lembro-me da transmissão de avisos que era acompanhada com atenção por todos. (Telles, 2014, p.39)

A memória individual na crônica é despertada por um acontecimento inesperado. O despertar da memória acontece através de uma notícia: “Este devaneio sobre a infância surgiu-me a propósito da notícia do centenário do jornalista Josué Cláudio de Souza. A referência ao seu nome, trouxe-me à lembrança um dos momentos mais expressivos do meu existir”. (Telles, 2014, p.39). Para Halbwachs:

[...] não está inteiramente isolada e fechada. Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente a necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (Halbwachs, 1990, p. 54)

Sendo assim, o rádio é um objeto que representa o desejo, a curiosidade da criança, além de ser um objeto que não poderia ser adquirido por todos os habitantes do lugar. “Um lindo rádio, cuidado como se fosse um tesouro. Só vovô Chico o operava” “Morria de vontade de mexer nos botões do aparelho: acompanhava a distância vovô Chico sintonizando as emissoras...” O rádio do vovô Chico também funciona como um marcador do tempo na memória infantil: “O dia se movia em meio ao chiado até que chegava à frequência que buscava”. (Telles, 2014, p. 39).

O fato de o rádio ser o único meio de informação e um objeto que era raro na comunidade revelam o baixo poder aquisitivo e o isolamento das comunidades ribeirinhas que possuíam apenas a floresta e os rios como meio de sustento na sua infância. Mas essa realidade ainda é presente nos dias atuais.

Outro ponto relevante é a metalinguagem usada ao falar de crônica na própria crônica “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué”. Nela as crônicas são transmitidas de forma oral para as pessoas que escutam pelo rádio o programa do jornalista Josué Cláudio de Souza. O narrador descreve o cotidiano infantil marcado pelo contato com belas mensagens transmitidas através da voz melancólica do locutor:

O programa que ficou gravado na minha memória, como um quadro recorrente do tempo de menino, foi a “Crônica do Dia”, do seu Josué Cláudio de Souza. Era assim que meu avô se referia ao locutor, por quem tinha verdadeira veneração. Lembro-me de seus gestos e de como se preparava para ouvir seu cronista favorito. Com a mesma devoção, sentava-me num banquinho e acompanhava atento o encadeamento das palavras, tendo sempre um mote um tema e uma mensagem de conteúdo humano e

edificante. (Telles, 2014, p.40)

Nesse sentido, as crônicas desempenham o papel de refletir sobre o cotidiano, além disso, contribui para o ser humano que o narrador se tornou:

Entre as vozes que ficaram registradas no meu imaginário infantil, a fala de seu Josué ecoa viva, luminosa e prenhe de nostalgia. Havia um tom de melancolia em sua voz que me deixava sempre reflexivo. Suas observações e conselhos marcaram minha subjetividade. (Telles, 2014, p.40)

Nesse universo infantil retratado por Telles podemos identificar o amor que a criança sentia pelo avô, o amor do avô pelo rádio, pelo programa e ainda nos mostra o que o amor do avô pela criança, pois ele passa valores que considera importante para o menino que está em formação de identidade e caráter. Para Hooks: “nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, essa é a primeira escola do amor” (Hooks, 2021, p.59)

Podemos estabelecer um paralelo entre “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué” e a crônica “Tardes de chuva” pertencente ao livro *Renovação*. Ambas apresentam memórias, recordações da infância que nos levam a refletir sobre a construção da nossa existência.

“Tardes de chuva” também traz o cenário amazônico, o autor consegue construir, através de suas lembranças da infância, uma comunidade ribeirinha marcada pela presença das florestas, dos animais, dos rios e dos caboclos ribeirinhos.

As canções para o retorno do sol apresentadas pelo narrador como ritual infantil são frutos de uma memória individual advinda de uma memória coletiva, pois parece ser algo que foi passado de geração em geração:

Entoava, com meus primos, canções para trazer o sol de volta: ‘vai chuva, vem sol, para enxugar o meu lençol’. Às vezes saíamos para desenhar no chão figuras do sol, alegres e com riscos representavam seus raios. Repetíamos os gestos dos homens da pré-história, que antes de sair para as caçadas, num apelo mágico, inscreviam nas paredes das cavernas imagens dos animais que desejavam abater. Era uma felicidade quando, subitamente, a chuva cessava e o sol dava o ar da sua graça. Acreditávamos que era por força do nosso ritual infantil. (Telles, 2013, p.39)

A samaumeira descrita em “Tardes de chuva” tem uma grande representatividade na vida da criança que se faz presente até a vida adulta. O poder sobrenatural de uma árvore

gigantesca que poderia significar uma guardiã do espaço habitado: “Não me esqueço da imensa samaumeira que reinava imponente na beira do rio. Aquela árvore habita o meu imaginário e o meu coração”. (Telles, 2013, p. 40)

Muitas árvores são consideradas sagradas para os povos indígenas e caboclos, e fazem parte na cosmogonia de muitos povos originários, para a etnia Ticuna, por exemplo, a samaumeira é uma árvore que deu origem ao Rio Solimões e a de seus galhos surgiram outros rios e igarapés:

A SAMAUMEIRA QUE ESCURECIA O MUNDO

No princípio, estava tudo escuro, sempre frio e sempre noite. Uma enorme sumaumeira, wotchine, fechava o mundo, e por isso não entrava claridade na terra. Yo'i e Ipi ficaram preocupados. Tinham que fazer alguma coisa. Pegaram um caroço de araratucupi, tcha, e atiraram na árvore para ver se existia luz do outro lado. Através de um buraquinho, os irmãos enxergaram uma preguiça-real que prendia lá no céu os galhos da samaumeira. Jogaram muitos e muitos caroços e assim criaram as estrelas. Mas ainda não havia claridade. Yo'i e Ipi ficaram pensando e decidiram convidar todos os animais da mata para ajudarem a derrubar a árvore. Mas nenhum deles conseguiu, nem o pica-pau. Resolveram, então, oferecer a irmã Aicüna em casamento para quem jogasse formigas-de-fogo nos olhos da preguiça-real. O quatipuru tentou, mas voltou no meio do caminho. Finalmente aquele quatipuruzinho bem pequeno, taine, conseguiu subir. Jogou as formigas e a preguiça soltou o céu. A árvore caiu e a luz apareceu. Taine casou-se com Aicüna. Do tronco da samaumeira caída formou-se o rio Solimões. De seus galhos surgiram outros rios e os igarapés. (Ticuna, 1997, p.14, apud Ferreira, 2021)

Para Aleida Assmann, “as recordações estão entre as coisas mais voláteis e incertas que há. Por isso é que pessoas em diferentes culturas em todos os tempos recorreram a estabilizadores materiais, desde mnemotécnicas objetais e visuais até a escrita” (Assmann, 2011, p.267). Tanto o rádio quanto a samaumeira são formas simbólicas de representação do passado ligado ao presente.

A memória na crônica “Tardes de chuva” também é despertada por um acontecimento inesperado:

Entoava, com meus primos, canções para trazer o sol de volta: “vai chuva, vem sol, para enxugar meu lençol”. Às vezes, saíamos para o terreiro para desenhar no chão as figuras do sol, alegres e com riscos que representavam seus raios. Repetíamos os gestos dos homens da pré-história que, antes de sair para as caçadas, num apelo mágico, inscreviam nas paredes das cavernas imagens dos animais que desejavam abater. Era uma felicidade quando, subitamente, a chuva cessava e o sol dava o ar da sua graça. Acreditávamos que era por força do nosso ritual infantil. (Telles, p. 39, 2013)

Na crônica, a memória da infância vem à tona ao contemplar uma tarde chuva:

Senti intensa alegria ao ouvir o barulho dos pingos tamborilando no telhado. O som eclodiu na memória e me transportou para a infância na beira do Solimões: os dias de chuva, ouvindo as gotas martelando o zinco da cobertura. De repente, um calidoscópio de imagens submersas voltaram das funduras do passado: pela janela olhava o tempo todo molhado, os bichos correndo em busca de proteção. No lago mais próximo, mamãe lavando a juta, um pequeno ponto em movimento na paisagem enevoadas. (Telles, 2013, p.38)

Essa experiência sensível funciona como um gatilho que o leva ao passado, essa descrição se constitui também como um elemento estético que funde passado e presente. A memória surge de forma abrupta, mas que traz muito sentimento. A lembrança da mãe, a descrição dos espaços fazem parte da identidade do narrador e traz pertencimento.

O narrador apresenta uma reflexão existencial, o espaço contribui para a formação do ser e deixa marcas éticas e existenciais no sujeito. Podemos observar quando ele recorda sua infância e reflete sobre o que somos a partir do lugar que nascemos:

O ser humano é o lugar em que nasce. Quem nasce no sertão é resistente, tem alma agreste, mas intensa de vida e humanidade, basta observar as personagens do mestre Graciliano Ramos. Nós, nascidos nesse universo feito de água, terra e floresta, somos parcimoniosos, com a intensa necessidade da presença do outro. Talvez por isso falamos com as mãos, precisamos tocar nossos interlocutores para dizer dos nossos sentimentos. (Telles, 2013, p.38)

Em “Tardes de chuva”, as brincadeiras, a natureza afirmam o amor da criança pelo espaço vivido, as surpresas que somente no interior amazônico poderia ter sido presenciadas da forma como foi. A saudade é latente na vida do narrador que afirma chorar ao lembrar desses momentos felizes:

Chamava-me atenção as chuvas com sol. Ficava me perguntando como era possível chover e fazer sol ao mesmo tempo. É tão bonito contemplar esse capricho da natureza. Observar os diversos matizes de cores brilhantes em contraste com os pingos que se tornam luminosos. Pingos da memória misturados às lágrimas que abrem sulcos no meu rosto. Lágrimas de saudade desse tempo de menino em que brincava de ver Deus nas nuvens, barcos, peixes, pássaros, formas, as mais estranhas e amedrontadoras. (Telles, 2013, p. 39)

A contemplação da natureza pelo menino expressa o amor, o respeito que foi construído na vivência amazônica. O belo é apresentado como parte dessa construção. O saber

apreciar aquilo que é belo nos leva a entender que a criança tinha consciência da sua existência e da importância de se valorizar o seu espaço. O amor pela Samaumeira, por exemplo, se eternizou na memória do narrador: “Aquela árvore habita meu imaginário e o meu coração”. (Telles, 2013, p.40)

Diante disso, as crônicas analisadas trazem fragmentos da infância através a memória individual e coletiva apresentadas pelo narrador. Essas memórias ainda que não possam reproduzir fielmente o passado, ajudam a entender e construir a identidade do narrador que afirma que eles marcam sua subjetividade. E nos levam a acreditar que o passado sempre será um elo ligado ao presente, é através do passado que podemos encontrar respostas para muitas perguntas do presente.

A memória é essencial para construirmos nossa identidade que a todo o momento está em construção. Além das crônicas serem uma forma de resistência para que essas memórias não se percam, elas também nos ajudam a conhecer esse espaço cultural vivido: as comunidades ribeirinhas. As brincadeiras nas tardes de chuva, a importância do rádio do avô, a perda e a significação da samaumeira são elementos que ficaram na memória do narrador, mas que não são meras recordações e sim elementos essenciais para formação do indivíduo e um registro da identidade da cultura cabocla.

Em *Cultura Amazônica*, Paes Loureiro afirma que a identidade da cultura cabocla tem a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamento e de comportamento que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e de persistência do tempo. (Loureiro, 2015, p. 55)

Tenório Telles traz em *Viver e Renovação* crônicas que nos levam a refletir sobre a existência, sobre nossas atitudes, sobre a literatura, sobre o amor, mas também, apresenta em muitas das suas narrativas fragmentos de sua memória individual e coletiva. Muitas dessas memórias são lembradas com amor.

Acreditamos as narrativas tiveram a intenção de enraizar, através das recordações nas crônicas “Tardes de chuva” e “O rádio do meu avô e as crônicas de seu Josué” um pouco do universo da cultura amazônica e fazem de forma singular, apresentando o cotidiano amazônico sob um olhar infantil. Olhar esse que expressa inocência e beleza. E ainda, é possível perceber o amor que está diluído nesse cotidiano construído por recordações. Ao rememorar sua infância, o narrador sente saudade do tempo de criança e nos apresenta um cotidiano marcado por um ambiente que era cercado de amor, seja por indivíduos, seja pela natureza.

2.1.6 Amor aos animais em “O cachorrinho”

A crônica se inicia por uma lamentação do narrador ao rememorar a morte do cachorrinho que fora atropelado: “Não consigo te esquecer, cachorrinho. Vejo-te brincando na rua, correndo e mordendo os outros cães numa alegria inocente” (Telles, 2014, p.15). O sentimento de tristeza e piedade revela indícios de amor diluído nesse cotidiano. Ao afirmar que não consegue esquecer o pobre animalzinho, o narrador externa seus sentimentos pelo cachorrinho. Parece ser saudade. Mas o que nos faz sentir isso? Esse sentimento está atrelado a algo que nos é importante, porém está ausente.

Por conseguinte, o narrador ressalta a inocência do animal: “A verdade é que não sabias dos perigos que te alcançavam. Viver é arriscado para todos os seres: para os passarinhos, para as plantas... E também para os cachorros”. (Telles, 2014, p.15). Entende-se que o cachorrinho simboliza muitas pessoas que perdem suas vidas de maneira inocente, principalmente crianças. Essas pessoas querem apenas viver, mas acabam encontrando no caminho inúmeros perigos que ameaçam e na maioria das vezes acabam ceifando suas vidas. Essas ameaças geralmente passam despercebidas por conta da ingenuidade e da inocência. Telles nos leva a refletir sobre essa inocência e os perigos que a vida nos impõe constantemente.

Ao narrar o atropelamento do inocente cachorrinho, o narrador expõe uns dos oponentes do amor: a indiferença. A frieza do jovem ao atropelar o animal nos revela o quanto a sociedade está cada vez mais indiferente para muitas situações que acometem nosso dia-a-dia. A falta de amor fraterno impacta as atitudes humanas na sociedade porque é através desse amor que pensamos na unidade, nos direitos, no cuidado, na responsabilidade das ações praticadas em comunidade. De acordo com Fromm:

O tipo mais fundamental de amor, subjacente a todos os demais tipos, é o amor fraterno. Entendo por isso o sentido de responsabilidade, cuidado, respeito, conhecimento de qualquer outro ser humano, o desejo de melhorar a sua vida. É desse tipo de amor que a Bíblia fala quando diz: ama o próximo como a ti mesmo. O amor fraterno é amor por todos os seres humanos, ele é caracterizado por sua falta de exclusividade. Se desenvolvi a capacidade de amar, não posso deixar de amar meus irmãos. No amor fraterno, há a experiência de união com todos os homens, de solidariedade humana, de reconciliação humana. O amor fraterno baseia-se na experiência de que somos todos um só, de que as diferenças em termos de talento, inteligência, conhecimento, são desprezíveis em comparação a identidade do núcleo comum dos homens. Para experimentar essa identidade é necessário penetrá-las da periferia até o núcleo. (Fromm, 2015, p. 58-59)

Na crônica “O cachorrinho”, a morte do animal nos chama atenção para a responsabilidade que a sociedade deve ter com animais, e ainda, nos faz refletir acerca do direito a vida desses seres que apesar de serem irracionais produzem amor naqueles que os adotam como parte da família. Telles mostra seu olhar sensível e apurado para situações cruéis que se tornaram comuns, como a morte de animais que acontecem constantemente e para muitas pessoas parecem ser normal, não há comoção ou até mesmo a falta de vontade de fazer justiça:

Impressiona-me a ingenuidade com que brincavas, sem considerar tantos perigos. Via-te sempre andando naquela rua, que era teu território, melhor dizendo era tua casa. Já era tarde quando te vi correndo para a calçada. A noite estava linda, banhada pela luz prateada da lua. Súbito um barulho... Levantei a vista e estavas no chão, contorcendo-te. Imaginei a dor que sentias, amigo cachorrinho. (Telles, 2014, p.15)

Fica evidente a empatia do narrador ao ver o cachorrinho. Ele sente a dor do cachorrinho que está chegando a sua finitude. Outro ponto a se pensar é como o narrador se refere ao cãozinho, ele usa o vocativo: “amigo cachorrinho”, percebe-se que o narrador nutre uma amizade com o animal e revela que não era apenas um cão desconhecido. Ao imaginar sentir a dor de um amigo pode-se perceber o sentimento que é atribuído ao animal: o amor. Aliás, acredito que em várias passagens do texto ou quase todo ele, é possível sentir esse amor do ser humano em relação ao cachorrinho.

Além desse aspecto mencionado, temos na figura do cachorro uma representação de pessoas que precisam ser amadas, cuidadas, respeitadas, mas parecem ser invisíveis diante da correria do dia a dia. Nesse sentido, o conceito de amor fraterno desenvolvido por Erich Fromm em sua obra *A arte de amar* dialoga com os pensamentos de Telles sobre a importância do amor como caminho para uma sociedade mais justa e humana.

A morte é um dos temas recorrentes nas crônicas de *Viver*. A finitude do cachorrinho chega muito cedo. A sua existência é encerrada precocemente:

A vida pulsava em ti, enquanto travavas uma luta surda com a morte. Uma angústia desesperada tomou conta de mim ao vê-lo ferido mortalmente. Chorei ao perceber que tua existência chegara ao fim e que, em silêncio, partias desse mundo em que tudo vale tão pouco. Afinal, quem se importa com a vida de um cão de rua? (Telles, 2014, p.15)

O nosso cotidiano está repleto de notícias sobre mortes. Os jornais, as redes sociais, programas sensacionalista aproximam mais as pessoas da morte, o que antes não acontecia.

Falar da morte era como se tivesse a atraindo. Porém, essa aproximação não garante que as pessoas parem de temer a morte. A incerteza do acontecimento apavora muitas pessoas. Para Hooks:

Nós vamos testemunhar a morte dos outros ou vamos testemunhar nossa própria morte, ainda que seja naquele breve instante em que a vida se esvai. Viver o desamor não é um problema sobre o qual reclamamos aberta e prontamente. Contudo, a realidade de que vamos todos morrer cria grande preocupação, medo e angústia. É bastante possível que o culto à morte, indicado pelo espetáculo constante de mortes a que assistimos na tela da tv diariamente, seja uma forma pela qual nossa cultura tenta paralisar esse medo, conquistá-lo, para nos deixar confortáveis. (Hooks, 2015, p.222)

O fato é que a morte faz parte da vida, mas encará-la como algo natural é bem difícil, ainda mais quando ela está associada à tragédia, a homicídios. A aceitação se torna muito mais complicada. Hooks afirma:

Toda adoração à morte que vemos em nossas televisões, todas as mortes que testemunhamos diariamente não nos preparam de jeito algum para encarar a mortalidade com consciência, clareza ou paz de espírito. Quando o culto à morte está fundamentado no medo, ele não nos permite viver plenamente bem. (Hooks, 2015, p.225)

A existência é uma das preocupações de Telles, nas crônicas de *Viver* e também de *Renovação*, nelas encontramos várias abordagens a respeito da vida. A crônica “Viver” reflete muito sobre a vida e o que é viver na visão do autor:

Viver é saber que na existência temos que fazer escolhas – e que as escolhas erradas podem nos trazer muitos dissabores. E que, por isso, devemos ouvir os ensinamentos das pessoas mais experientes, os conselhos dos sábios e as lições que os livros encerram em suas páginas. Aprender que as respostas que buscamos para as nossas dúvidas e temores estão dentro de nós. (Telles, 2014, p. 11)

A memória é muito marcante nas crônicas de Telles, muitas são as crônicas que retratam essa temática, o que nos faz inferir que muitas narrativas contadas fizeram parte da vida do autor. Nesse sentido, o amor parece existir por parte do narrador, apesar da narrativa não expressar de forma direta. Isso talvez gere uma dúvida, se realmente ela apresenta uma representação do amor ao animal. Por um momento, ela pode sugerir que seja um grande afeto, mas pode-se perceber há admiração, ele observa o cachorrinho, ele fica angustiado e chora pela morte do animalzinho e principalmente, ele eterniza a vida do animal na existência

dele: “Saiba que estás vivo em mim e que permanecerás na minha memória até que meu último sopro vital cesse”. (Telles, 2014, p.15)

Há ainda, nas linhas de “O cachorrinho” uma indignação em relação à atitude do jovem que comete o ato desumano:

A dor maior, entretanto, foi constatar a brutalidade e indiferença do jovem que conduzia o veículo que pôs termo à tua vida. Ao vê-lo, não reduziu a velocidade, tampouco parou para ver o que havia acontecido. Ao passar por mim, olhei seu rosto e vi que era um jovem... Meu Deus, era um jovem – tão frio, desses que acham que podem tudo e o coração é uma pedra enlodaçada. Quando nossos olhos se encontraram, percebi indiferença e insensibilidade, como se dissesse: é apenas um cachorro. E seguiu veloz. (Telles, 2014, p.15-16)

O narrador parece se preocupar muito com a juventude e o que ela tornará a humanidade. Quais valores os jovens carregam hoje? e qual será sua contribuição para a construção de uma sociedade mais justa? Externar sua dor ao ver o jovem ser indiferente ao atropelar o pequeno cão demonstra que seu sentimento de amor ao próximo não se esvaziou perante a tanta atitude cruel que vemos constantemente no dia a dia e que acaba normalizando a violência. “A te velar, apenas a lua e alguns poucos passantes” (Telles, 2014, p.16) confirma essa ideia: o quanto poucas pessoas se importam com o sofrimento das outras.

Além de rememorar o dia trágico, ele imagina como teria sido a vida do cachorrinho, o que nos faz entender que não se sabe como o animalzinho chegou até a rua que era sua casa:

Passei a noite pensando em ti, imaginando tua história, como vieste ao mundo. A casa que nasceste, tua mãe, teus irmãos... Foste abandonado, a exemplo do que ocorre com tantos outros bichos e seres humanos. Vivias na condição de tantas crianças que habitam as ruas deste país. E assim morreste solitariamente. (Telles, 2014, p.16)

Ao comparar o abandono do cachorrinho com o abandono de muitos seres humanos é um dos pontos centrais da narrativa. Nesse exato momento, o leitor é convidado a olhar para um dos problemas sociais mais agravantes da sociedade que é o abandono de pessoas que ficam em situação de vulnerabilidade e ainda assim, não possuem seus direitos garantidos pelo estado, ou seja, não recebem o mínimo para viver e tentam sobreviver como podem.

Diante disso, a crônica chega ao fim com uma súplica a Deus pelas atitudes do jovem, como se falassem em outras palavras: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. (Bíblia, 1990, Lc 23:34, p.1349), reafirmando a crença na humanidade:

:

Que Deus se compadeça daquele jovem. Cachorrinho, com estas palavras quero testemunhar tua passagem por este mundo desencarnado de humanidade e te dizer que chorei por ti e pelo teu sofrimento. Que Deus te acolha nos céus dos bichos. E que tenhas uma linda campina para brincar livremente sem a ameaça dos homens. (Telles, 2014, p.16)

O desejo de que o cachorrinho encontre uma linda campina para brincar pode ser o sonho de que a sociedade encontre esse paraíso em que os homens não possam ser uma ameaça, que as oportunidades sejam dadas a todos, que o amor seja imperativo, ou seja, que ele seja uma prática como defende Hooks e Fromm.

Outra característica relevante é o desejo de que o animalzinho seja acolhido nos céus dos bichos. Acredito que Telles deixa transparecer sua relação com o cristianismo, na crença que no pós- morte há um céu para as pessoas boas que escolheram o caminho do bem e lá esperam a ressurreição. Em concordância a esse pensamento, se pode verificar no que afirma a Bíblia:

Não fique perturbado o coração de vocês. Acreditem em Deus e acreditem também em mim. Existem muitas moradas na casa de meu pai. Se não fosse assim, eu lhes teria dito, porque vou preparar um lugar para vocês. E quando eu for e lhes tiver preparado um lugar, voltarei e levarei vocês comigo, para que onde eu estiver, estejam comigo vocês também. E para onde eu vou, vocês já conhecem o caminho. (Bíblia, 1990, João 14: 1-3, p.1376)

Nesse trecho bíblico, visualizamos a existência da crença de um pós-morte e a promessa de vida eterna. O que se assemelha ao desejo do narrador de que o cachorrinho seja feliz e na certeza de que não mais sofrerá.

“O cachorrinho” nos convida a refletir sobre a falta de amor que assola a sociedade, o que gera a falta de sensibilidade de muitas pessoas, principalmente em relação aos seres que são invisibilizados. Apesar de a crônica abordar sobre um pequeno cachorro, o que nos leva a importância do amor aos animais, ela também nos sensibiliza ao mostrar que essas pessoas parecem ser tão insignificantes para a sociedade quanto o cachorrinho foi para o jovem. Sendo assim, uma denúncia e ao mesmo tempo uma defesa dos direitos através do amor.

2.1.7 Amor e amizade na crônica “Carta a um amigo imaginário”

Amor e amizade estão estritamente relacionados. Desde pequenos construímos e mantemos relações sociais, algumas perduram a vida toda. Nossa primeira comunidade é a família, é através dela que aprendemos a nos relacionar, mas nem todas as famílias garantem

que conheceremos o amor:

Se não experimentamos o amor em nossas famílias estendidas de origem (o primeiro âmbito de comunidade que nos é oferecido), o outro âmbito onde as crianças, em particular, têm oportunidade de construir uma comunidade e conhecer o amor é no da Amizade. Uma vez que escolhemos nossos amigos, muitos de nós, da infância à vida adulta, temos nos voltados para eles em busca de carinho, respeito, conhecimento e do empenho geral para promover o nosso crescimento que não encontramos em família. (Hooks, 2021, p.165)

Desse modo, Hooks defende que a amizade é um tipo de amor. A existência do amor entre amigos também é defendido por Telles na crônica que será analisada a seguir.

A crônica “Carta a um amigo imaginário” como próprio título apresenta é uma carta redigida por um narrador, que não é identificado, para um amigo. O nome do amigo também não é revelado, mas o narrador nos dá pistas ao caracterizar, no título, o amigo como imaginário. Isso é bem intrigante, uma vez que a carta apresenta, em seu corpo textual, as lembranças de ações vividas por ambos. Diante disso, pode-se deduzir que a carta é para fazer referência à importância da amizade, sem reduzi-la a um nome específico, o que também pode ser uma representação de todos os bons amigos que passaram pela vida de quem narra.

O vocativo: “Bom companheiro” (p. 51) não foi utilizado por mera expressão popular, mas sim pelo fato de que o amigo possui uma participação importante na vida do narrador: estiveram juntos tanto em bons quanto em maus momentos.

Assim como na crônica “Carta a uma amiga distante” analisada anteriormente, o narrador questiona o mundo que vivemos: “Os dias andam tão incertos e a vida tão diminuída pelo desamor e a indiferença” (p.51). É evidente que em muitas crônicas de Viver, Telles mostra sua preocupação com a falta de amor, o que leva o ser humano a ser indiferente, isso foi possível verificar na crônica “O cachorrinho”. Os dias incertos são construídos por não se saber o que será do ser humano ao seguir por estes caminhos marcados pelo egoísmo, falta de solidariedade e descrença que podemos caminhar para um mundo melhor através do amor, da resistência.

Diante dos tempos difíceis citados pelo narrador, ele vê a amizade como uma fonte de segurança e amparo:

Pensei em ti e uma saudade súbita me assaltou o coração. Nos momentos escuros da caminhada, restam-nos os amigos como consolo. Mesmo distantes, estão sempre receptivos aos nossos anseios e compreensivos com as nossas tristezas e fragilidades. O bom da amizade é a certeza de que teremos sempre o aconchego e a mão amiga nos momentos em que

fraquejamos. O sábio Aristóteles considerava que um amigo é “uma alma solitária que vive em dois corpos”. (Telles, 2014, p.51)

Nesse contexto, a amizade possui um valor enorme para o narrador, mas nem sempre ela é valorizada ou concebida como uma forma de amor:

Muitos de nós aprendem ainda na infância que amizades nunca deveriam ser vistas como tão importantes quanto laços familiares. Entretanto, a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. Aprender a amar em amizades nos fortalece de formas que nos permitem levar esse amor para outras interações com a família ou com laços românticos. [...] Nas amizades, podemos ouvir comentários honestos e críticos. Nós confiamos que um amigo verdadeiro deseja o nosso bem [...]. (Hooks, 2021, p.166)

Sendo assim, a amizade é um fio condutor que transporta o amor. Nela, aprendemos a amar e aprendemos a nos sentir seguros, uma vez que podemos confiar e contar sempre com a ajuda daqueles que denominamos amigos.

Diante da importância da amizade abordada por Hooks, C.S. Lewis nos apresenta a informação de que: “[...] poucas pessoas modernas pensam que a amizade é um amor de valor comparável ou mesmo que seja um amor” (Lewis, 2017, p. 83). Para o autor, antigamente a amizade parecia ser considerada o mais feliz e mais completamente humano de todos os amores, a coroa da vida, a escola da virtude. Mas no mundo moderno, isso é ignorado. (Lewis, 2017, p.83).

O narrador fala muitas vezes da saudade que sente do amigo, da sabedoria que ele possui: “Lembro de ti e ouço tuas palavras tão vivas e cheias de entendimento.” (Telles, 2014, p.51) e através das lembranças, ele traz também o pensamento do amigo a respeito da vida: “Tens razão, o mundo anda esvaziado do bem. Os interesses e mesquinharias contaminaram o convívio entre os homens”. (Telles, 2014, p.51). Exatamente aqui, podemos perceber as afinidades que constroem, aproximam e firmam essa amizade. Sobre isso, Lewis afirma:

A amizade brota do mero companheirismo quando dois ou mais dos companheiros descobrem ter em comum alguma perspectiva ou interesse, ou até gosto, que os outros não compartilham e que, até o momento, cada um acreditava ser seu próprio tesouro (ou fardo) singular. (Lewis, 2017, p.92)

Na crônica analisada, os amigos partilham dos mesmos pensamentos a respeito da vida. Esses pensamentos são uma crítica que Telles mais uma vez ressalta sobre os valores que se perderam e que estão quase impossíveis de achar na humanidade. Diante disso, o

narrador aponta algumas das funções que amizade pode exercer: resistência à contaminação da maldade, da ganância e do egoísmo; a preservação e a propagação da importância dos valores humanos:

A amizade é uma flor rara nesse deserto em que se transformou a vida. Ter um amigo é um presente de Deus. Por isso, saber que estás vivo, que respiras me enche de contentamento e me fortalece porque sei que não estou sozinho. Quem tem um amigo, nunca está só. (Telles, 2014, p.51-52)

Telles enfatiza que como qualquer amor, a amizade requer cuidados. Muitas vezes a amizade verdadeira pode ser corrompida pela maldade, pela inveja de outras pessoas que acabam por nutrir sentimentos ruins. Além disso, às vezes acabamos machucando quem amamos com nosso próprio egoísmo e falta de sensibilidade:

A amizade é como uma planta. É preciso alimentá-la e protege-la. Ninguém está livre das intempéries e maldades do mundo. Sem falar nas circunstâncias que determinam nossas vidas, e que também falhamos com quem nos quer bem. É assim que tudo se constrói, inclusive a amizade. (Telles, 2014, p.51-52)

Viver traz sempre a preocupação com a existência: “Hoje sei que gente como a sua alma ajuda a existência a ser melhor, torna a vida mais bonita. Quando a descrença se insinua no meu ser, lembro-me de ti e a minha esperança se reacende”. Tenório Telles sempre reafirma em sua escrita a importância de se ter uma existência pautada na esperança de um mundo melhor, para ele: “Viver é acreditar que é possível construir um mundo mais limpo e justo”. (p. 11)

Diante disso, podemos perceber que o narrador se importa com a amizade construída ao longo do tempo, ele valoriza o amigo que representa a esperança em acreditar que a vida pode ser boa. Para ele, a amizade pode ser um dos remédios para curar os males que tomam conta da existência humana, ela age na humanização, na solidariedade do ser:

Sinto-me responsável pela nossa amizade. Embora tudo esteja tão banalizado e o ceticismo corroendo o coração, mantenho-me esperançoso, certo de que a vida vale a pena e que as coisas não estão perdidas. Enquanto existir na Terra, mesmo com as guerras, com a violência e a mentira, alguém capaz de amar e ser amigo, a promessa de redenção e recomeço se renovará. Tê-lo como companheiro de caminhada me redime e justifica minha existência nesse planeta que insiste em negar ao ser humano o direito de ser – feliz, pleno e amigo. (Telles, 2014, p.52)

Por fim, o narrador se despede de seu amigo: “Receba, bom amigo, neste dia em que se celebra a amizade, o meu coração, o que de melhor há em mim – terra e água que ajudarão a florescer a rosa da nossa amizade”. (Telles, 2014, p.52)

O adjetivo utilizado antes do substantivo amigo realça que a bondade, a lealdade, o companheirismo fazem parte do caráter do amigo. Outro ponto importante é a data que a carta foi escrita: o dia da amizade que é celebrado internacionalmente em 30 de julho, essa data foi estabelecida pela Organização Mundial das Nações Unidas (ONU) com o objetivo de promover a celebração da amizade em diferentes culturas, com a finalidade de fortalecer os laços de amizade e solidariedade entre os diferentes povos, independentemente de sua localidade ou cultura, sendo assim, pode-se inferir que a carta pode ter sido redigida nesta data. Nesse contexto, o narrador, além de concretizar os cuidados que afirma que a amizade dever ter, ele homenageia seu amigo como reafirmação da importância que a amizade tem na vida do ser humano, prova disso, é o oferecimento do seu coração, uma metáfora para dizer que ama seu amigo, que confia e que necessita dele.

Encontra-se o amor relacionado à amizade em todo corpo textual da crônica, é possível identificá-lo, através das lembranças, da saudade, dos pensamentos convergentes, do cuidado com o outro, da representação de cada um, do desejo de querer bem e da vontade de fazer esse amor uma resistência.

2.1.8 Amor a Deus na crônica “Em defesa de Deus”

A crônica “Em defesa de Deus” é uma epístola escrita pelo narrador a Deus. A crônica nos dá fortes indícios que se trata do deus do cristianismo, principalmente por ser grafado com a letra maiúscula. Sendo assim, a análise da crônica será feita tendo como referência. Na carta, o narrador não é identificado e apresenta seus questionamentos sobre a forma como as pessoas utilizam o nome de Deus para justificar os acontecimentos ruins e as atitudes delas.

Ao iniciar a missiva, é apresentado o seguinte vocativo “Estimado Deus” (Telles, 2014, p.95). Esse chamamento evidencia o carinho, o apreço, o respeito e o amor que o narrador nutre por ele, tudo isso pode ser comprovado durante a narrativa, através da preocupação que ele demonstra ao explicar que se sente envergonhado pelas ações tomadas por muitas pessoas, além disso, a sua vontade de defender a verdadeira essência de Deus, na sua perspectiva cristã. Sobre acreditar em algo superior, temos o pensamento de Hooks:

Quando escolhemos levar uma vida preenchida pela espiritualidade,

reconhecemos e celebramos a presença de espíritos transcendentais. Algumas pessoas chamam essa presença de alma, de Deus, de Amado, de consciência elevada ou de poder superior. Há ainda os que dizem que essa força é o que é porque não pode ser nomeada. Para eles, simplesmente o espírito se movendo em nós e através de nós. (Hooks, 2021, p.115)

Por conseguinte, o narrador inicia o teor da carta demonstrando consciência, gratidão e contemplação a Deus:

Sei da tua generosidade e da tua compaixão. Foste bom ao nos permitir a vida, especialmente em ser: ter capacidade de pensar e amar, de sonhar e construir, de mudar e recomeçar. E para que vivêssemos efetivamente nossa liberdade, nos agraciaste com o livre-arbítrio. (Telles, 2014, p.95).

A consciência se dá no reconhecimento de que existimos pela vontade de Deus e ainda, as capacidades que nos são dadas são também frutos da sua permissão. A gratidão se revela por essa consciência obtida, principalmente por tornar o ser humano livre e com o poder de escolha. Já a contemplação é entendida pela generosidade e compaixão de Deus pela humanidade, mesmo sabendo dos pecados cometidos por ela. Fica evidente que o pensamento do narrador está voltado para os ensinamentos do Cristianismo que tem Deus como o centro da existência da vida e do universo, ou seja, é o Deus criador.

Sobre a criação, o narrador tem como certeza que uma das finalidades da existência humana é a felicidade que somente é obtida pelo cumprimento das orientações bíblicas, principalmente a importância do amor ao próximo:

Para sermos felizes fomos criados, mas a arrogância e a vaidade nos afastaram do projeto original. Tornamo-nos mesquinhos e egoístas. Até nos insurgimos contra ti e arrastamos o teu nome e tuas palavras na lama. Nos templos, os novos vendilhões negociam milagres e a salvação. Desrespeitam a tua memória e ensinamentos e usam teu santo nome em vão. (Telles, 2014, p.95)

“Em defesa de Deus” apresenta uma crítica ao capitalismo e os efeitos que ele causa na vida das pessoas. A arrogância e a vaidade são frutos do desejo de querer se ter e esquecer o ser, com isso o ser humano é corrompido na sua ética social, moral e religiosa. De acordo com Fromm:

A sociedade capitalista baseia-se no princípio da liberdade política, de um lado, e no mercado como regulador de todas as relações econômicas e sociais, do outro. O mercado de bens determina as condições em que as mercadorias são trocadas, o mercado de trabalho regula e compra a venda de

trabalho. (Fromm, 2015, p.103-104)

Fromm apresenta a estrutura básica do capitalismo, mas também ressalta que o capitalismo contemporâneo sofreu transformações, com isso, exerce uma influencia profunda na estrutura do caráter do homem moderno. (Fromm, 2015, p.104). As crônicas de Telles que foram analisadas nos revelam exatamente essa inquietação: o homem acaba sendo moldado pelo sistema capitalista, que concentra o capital nas grandes empresas e torna-o totalmente dependente e consumista e ainda, o trabalhador é visto como uma máquina, que ao apresentar defeito é logo descartada. Ainda quanto a isso, Fromm destaca:

[...] o homem moderno alienou-se de si mesmo, de seus semelhantes e da natureza. Ele foi transformado em mercadoria, experimenta suas forças vitais como um investimento que precisa lhe proporcionar o maior lucro capaz de ser obtido nas condições de mercado existentes. As relações humanas são essencialmente as relações entre robôs alienados, cada um dos quais baseia sua segurança em ficar junto do rebanho, e não ser diferente dele em pensamento, sentimentos e atos. Embora todos procurem ficar o mais junto possível do resto, todos permanecem absolutamente sós, invadido pelo profundo sentimento de insegurança, ansiedade e culpa que sempre surge quando o estado de separação humano não pode ser superado. (Fromm, 2015, p.106-107)

Seguindo a mesma linha de pensamento de Erich Fromm, Bauman acredita que o capitalismo acaba por enfraquecer as relações humanas de forma profunda, o que as torna efêmeras. Sendo assim, podemos inferir que amar implica um movimento contrário à pressa e ao consumo, essa ação requer permanência, responsabilidade e paciência:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (Bauman, 2004, p. 21-22)

Seguindo os pensamentos de Fromm e de Bauman comparados aos expostos na crônica, temos um ponto de convergência que afirma que tudo isso mencionado acima, contribui para que o homem desintegre o amor que deveria ser elevado, multiplicado, pois para a maioria dos homens, tudo é troca ou objeto de consumo. E a espiritualidade não foge a regra, ela também é afetada de forma avassaladora, sendo essa uma das críticas abordadas

pelo narrador.

Ao afirmar que jogam o nome e as palavras de Deus na lama e tomam seu santo nome em vão, nos lembra do segundo mandamento estabelecido na “Bíblia”, no livro de Êxodo, 20-7: “Não pronuncie em vão o nome de Javé seu Deus, porque Javé não deixará sem castigo aquele que pronunciar o nome dele em vão”. É nítido que para o narrador o nome “Deus” não é respeitado e que até mesmo o temor do castigo não existe mais, ou seja, não há o cumprimento desse mandamento. Para ele, o nome de Deus não pode ser utilizado em favor de benefícios próprios e nem em benefícios de grupos, principalmente para promover para manipular e fortalecer um sistema de fabricação de dinheiro em cima da fé de muitas pessoas. O narrador também critica o fato de tornarem as igrejas um templo de compra e venda da salvação eterna, esse pensamento pode ter sido baseado no que diz a “Bíblia” em Mateus 21:12-13:

Jesus entrou no Templo, e expulsou todos os que vendiam e compravam no Templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. “E disse: Estás nas Escrituras: ‘Minha casa será chamada de casa de oração. No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões’”. (Bíblia, 1990, p.1267)

Essa comparação entre “Em defesa de Deus” e a “Bíblia” nos mostra que as atitudes humanas sempre foram uma das maiores preocupações da humanidade para a construção de uma sociedade civilizada, para que o ser humano deixe aflorar o seu lado humanizado e não apenas aja por extinto animal. Nesse sentido, pode-se afirmar que o estabelecimento das regras sociais é também influenciado pela religião. Diante disso, podemos deduzir que ela se torna um dos fatores principais para o fortalecimento dessas regras.

Na crônica “Em defesa de Deus” Telles não generaliza as atitudes humanas, ele enfatiza que muitas pessoas levam a sério o nome de Deus, respeitam os preceitos bíblicos e tentam viver de acordo com a sua fé:

Aqueles que ainda não perderam o senso e a lucidez, assistem impotentes a essa heresia. Trata-se de uma encenação ridícula de uma fé vazia, para uma plateia de tolos e ignorantes. Imagino o teu desapontamento com a mentira em que a existência se tornou. Compreendo, inclusive, o fato de teres te recolhido e deixado o ser humano entregue ao próprio destino. Tens coisas mais importantes para fazer. Mas eles acham que tens obrigação de perdoá-los pelos seus desatinos. Alegam que são criaturas mais perfeitas da criação e ainda te culpam por tudo: se acontece alguma tragédia, dizem que foi tua vontade; se fazem alguma besteira, tu o permitiste. Tratam-te como se fosse uma babá, como se não fossem livres para viver e não tivessem inteligência e capacidade para conduzir as próprias vidas. (Telles, 2014, p.95-96)

O amor ao deus cristão abordado pelo narrador não é nova, ela aparece em outros momentos da literatura. Ela nos remete ao período do Barroco, como por exemplo, o poema “A Jesus Cristo nosso senhor” de Gregório de Matos. Nele, observamos os pecados apresentados pelo eu lírico e posteriormente sua súplica por perdão:

Pequei, senhor, mas não porque hei de pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido,
vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.
(Matos, [s.d])

A existência é um dos temas mais abordados nas crônicas de Telles, ela é uma enorme preocupação, principalmente a finalidade que ela possui. Para constatar esse pensamento, percebe-se que para o narrador ela é construída através da existência de um Deus que criou o céu e a terra e tudo que neles há, ou seja, ela está pautada na crença.

O narrador traz o objetivo da sua carta:

Sinto-me constrangido com toda essa insanidade e esse cinismo. Quando penso em tudo isso, sinto-me envergonhado. Tento entender o porquê de toda a maldade e ingratidão. É por causa dessas coisas que resolvi te escrever. Não é para te importunar com pedidos e lamentações. Não. Desejo apenas te dizer que, apesar daqueles que vivem e fazem o mal, do engano e da mentira, algumas criaturas trabalham a favor do bem e da justiça. Fazem sacrifícios, plantam boas sementes e dão exemplos de nobreza, embora eventualmente caiam nas armadilhas dos injustos. (Telles, 2014, P.96)

O ponto principal da epístola é a justificativa do narrador, ao afirmar a Deus que ele não compactua as atitudes humanas que levam o nome de Deus para atender seus interesses e para ganhar poder, independentemente do estrago que elas possam causar na vida de outras pessoas. Ele quer deixar isso bem claro e ainda, quer defender o que Deus realmente vem a ser

na sua perspectiva, isso demonstra o amor e o respeito que ele sente por ele.

Outro aspecto interessante é a intenção da carta, ele afirma que escreveu para falar em defesa de Deus, e não para pedir e lamentar. Isso é mais uma crítica às atitudes humanas. O narrador deixa transparecer o pensamento de que o ser humano, ao se referir a Deus, lembra-se apenas de pedir e se lamentar, como se Deus fosse uma máquina de fazer milagres e ainda, responsável por tudo que ocorre com o ser humano. Os pedidos são constantes e muitos se esquecem de agradecer e verificar a essência de Deus:

Sabe, Deus, as tuas criaturas vivem sob o medo e a insegurança. O mundo que construímos é de aparência e, ainda por cima, usam-te para justificar esse império de crueldade e dor. Afirmam que tu queres tudo isso. Repetem a todo instante: “É a vontade de Deus”. (Telles, 2014, p.96)

O narrador escancara a mentira que as pessoas constroem sobre a sociedade em que vivemos. Na realidade, ele denuncia que a sociedade não é a mesma para todos. As regras sociais funcionam para uns e não para outros. A exploração das pessoas é camuflada em forma de direitos que não assegurados, por isso ele cita o mundo de aparências. Muitas pessoas veem na religião uma forma de ganhar poder, se aproveitando da bondade, da fé e da fragilidade das pessoas: o charlatanismo religioso.

O narrador expõe a sua resistência em não deixar morrer seus princípios pautados na sua crença religiosa: “Tenho resistido e lutado para não perder a fé e a esperança. É por isso que resolvi questionar essas coisas”. (Telles, 2014, p. 96).

Ao manifestar sua inquietação em relação às atitudes contrárias aos preceitos religiosos, o narrador mostra consciência da sua imperfeição. Neste sentido, ele revela que apesar de acreditar nas escrituras religiosas, não as segue rigorosamente, o que nos leva a inferir que o que realmente importa para ele, são as atitudes humanas e sua forma de conexão com Deus, o que pode ser construído de forma individual:

Sei que não sou a pessoa mais indicada para defendê-lo dessas infâmias e de seus detratores. Não sou nenhum modelo de fé e tenho tantas dúvidas. Vou pouco à igreja, especialmente quando não tem celebração, assim posso ouvir tua voz silenciosa e sentir tua presença terna como se fosse o bafejar da brisa matinal. (Telles, 2014, p.96)

A reflexão sobre o amor, em sua dimensão ética e espiritual, conduz inevitavelmente à questão do divino e da forma como o ser humano se relaciona com aquilo que considera sagrado. Compreende-se que a imagem de Deus adotada por cada ser humano está

relacionada à disposição interior que revela o modo de compreender o bem, a justiça e o amor, ou seja, falar sobre Deus, em certo sentido, é também falar sobre o ser humano e suas responsabilidades. Sobre isso Erich Fromm afirma:

Em todas as religiões teístas, sejam politeístas ou monoteístas, Deus é o valor supremo, o bem mais desejável. Portanto, o significado específico de Deus depende do que é o bem mais desejável para uma pessoa. A compreensão do conceito de Deus tem de começar pois, por uma análise do caráter da estrutura da pessoa que adora Deus. (Fromm, 2015, p.79)

É notório que há uma grande preocupação do narrador em enfatizar na sua escrita a Deus, que apesar da sociedade ser de aparência, promover injustiças e utilizar tudo isso em nome de Deus, existem pessoas que preservam o seu nome e que não se deixaram corromper pela ganância:

Escrevo-te para te dizer que nem todos sucumbiram a esse jogo de aparências. Embora os embusteiros e os opressores façam uso do teu nome e palavras para acobertar seus interesses inconfessáveis, e, nos templos, os ministros enganem seu rebanho, em troca de favores e poder, a promessa de redenção continua viva e ao alcance dos homens de boa vontade. Invocam teu nome em vão. Até quando anseiam por coisas espúrias dizem: “Se Deus quiser”. (Telles, 2014, p.96-97)

Toda essa preocupação demonstrada pelo narrador nos leva a acreditar que o Amor a Deus é latente na vida do narrador e ele procura demonstrar todo seu amor através da missiva, não de forma escancarada, mas podemos verificar nos objetivos da carta e suas justificativas para explicar os acontecimentos apresentados. Para Rougemont: “[...] O amor cristão é a obediência no presente. Porque amar a Deus é obedecer a Deus, que nos ordenou amarmos uns aos outros”. (Rougemont, 2003, p.92) Na crônica em análise, é possível perceber que o comportamento do narrador é pautado na obediência e na defesa de amar o próximo, esse amor é externado através das ações pelo outro.

Por fim, o narrador destaca sua confiança em Deus e ainda, seu desejo para a humanidade:

Sei que não queres nada disso, que só desejas o bem e a redenção do ser humano, assim como sua reconciliação com a verdade. Saiba que eu confio na tua compaixão. Sei da minha insignificância e dos muitos afazeres que tens, mas espero que esta missiva chegue às tuas mãos. E que não seja tarde demais para o reencontro do ser humano com a verdade do seu coração. (Telles, 2014, p.97).

Neste sentido, ele enfatiza que o ser humano está na contramão dos propósitos existenciais para qual fora criado: seguir o caminho do bem, da justiça, para construção de uma sociedade igualitária, que busque sanar as diferenças em todos os âmbitos. Sendo assim, o ser humano precisa ter consciência da sua existência e voltar-se para a verdadeira essência que não se baseia apenas no bem individual e sim coletivo. Para o narrador, a transformação do ser humano é necessária para transformação da sociedade, pois poder e a ganância imperam.

Diante da missiva, podemos afirmar que, para o narrador, a religião pode influenciar de forma significativa a sociedade. Através dela pode-se construir o caminho do amor, mas também, ela pode servir como um instrumento para benefício próprio de algumas pessoas e não do coletivo. Nesse sentido, podemos inferir que o narrador tem como sua espiritualidade como um ponto forte da sua existência.

CONCLUSÃO

A complexidade do amor pode ser percebida em diversos aspectos, um deles é a recorrência em que ele é tratado ao longo da história. Muitos autores, filósofos, pensadores se dedicaram a refletir sobre o amor, no campo da literatura, da filosofia, da religião, da arte, entre outros. Há, portanto, um vasto estudo e uma vasta produção literária que aborda essa temática sob diferentes ângulos. No entanto, em grande parte dessa literatura, o amor predominante é o amor paixão. Partindo dessa constatação, este trabalho buscou investigar como o amor se manifesta nas narrativas selecionadas das obras de Tenório Telles, ampliando o olhar para outras formas de expressão do amor presentes na experiência humana.

As reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa tiveram como objetivo investigar a representação do amor na prosa de Tenório Telles, tomando como corpus de análise de alguns contos e crônicas. Para alcançar tal objetivo, a pesquisa foi organizada em dois momentos principais: um de natureza teórica e outra de caráter analítico, que permitiram articular as concepções históricas do amor com sua manifestação na narrativa literária.

No primeiro capítulo, realizou-se uma revisão sucinta de algumas concepções de amor que emergiram ao longo da tradição ocidental. Foram abordadas, inicialmente, as reflexões dos clássicos da Antiguidade, seguidas da compreensão do amor presente na tradição bíblica cristã, em que o amor se apresenta como princípio ético e espiritual. Em seguida, discutiu-se o amor cortês, destacando sua importância para a construção de uma tradição literária marcada pela idealização da figura feminina e pela dimensão simbólica da experiência amorosa. Por fim, refletiu-se sobre o amor na contemporaneidade, considerando suas transformações e suas novas formas de manifestação nas relações humanas. Este capítulo foi fundamental para compreensão da nossa construção sobre amor e as transformações ocorridas ao longo do tempo, ou seja, o amor não é mesmo desde sempre, mas carrega influência de muitas concepções.

Ainda neste capítulo, buscou-se apresentar a definição de crônica, ressaltando seu valor literário e sua relevância como forma narrativa capaz de registrar experiências do cotidiano e transformá-las em matéria estética.

No segundo capítulo, procedeu-se à análise dos contos e das crônicas selecionadas, com o intuito de identificar de que maneira o amor se manifesta nas narrativas de Tenório Telles. A leitura das obras revelou a presença de múltiplas formas de amor, que se expressam em diferentes vínculos e experiências humanas. Assim, foi possível identificar o amor surge sob diferentes formas: o amor materno, o amor a Deus, o amor aos animais, o amor presente

nas recordações da infância, o amor ligado ao erotismo, especialmente nos contos “A sétima lua cheia” e “Os peitos de mamãe”, o amor na amizade e também, o amor entendido como força capaz de sustentar a existência humana. Essas diversas manifestações evidenciam que o amor, na prosa de Tenório Telles, não se limita à experiência da paixão romântica, mas se expande para abarcar diferentes vínculos afetivos que estruturam a vida humana.

A análise das narrativas de Tenório Telles evidencia um autor que capta, com sensibilidade, a complexidade da realidade humana e aponta caminhos possíveis para a construção de um mundo mais justo e humano. Ele demonstra ser um atento observador dos múltiplos aspectos da vida cotidiana. Suas narrativas revelam situações aparentemente simples, mas que carregam profundas reflexões sobre a condição humana. Partiu-se, nesta pesquisa, da hipótese de que esse caminho poderia ser construído por meio da prática do amor, compreendido não apenas como um sentimento idealizado, mas como uma atitude ética que se manifesta nas relações cotidianas. Ao longo das leituras e análises realizadas, foi possível constatar que tal hipótese se confirma de maneira consistente no conjunto das obras estudadas.

Nesse sentido, as leituras e análises das obras permitiram evidenciar que a representação do amor na prosa de Tenório Telles se apresenta como uma força de resistência no cotidiano. Em um tempo marcado pelo consumismo, pela aceleração da vida e por formas de individualismo que frequentemente fragilizam os vínculos humanos, o amor surge nas narrativas como uma preocupação com a existência humana e com o rumo que ela está tomando. Amar, nesse contexto, significa resistir às formas de indiferença e reafirmar a importância das relações humanas na construção da vida em sociedade.

Outro aspecto relevante observado nas narrativas diz respeito ao papel da memória. Nas obras analisadas, a memória se apresenta como uma grande aliada do amor, na medida em que, ao rememorar experiências e afetos, torna viva a presença do outro. Nesse sentido, lembrar não se reduz a um simples exercício de recordação, mas se constitui como um gesto que preserva vínculos e impede o apagamento das experiências compartilhadas. Assim, pode-se afirmar que, nas narrativas analisadas, amar também é lembrar, pois a memória atua como um espaço de permanência do afeto e de preservação das relações humanas.

Observou-se ainda, que dentre as múltiplas representações do amor abordadas nas crônicas, o amor materno é predominante. Ele é abordado em duas crônicas: “Ser mãe” e “Uma mãe e sua dor” e também no conto “Os peitos de mamãe”. É notório, que a figura feminina, principalmente a materna, simboliza força, construção e resistência nas narrativas. As outras representações também possuem esses aspectos, porém a que mais se realça é a

figura materna. No geral, constata-se que as narrativas apresentam uma estética reflexiva, pois convida o leitor a refletir sobre sua existência, sendo o amor apontado como um dos pilares para a construção de uma sociedade justa, tão sonhada pelo cronista.

Nesse sentido, foi possível perceber que o amor, nas narrativas estudadas, funciona também como um agente humanizador. Por meio de sua prática, os sujeitos podem se transformar, se tornar mais sensíveis e mais preocupados com o outro. Desse modo, as relações humanas apontam para responsabilidade e empatia, fugindo do individualismo. Sendo assim, o amor, portanto, não se apresenta apenas como uma dimensão puramente emocional, mas também como uma prática que pode orientar modos de agir e de se relacionar com o mundo.

Essa dimensão humanizadora do amor relaciona-se com o campo da experiência estética. Ao entrar em contato com as narrativas de Tenório Telles, o leitor não apenas acompanha os acontecimentos vividos pelos personagens, mas também é convidado a refletir sobre suas próprias experiências e sobre o lugar do amor na existência humana. A literatura, nesse sentido, torna-se um espaço de sensibilização, capaz de provocar deslocamentos no modo como o sujeito percebe a si mesmo e ao outro.

Além disso, aproxima-se também das reflexões desenvolvidas no âmbito da estética da recepção, as quais a obra literária se realiza plenamente na relação com o leitor. Assim, a leitura se constitui um processo de interação no qual o sujeito é afetado pela experiência estética e pode reinterpretar suas próprias vivências a partir do universo ficcional apresentado. Nesse sentido, como observa Costa Lima, a experiência estética envolve um movimento de aproximação e distanciamento entre sujeito e objeto, no qual o leitor, ao entrar em contato com a obra, passa a perceber a si mesmo e o mundo sob novas perspectivas:

[...]o prazer originado entre a oscilação e entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distancia interessadamente de si, aproximando-se do objeto, e se afasta interessadamente do objeto, aproximando-se de si. Distancia-se de si, de sua continuidade, para estar no outro, como na experiência mística, pois o vê a partir de si. (Costa Lima apud Gomes, 2012, p.42)

Dessa forma, as narrativas de Telles não apenas representam diferentes manifestações do amor, mas também produzem no leitor uma experiência estética capaz de ampliar sua percepção sobre a vida e sobre as relações humanas. Suas histórias, construídas a partir das situações cotidianas e de uma linguagem sensível, convidam ao leitor à reflexão e evidenciam a complexidade da existência humana, que deve ser observada com atenção e sensibilidade.

Diante disso, compreende-se que, apesar das transformações sociais da modernidade e

dos impactos que elas produziram nas relações humanas, a obra de Tenório Telles reafirma a esperança na humanidade e aponta caminhos para a construção de uma sociedade mais digna. Em suas narrativas, o amor aparece como uma prática capaz de fortalecer os vínculos humanos, preservar as memórias dos afetos e resistir às formas de desumanização que atravessam o mundo contemporâneo. Assim, sua literatura evidencia que amar não significa apenas sentir, mas, sobretudo agir, cuidar e reconhecer no outro a dimensão fundamental da existência humana.

Sendo assim, por meio de suas narrativas, Tenório Telles deixa transparecer sua crença no poder da palavra e na potência criadora e transformadora da literatura. Nesse sentido, a escrita literária se configura como um espaço de reflexão sobre a existência humana e sobre os vínculos que sustentam a vida em sociedade. Conforme afirma Roland Barthes, as forças de liberdade que residem na literatura dependem do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua. (Barthes, 1980, p.17). Desta forma, a literatura amplia as possibilidades de significação e evidencia o poder que a palavra pode exercer sobre os sujeitos. Sendo assim, por meio da experiência literária, adquirimos novas percepções e estabelecemos outras formas de interação com o mundo que nos cerca.

Dessa forma, nota-se que os diversos tipos de amor representados nas crônicas e contos revelam um profundo compromisso ético do autor com a existência humana. Ao evidenciar o amor como prática cotidiana, responsabilidade, escolha, ele reafirma que o valor das relações humanas e aponta a literatura como um espaço de reflexão sobre a vida e sobre as formas de humanização que podem emergir no interior da experiência humana.

É possível que as obras analisadas apresentem ainda outras manifestações do amor que não foram contempladas neste trabalho, mas que podem ser exploradas em pesquisas posteriores. Neste sentido, a presente pesquisa abre caminhos para novas investigações, que poderão ampliar o corpus analisado ou analisar as obras do autor a partir de outros vieses teóricos e críticos, uma vez que sua produção literária abrange diferentes aspectos da experiência humana que merecem destaque.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Ana Carolina Jacinto; CARVALHO, Maria Dalva de Barros; PELLOSO, Sandra Marisa. **A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 16, p. 341-347, 2008.
- ALBUQUERQUE, Gabriel Arcanjo Santos de. **Deus, amor, morte e as atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst.** 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ASSMANN, Jan. **Communicative and cultural memory.** In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118. Traduções: História Oral, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016.
- BARTHES, Roland. **Aula.** Editora Cultrix, 1980.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução Carlos Alberto Negreiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BÍBLIA, Sagrada. **A Bíblia sagrada: Edição Pastoral.** Tradução da CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulus, 1990.
- CÂMARA, Yls Rabelo; MINGO, Carlos Sanz. **De fada Morgana à bruxa Morgana—as transformações sofridas por esta personagem arturiana ao longo de oito séculos e seu resgate literário recente.** Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 20, n. 3, p. 82-96, 2016.
- CANDIDO, Antonio et al. **A vida ao rés-do-chão.** In: _____. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANI, Josiane Brunetti; SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron; FAGUNDES, Teresinha de Jesus Cani. (2020) **Entre interditos e transgressões: O Erotismo no conto “A Virgem dos Espinhos”**, de João Gilberto Noll. Revista Ifes Ciência, v. 6, n. 4, p. 166-176.
- COUTINHO, Afrânio. (Dir.) **A Literatura no Brasil.** 7. ed. v. 6 –São Paulo: Global, 2004.
- FERREIRA, Rafael Otávio Fares; DE SOUZA, Alicy Madeira. **Saberes ambientais nos livros indígenas: uma proposta de educação ambiental a partir das árvores.** Revista Engenharia de Interesse Social, v. 5, n. 6, p. 97-115, 2021.
- FREUD, Sigmund. **“Cinco lições de psicanálise (1910 [1909])”.** Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910). Rio de Janeiro. RJ: Imago, 1996. ESB. v. XI.
- FROMM, Erich. **A arte de Amar.** Tradução: Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2015.
- GOMES, Mariana Andrade. **Experiência estética e estética da recepção.** Cadernos do IL, n. 39, p. 37-45, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo : Editora Revistas dos Tribunais, 1990.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

LEWIS, C.S. **Os quatro amores**. Traduzido por Estevan Kirschner. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LOPES, Thaís de Carvalho Rodrigues. **E era uma vez o fim: representações da morte na literatura infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação, Habilitação em Produção Editorial)–Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica- uma poética do imaginário**. 5ª ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MATOS, Gregório de. "A Jesus Cristo Nosso Senhor" em Só Literatura. Virtuous Tecnologia da Informação, 2007-2026. Disponível na Internet em <http://www.soliteratura.com.br/biblioteca_virtual/biblioteca06.php>, Acesso em 15/01/2026 às 15:10.

MINAYO, M. C. S. **Violência: um problema de saúde pública**. In: _____. Impacto da violência na saúde dos brasileiros Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, 2005. p. 9-42.

O' CONNEL, Mark. (2016). **Almanaque Ilustrado símbolos: origens, significados, utilização e revelações: os códigos secretos dos mistérios, magia e sabedoria de todos os tempos**. 4. ed. São Paulo: Editora Escala.

PAZ, Octavio. (1994). **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano.

PLATÃO. **O banquete**. 1. ed. Ed. VirtualBooks, 2003. (Domínio Público).

PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Um olhar sobre o amor no ocidente**. Psicologia em estudo, v. 14, p. 395-403, 2009.

RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar. **Escarificações: espaço-corpo-memória na literatura e nas artes visuais angolanas (2001-2020)**. Campinas, SP : [s.n.], 2022.

ROUGEMONT , Denis de. **A história do amor no Ocidente**. Prefácio Marcelo Coelho; tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2ª ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003. Clássicos de Ouro Ilustrados.

SCALIA, Daniele. **O gênero conto: principais teorias e situação no Brasil**. Anuário de Literatura, v. 28, p. 1, 2023.

SOUZA, Flávia Mitkiewicz de et al. **A Violência urbana e suas consequências em um centro de atenção psicossocial na zona norte do município do Rio de Janeiro**. Saúde e Sociedade, v. 20, p. 363-376, 2011.

TELLES, Tenório. (2014). **Edifício Marquês de Sade**. Tenório Telles; Roberto Faba; Daniel

Vas (Orgs.). Manaus: Editora Valer.

TELLES, Tenório. **Renovação**. 1. ed. Manaus: Editora Valer, 2013.

TELLES, Tenório. **Viver**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2014.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.